

WLADIMIR OLIVIER

AS PERGUNTAS QUE
KARDEC NÃO FEZ

ÍNDICE

Introdução ao texto.....	
Primeira parte	
Segunda parte	
Terceira parte	
Quarta parte	
Referências bibliográficas	

INTRODUÇÃO AO TEXTO

As perguntas que Kardec não fez não haverá de ser obra acadêmica mas popular, segundo o ponto de vista de que os questionários primam pela singeleza e pela pureza de intenções de caráter primitivo. Não pretendemos cercar os temas do ponto de vista das circunstâncias científicas ou filosóficas do desenvolvimento humano. Queremos prestar ajuda aos menos dotados de tempo, aqueles que se satisfazem em procurar os centros espíritas para receberem as primeiras noções doutrinárias.

Para os assuntos mais complexos, existem as obras da Codificação Espírita e outras na vastíssima bibliografia mediúmica. Contudo, teme-se que os eventos mundanos ultrapassem os limites dos conhecimentos registrados, de forma que outros aspectos novíssimos dentro do padrão da modernidade quedem de fora das considerações inteligentes dos espíritos de luz.

Resta categorizar-nos para que não pare dúvida quanto à generosidade de nossas intenções, para o que, desde logo, anunciamos a nossa matrícula na *Escolinha de Evangelização*, sob a custódia evangélica do Professor Jeremias. Discuti a classe a respeito da necessidade de atribuir-nos um nome e chegamos à conclusão de que não tínhamos resposta plausível para nos designarmos de forma especial. Fique, portanto, registrado que somos o *Grupo das Perguntas*, e só.

— Quem irá realizar a primeira questão: o aluno mais adiantado ou o mais atrasado? — perguntou Jeremias.

Assinale-se que essa foi eleita como a mais jovial de todas as que realizaremos. As outras se caracterizarão como sérias, oportunas e próprias.

Recomendamos ao médium que não imagine nenhum tema de seu interesse. Deixe a responsabilidade das perquirições e respectivas respostas ao grupo e escreva com desenvoltura, sem medo de estar laborando em erro. Talvez, de início, possam parecer muito piegas as interrogações, mas vá em frente até firmar o conceito de que o texto poderá vir a ser útil para os leitores encarnados. Caso contrário, guarde o trabalho para volver a ele no futuro, quem sabe sob os auspícios de turma mais afinada com as diretrizes metodológicas que procuraremos satisfazer.

Uma prece para Jesus inspirar-nos?

Jesus, irmão maior de amor e bondade, volte seu olhar de ternura para este conjunto de seres imersos na luta pela restauração dos males que causamos e promova uma revolução nos conteúdos mentais que nos assoberbam as consciências de preocupações, diante da perspectiva deste trabalho de alta responsabilidade. Envie-nos um de seus guias de luz, para encher-nos de sabedoria os espíritos, sempre no intento sagrado de aprender e de ensinar. Nós muito lhe agradecemos por estarmos usufruindo o direito de nos achegar ao plano material, por havermos avançado um pouquinho no entendimento das leis e de sua aplicação prática no campo da imantação e da transmissão mediúnica de bom calibre. Não permita que nossa linguagem decaia para as expressões mais grosseiras dos que não se dedicaram aos estudos, porém, favoreça-nos a vigilância para que tudo o que redigirmos seja de imediato compreendido e empregado na vida diária dos leitores de boa vontade. Consinta que, em tempo hábil, toda vez que alguém se aproximar dos conceitos que tivermos a honra de expender e estiver qualificado para assimilar mais do que houver sido anotado, que possamos estar presentes para haurir de seus raciocínios. Que este pedido sirva para estimular

a criatividade dos amigos e que nunca nos falte quem nos auxilie a desenvolver novas ideias para futuros empreendimentos neste mesmo setor. Que Deus nos ampare e nos aumente a fé no poder dos espíritos guardiães, com quem contamos para que deem frutos as sementes que estamos vindo plantar. Assim seja.

Primeira Parte

1. Quem estará apto a ascender em paz ao reino do Senhor, partindo diretamente do campo da matéria?

R. Estará propenso a frequentar as regiões mais felizes ou menos dolorosas do Umbral todo aquele que cumprir as diretrizes evangélicas, quais sejam, as do amor, do perdão, da caridade, da generosidade, da compaixão, da solidariedade, da fraternidade, do estímulo à compreensão dos deveres dos seres sobre quem exerça influência por obrigação familiar ou social. Para isso, existe a necessidade de realizar sereno estudo dos ensinamentos de Jesus e das explicações de Kardec. Se alguém, ao tomar este compêndio nas mãos, julgar que vai achar todas as soluções, haverá de ficar decepcionado, porque a nossa primeira lição está em endereçar os leitores às obras da Codificação Espírita. O mais é que virá por acréscimo, conforme a pregação do Mestre: *“Não se inquietem, portanto, jamais, dizendo: Que comeremos nós, ou que beberemos nós, ou com que nos vestiremos nós? — como fazem os pagãos que se requintam em todas essas coisas; pois seu Pai sabe o de que vocês têm necessidade. Busquem, pois, primeiro, o reino de Deus e sua justiça e todas essas coisas lhes serão oferecidas em acréscimo.”* (Mateus, VI, 31-33.)

2. Por que devem os mortais estudar tanto os livros de Kardec se, afinal, assim que deixarem a carne, imergirão no etéreo, onde tudo se revelará a todos?

R. Propriamente dito, esta pergunta foi feita, em diversas oportunidades, por Kardec, talvez sem a ênfase aos próprios escritos, mas tendo em vista as respostas dos espíritos que o assistiam. No entanto, vamos burlar a vigilância do grande pedagogo francês e dizer que as observações dele são importantes para a

afirmação da realidade cultural disseminada pela Europa entre os países tidos, na época, como cultos e civilizados. Não poucas vezes, referindo-se às nações mais pobres em obras tidas como científicas, ou seja, fundamentadas no saber tecnológico, segundo as descobertas e invenções do início do século dezenove, teve oportunidade de rebaixar os espíritos como atrasados. Este tipo de leitura de seu pensamento não deve causar polêmica mas facultar a compreensão de que as pessoas estruturam a personalidade também em função do que a sociedade considera como ideal. Lamentavelmente, devemos referir-nos aos dizeres do Codificador àqueles que chamava de selvagens, de primitivos, de bárbaros, chegando mesmo a dizer que os brancos eram mais adiantados que os negros em termos de evolução espiritual. Ora, é preciso não se esquecer de que os testes de aptidão e de inteligência, de acordo com a capacidade de adaptação dos indivíduos ao meio, não existiam, de forma que as conclusões, neste aspecto, não tinham rigor científico. Ainda hoje, muitos há que pensam exatamente pela mesma cartilha, dando curso aos mais ignóbeis preconceitos e discriminações de cor e de raça. Sendo assim, que se conclua que muito do que ocorre nesse setor se deve a fatores emocionais, sentimentais, sem conteúdo intelectual, já que os avanços nos estudos das raças se fizeram a favor de conceituação bastante precisa sobre o desenvolvimento mental de cada uma. Isto posto, os textos de Kardec devem ser lidos com muito carinho e com elevado espírito crítico, para não sermos envolvidos pelas formulações filosóficas do materialismo que predominava naquela época e que se infiltrou nos comentários do Codificador. Parece ao caro amigo que estamos praticando uma injustiça? Desculpe-nos a afoiteza com que nos dispusemos a abrir este cofre de Pandora, para dele retirar fantasmas. É que devemos partir para colocações mais próximas do entendimento atual das elites culturais, segundo o prisma dos lentes universitários, que era onde se inscrevia o mui digno e emérito escritor francês.

3. Quer dizer que devemos abolir do pensamento a crença de que Kardec era um espírito de luz, dominado que estava pelas aspirações presas aos esquemas mentais do século, e não pela visão da eterna bem-aventurança dos que se filiam às hostes de Jesus na qualidade de mensageiros e de portadores de novas?

R. Absolutamente, não! Kardec veio destinado a cumprir relevantes serviços à humanidade. Não fora ele e não teríamos sequer a nomenclatura valiosa de *Espiritismo*, o que caracteriza a doutrina como Ciência e Filosofia a um só tempo. O que desejamos alertar é para a possibilidade de modificarmos o ponto de vista meramente humano do Codificador. No que se reportar aos ensinamentos doutrinários, propriamente ditos, ou seja, no que respeita às leis e sistemas espirituais, ao *logos* do *Espírito de Verdade*, à fenomenologia mediúnica, à necessidade da reencarnação, às instruções quanto às virtudes emanadas do Evangelho de Jesus, tudo havemos de respeitar e de seguir, para honra e glória das legiões de anjos que nos trouxeram a doutrina espírita. Além do mais, toda a orientação quanto aos cuidados relativos ao tratar com os espíritos, a prudência para não se extraírem teorias das informações não inteiramente solidificadas pelo rol dos dispositivos da argumentação espírita, como ainda o auxílio diuturno que se deve aos menos evoluídos, tudo continua válido dentro da importância dos cânones doutrinários.

4. Mesmo que sejam dadas amplas explicações e feitas minuciosas pesquisas a respeito dos pontos frágeis das obras da codificação, não parece que, de certa maneira, se desprestigia a figura do Mestre e se põe na berlinda o ensino provindo diretamente dos espíritos de luz? Por exemplo, escrever *espírito* com inicial minúscula não contraria o respeito que tinha Kardec para com as entidades do etéreo?

R. Bem pouca coisa seria oferecer a quem quer que seja o apanágio de uma letra em ícone diferenciado para homenageá-la. Mas a tese da escrituração sob uma ou outra característica ortográfica nos remete para o fato de que os princípios da escrita se codificam segundo leis e estatutos não universais. A inicial maiúscula, para os alemães, traduz o nome ou substantivo. Apenas isso. Quanto à palavra *espírito*, trata-se de substantivo comum, o que o vocabulário ortográfico da língua portuguesa obriga a escrever com inicial minúscula. Ao contrário, *Espírito de Verdade*, por designar nome próprio, ou seja, um substantivo que caracteriza apenas um indivíduo da espécie, deve, pelas normas, escrever-se com iniciais maiúsculas, com exceção da partícula prepositiva *de*, que se mantém em minúsculas. Quanto à preposição, porém, *Leonardo Da Vinci*, em italiano, induz-nos, diferentemente, a optar por outra forma ortográfica. Não são poucos os atrevimentos hodiernos, esteticamente em destaque, que trazem com minúsculas, contrariando os dispositivos legais, os nomes de pessoas, como seria se escrevêssemos allan kardec, por exemplo. Mas tais considerações são meramente linguísticas e não atingem o cerne doutrinário da codificação. No entanto, para Kardec se deveria escrever *Espírito*, sempre. E *Espiritismo*? Não é certo que, nas obras originais, se escrevia com minúscula? Então, vamos seguir uma regra dele mesmo, qual seja, a do bom senso, de acordo com o roteiro estabelecido pelo senso comum. Sendo assim, *Espiritismo*, para quando a palavra denominar a doutrina espírita, e *espiritismo*, para quando quisermos referir-nos aos eventos de que participam os espíritos. De resto, ao contrário do que se lê em quase todos os registros espíritas, quer no jornalismo, quer na editoração de livros, Kardec jamais escreveu doutrina espírita com iniciais maiúsculas.

5. Está a parecer que os elementos contidos na questão anterior foram retirados da mente do médium, professor de língua pátria. O que tem de verdade esta suspeita?

R. De fato, os mensageiros que elaboram estes textos não teriam real interesse em desenvolver tais aspectos periféricos, quando fizeram questão de mencionar, desde a primeira pergunta, que o que vale para as pessoas é o evoluir dentro do espírito de solidariedade, de fraternidade e de respeito. No entanto, é preciso promover toda espécie de discussão, tendo em vista que muita gente inculcada dos valores doutrinários se vê às voltas com tais problemas, buscando soluções nem sempre justas, pelo temor de ferir os princípios de mesmo teor estabelecidos pelo Professor Rivail. Vamos dar a cada passo a extensão mais favorável para a compreensão do trecho a ser vencido. Se caminharmos a passos de gigante, encontraremos, com certeza, razões para lamentar não termos observado o que à volta de nós se passava; enquanto outras pessoas vão tão lentamente que temem não decifrar os números relativos a cada partícula de areia sobre que pisam. Se estamos retirando do acervo profissional do médium os conhecimentos específicos, que reajam os técnicos no assunto e ofereçam os subsídios com que nos refutar ou que elejam um elenco de motivos que justifiquem as teses sobre que erigimos os raciocínios.

6. Com certeza, muitos leitores hão de lembrar as palavras da abertura dos trabalhos, segundo as quais iria o grupo desenvolver textos de fácil assimilação. Não estariam sendo traídos os desígnios de se eliminar a complexidade das composições?

R. Aparentemente, sim. Contudo, se os leitores se atrapalharem com temas tão pueris e de tão fácil entendimento, porque cabe aos alfabetizados conhecer as normas ortográficas, como é que irão criar condições para vislumbrar as falácias e engodos dos espíritos interessados em desvirtuar as conclusões dos espíritos superiores? Utilizamo-nos de mera exemplificação para provocar a santa ira dos que apenas requerem dos mensageiros apanhados novos com que adornar os conhecimentos hauridos precariamente das informações sutis dos espíritos que forneceram a Kardec as instruções

fundamentais para a criação do corpo doutrinário espírita. Não se pode querer sempre que os que vêm do etéreo passem justamente aquelas ideias ou impressões que estruturam os aspectos culturais dos leitores. Quando os beneméritos da espiritualidade vieram trazer a Kardec as respostas às questões que lhes propunha, muitas vezes obrigaram-no a refazer os seus próprios conceitos, o que, com muita humildade, sempre reconheceu. Quererão os leitores que busquemos os exemplos ou vão satisfazer-se apenas com a notícia, porque concordam conosco?

7. Existe interesse em orientar os encarnados ou o grupo haverá de satisfazer-se em recriminá-los?

R. Estamos muito longe de determinar os princípios para as nossas transmissões, uma vez que devemos seguir os parâmetros dos professores. Caso tenhamos o desprazer de rascunhar para o aceite dos mestres com o fito de, posteriormente, oferecermos outro texto, seremos obstados no mesmo instante em que tal pensamento nos ocorrer. É que os temas não podem ser meros brinquedos infantis como os joguinhos de adivinhação. Temos responsabilidade para com as próprias virtudes que vimos pregar, de sorte que tudo deve dar-se em consonância com o aprendizado que realizamos. Se pedimos aos leitores para melhorarem o procedimento, isto significa, necessariamente, que passamos pelos mesmos fatores de consecução da personalidade. Pela terminologia que aplicamos, talvez deixemos transparecer que não alcançamos ser tão simples como gostaríamos e anunciamos. Contudo, os pensamentos vão sendo transmitidos e redigidos, de forma que, se houver discrepâncias entre intenção e realização, que nos perdoem os bons e que nos ignorem os de má vontade.

8. Dentre os elementos da equipe, existem os que estão mais adiantados e os mais atrasados, conforme foi sugerido na questão tida como a mais jocosa e que se encontra no texto de abertura?

R. Evidentemente, esta questão Kardec repetiu inúmeras vezes, para saber como categorizar os espíritos cujas mensagens lhe caíam às mãos para análise, caracterização e divulgação. O que diferencia a nossa pergunta é que se trata de um conjunto de espíritos reunidos com a finalidade de cursar as matérias para formação de socorristas, de sorte que, pouco mais, pouco menos, todos se encontram na mesma faixa evolutiva. Não somos muito bons no aspecto intelectual, embora pelejemos para não oferecer resistência aos ensinamentos dos professores. Por outro lado, mal comparando, estamos ao nível dos melhores alunos dos cursos terrenos de pós-graduação. Isto está a indicar que, para a maioria dos leitores, deveremos apresentar desempenho de superior quilate. O que menos sabe dentre nós conhece todos os textos de Kardec e a maioria dos divulgados dentro da seara espírita. Além disso, não se dá o direito a ninguém de desconhecer qualquer dos textos do **Novo Testamento**, para o que devemos integrá-los ao nosso saber ativo, sempre prontos para o exame das situações pelo prisma dos enunciados evangélicos. O que importa mais é o desenvolvimento das virtudes morais, sendo proibido levantarmos dúvida quanto ao caráter de qualquer dos colegas, porque coube ao corpo de dirigentes da colônia a seleção do grupo, com o objetivo de harmonizar os resultados, tendo em vista que não se aceita nenhuma retenção na série, vamos assim dizer, por razões de desleixo emocional e exacerbação da vontade, em detrimento dos ganhos evolutivos da classe. Com certeza, Kardec sabia da existência de escolas e hospitais em colônias no etéreo, mas não deu ênfase a tais eventos, tendo em vista o fato de estar ainda muito crua a divulgação dos dados mais concretos do espaço semimaterial onde se refugiam os seres sem os densos corpos terrenos, apenas com seus perispíritos. Nem haveria necessidade de oferecer ao Codificador tais elementos do plano espiritual, porque teria sido preciso que muitos textos fossem elaborados, exatamente como se deu com a obra de André Luís, pela psicografia de Waldo Vieira e de

Francisco Cândido Xavier, isto quase um século depois da desencarnação de Kardec.

9. Quer dizer, então, que devem os mortais levar em alta consideração as informações que lhes estão sendo transmitidas por simples escolares de uma tal de *Escolinha de Evangelização*?

R. Não se deve jamais julgar as entidades através da conceituação própria que anunciam. Se o indivíduo for desprezível pela desonestidade e mistificação, tenderá a dizer que é o mais modesto de todos os mensageiros, para fixar na mente dos leitores o prisma contrário aos próprios vícios e defeitos. Claro está que, sabendo que podem ser desmascarados, outros virão afirmando-se sábios e prudentes, insinuando que estão em contato direto com Jesus, quando não com Deus. E como reconhecer as virtudes deles em confronto com os nomes sacratíssimos que muitas vezes fazem questão de ostentar? Da mesma forma que Kardec, ou seja, pela qualidade das dissertações, quer no que respeita ao fundo quer à forma. O que se não pode é ficar desprevenido, acreditando que, através de sua voz, de sua pena ou de seu teclado, só poderão apresentar-se entidades de sumo valor. Até quando os temas apenas repetem os que se encontram selecionados nas obras da codificação espírita, mesmo assim há que se estar atento para os pequenos deslizes e senões, a revelar o intuito do gravame dos defeitos e vícios dos encarnados. Deste modo, se quiserem, podem apostar em que estamos levando aos encarnados o melhor fruto de nosso plantio de conhecimentos, pela amorosa concepção de que não exercem o magistério sem se exporem os mestres aos alunos. Nesse sentido, o desenvolvimento do espírito de observação, de análise e de crítica há de ser o principal escopo das aulas.

10. Pelo que nos foi dado avaliar, segundo a linha de raciocínio da questão anterior, até aqui, pelo menos, os expositores se preocuparam em ressaltar a sua postura e o relevante serviço que

pretendem prestar através desta obra. Que outras informações poderão fornecer relativamente aos pressupostos do trabalho, sem se aterem ao âmbito da escola ou da colônia que representam?

R. Claro está que o volume nas mãos dos leitores está a demonstrar que fomos bastante longe em nossa perspectiva de auxiliar o lento evoluir dos mortais e também dos irmãos que nos sucederem nesta matéria, porque irão herdar a nossa tarefa, já com os acréscimos dos estudos e dos debates que estamos realizando. Para além das muralhas desta nossa cidadela, muralhas em sentido meramente figurado porque as nossas defesas são constituídas energeticamente de baterias de repulsão contra os mal-intencionados, oferecemos os serviços de emergência fluídica, de acordo com complexa programação que envolve, em primeiro plano, a intervenção dos protetores individuais e, depois, toda uma escala de entidades postadas estrategicamente no caminho dos assistidos, com variadíssimas funções. Quando estivermos formados e suficientemente adiantados para agirmos com desenvoltura dentro do campo das vibrações condizentes com a frequência das ondas que emitimos e somos capazes de receber e descodificar, ainda assim iremos dar preferência para a atuação conjunta, sempre mais segura quanto aos resultados, porque aqui, como em todos os lugares, uma cabeça pensante não vale tanto quanto duas ou mais. Quando evoluirmos, seremos convocados para tarefas de maior responsabilidade. Quando passarmos por todos os setores, havendo assimilado todos os conhecimentos, segundo as áreas de interesse dos labores ali empreendidos, seremos guindados a postos administrativos, dentro dos diferentes ministérios. Após muito labutar, tendo compreendido cada minúscula reação dos seres sob a tutela dos ministros, vamos para a governadoria, ponto mais elevado dentro da hierarquia da colônia. Podemos, segundo o interesse demonstrado, em se abrindo vaga, ser investidos no cargo de ministro, de onde sairá o governador. Entretanto, nem todos fazem carreira nesse sentido, porque vão se afunilando as oportunidades

de trabalho dentro da colônia. Aí, muitos vão exercer o mui digno cargo de embaixadores junto a instituições recém-constituídas ou, o que é mais valioso, serem responsabilizados para a construção e manutenção de uma nova colônia. Se era a isso que a pergunta fazia referência quando pedia para extrapolarmos as lindes dos trabalhos meramente escolares, pensamos haver respondido.

11. Pelo teor das respostas, estamos temerosos de que o título da obra não esteja muito adequado, uma vez que, verdadeiramente, Kardec não poderia ter efetuado tais questões, já que o ponto de vista de quem interroga se situa fora da área dos mortais, ou seja, parte de entidades despojadas das vestes carnis. Isto não irá dar aos leitores razões para repudiarem o livro?

R. Evidentemente, se estamos respondendo às perguntas que nós mesmos elaboramos, não temos o que temer, porque não estamos ludibriando ninguém, quando pretendemos, sim, elucidar certos aspectos diretamente vinculados aos do etéreo. Se tais notícias não despertarem os leitores para as necessidades de conhecimento para além da vida, poderemos censurá-los mais à vontade quanto à materialidade de suas intenções. O mundo que denunciemos não irá abranger completamente todos os círculos de existência para os espíritos, não apenas porque não queremos acreditar em que as pessoas que estejam acompanhando os nossos esforços de transmissão mediúnica se predispõem à maldade, aos crimes e aos vícios, como ainda suspeitamos de que não haverá ninguém com tamanha envergadura moral e intelectual que prescindia de enfrentar os rigores destas explanações. Mas concordamos em que basta de falar em função da classe e de seus objetivos. A partir de agora, as perguntas devem eleger aspectos problemáticos modernos. Chega de defender os roteiros que adotamos por força das atividades curriculares.

12. Para fazer jus ao título, Kardec não perguntou nada a respeito dos genocídios, das guerras de extermínio, das hecatombes tecnológicas e do avanço extraordinário das artes bélicas. Sabemos que se interessou pelas mortes coletivas, tendo recebido respostas coerentes com a necessidade da dor para a evolução dos espíritos. Não haveria certa *ingenuidade* nas batalhas ao tempo do Codificador, em função do que se deram as respostas a que nos referimos? Por outra, o espírito humano não teria evoluído no sentido do mal, não retrogradando de per si, mas possibilitando que seres mais perversos viessem a encarnar-se, contrariando a expectativa dos espíritas da primeira hora, que esperavam que o Espiritismo trouxesse a paz universal, transformando a civilização do tipo europeu no tão sonhado paraíso terrestre?

R. A natureza humana se compraz em realizar objetivos dentro dos arcabouços sociais que estrutura. Sendo assim, para que se efetuem os avanços espirituais de última geração, para utilizar-nos de linguagem técnica, preciso seria que as pessoas se dedicassem a descobrir os segredos dos mundos ocultos, das vibrações sutis, das influências de outro caráter que não o material, sem canalizar os conhecimentos para as vantagens pessoais de se gozarem todos os recursos sensórios. Em outras palavras, o despertar da consciência deveria dar-se na direção do bem por amor à humanidade. Enquanto prevalecerem o egoísmo, o orgulho e a vaidade, haverá a prepotência de reinar nos corações dos homens e dos povos, numa tentativa de fazer com que cada nacionalidade esteja usufruindo o mais possível as condições de excelência da vida. Mesmo quando a guerra não se declara entre as sociedades reunidas em pátrias, vemos a destruição do homem pelo homem no interesse dos lucros, como no caso das drogas e de outros vícios. Tal princípio sumamente materialista é que vigora de maneira geral, sendo incompreensível a exigência de sacrifícios que onerem a todos. Por isso, as maiorias são sevicizadas pelo poder de concentração das riquezas naturais, como também se estabelece a preponderância

dos mais inteligentes e sagazes, no mau sentido, em função do aproveitamento do trabalho alheio para a manutenção do poder. Se guerras existem, concordem conosco, é porque existem armas, que são fabricadas justamente para fomentar o extermínio. Hoje em dia, não se dá sequer a desculpa da legítima defesa, mas se estimulam as vendas dos armamentos com a justificativa de que tal indústria dá emprego a muitos chefes de família. Mesmo que admitíssemos que se vem dando mais uma oportunidade aos piores para regeneração e que, por isso, crescem os males, ainda assim não poderíamos julgar justo que as pessoas não tenham recursos de sobrevivência material, para o efeito do crescimento espiritual. Não é verdade que a frase idealizada pelos centros espíritas, segundo inspiração mediúcnica, é *ler ou estudar Kardec para viver Jesus*? Ora, se as pessoas estão largadas à miserabilidade e à mais grosseira ignorância, sem escolaridade e sem meios de adquirir a cultura livresca, não se pode esperar que prospere o Espiritismo como roteiro para a salvação da humanidade, enquanto espécie imersa nos transe da dor e da infelicidade. É preciso, pois, que, entre os encarnados, se estructurem os contatos com bases menos materialistas, para propiciar aos bons a precedência sobre os maus.

13. Em suma, podemos concluir que os homens vão continuar massacrando-se em todos os níveis de seus relacionamentos? Por outra: ninguém se salva?

R. No fundo do baú de Pandora, ficou presa a esperança. É ela que nos sustenta a voz e nos dá força para evidenciar aos encarnados que os espíritos estão preocupados com os desajustes morais, vamos dizer assim, que causam tanto sofrimento nas camadas mais modestas das populações. Todavia, a visão pessimista de quem apenas leva em conta que, no século vinte, mais de cem milhões de pessoas foram mortas através de atos criminosos, deve ofuscar-se pela informação de que existem bilhões de seres no espaço espiritual em atividade de esclarecimento individual e coletivo, quer

no plano etéreo, quer mediunicamente. A salvação, pois, tem de prever-se forçosamente, porque Jesus nos ensinou o caminho e todos teremos de passar pela porta estreita que a ele dá acesso. Mas não se tenha como prioridade a transformação das sociedades humanas em verdadeiros paraísos de equilíbrio e harmonia, porque a bem-aventurança está muito além, em moradas sublimes, onde o respeito ao direito dos semelhantes é absoluto. É, entretanto, de todo necessário que os primeiros avanços se deem nos planos mais grosseiros, neste ou em outros orbes de expiação e de dor, segundo o desenvolvimento espiritual de cada um.

14. A explicação acima nos autoriza a perquirir a respeito de dois pensamentos que correm entre os encarnados: em primeiro lugar, se os que não melhorarem irão ser levados para climas menos amenos, em planetas de piores condições cármicas; em segundo lugar, se as populações da Terra serão responsabilizadas pela devastação da vida, o que as remeterá às regiões trevosas, seja em sentido próprio, isto é, aos Infernos chamados de Umbral dentro da sistemática doutrinária espírita, seja em sentido figurado, quer dizer, nas profundezas das consciências peçadas de culpas.

R. Deus é pai de misericórdia e jamais faltará aos seus filhos. Qualquer que seja a condição de inferioridade em que se virem as criaturas, merecerão toda ajuda dos anjos guardiães individuais ou coletivos. Tal foi a resposta dada a Kardec às questões que propôs nesse mesmo sentido. Contudo, respondendo diretamente ao que se propõe como alternativa, podemos garantir, sem medo de errar, que existem lugares no Universo equipados materialmente para receberem os espíritos mais rebeldes, onde a morte não se põe como fim da carreira, o que elimina completamente o aspecto do holocausto. As composições energéticas que dão compleição ao organismo material se recompõem naturalmente, reimplementando as situações de desgaste, sem a perspectiva da fuga para o etéreo. Mas aquele não é o Inferno das penas eternas. Simplesmente,

aguardam os orientadores espirituais que haja compenetração dos males contra a criação, para resgatarem os infelizes, proporcionando-lhes vidas mais amenas em outras esferas, vidas em condições melhores de progresso. Mas esse recurso não é de agora. É de sempre, conforme Kardec foi informado no que tange à chamada povoação da Terra pelos exilados da Capela, a raça adâmica que o Codificador assinalou em seu livro *A Gênese, os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo*. A segunda parte remete-nos à preservação das condições ambientais do planeta favoráveis à existência de vida humana. Está muito claro que a reencarnação é de lei e a ela aspiram quantos habitam o bátraco, pelo desequilíbrio de seus espíritos, em perene desconforto porque não se conformam às lições de Jesus. É de se imaginar que os que provocarem o desaparecimento da vida humana na Terra, quando se inteirarem de que não terão mais, por muitos séculos, a oportunidade de regressar às paradisíacas regiões em que o sensorio de suas personalidades possa refolegar-se em gozo, terão do que se arrepender, submetendo-se, finalmente, à perspectiva de outras soluções sobre que não terão domínio.

15. Não há como não reconhecer que o quadro é sombrio. Estarão os espíritos preocupados em orientar os encarnados no sentido de favorecerem empreendimentos de defesa dos recursos naturais, tendo em vista que precisam volver à matéria para darem continuidade aos seus planos de resgate e aperfeiçoamento?

R. Mais do que fazem crer as nossas respostas anteriores. Kardec, em diversas ocasiões, manifestou pensamentos em que enquadrava seres com funções de resguardo da natureza. Se chamarmos, então, essas entidades de seres elementais, não feriremos os pruridos de sensibilidade dos espíritas mais ortodoxos. Elas existem e velam pelas realizações vegetais e minerais. O que podemos adiantar é que não no fazem para dar aos homens a regalia de uma vida mais fácil. Fazem-no para o desenvolvimento dos seres de que tratam. Quando

os arquitetos dos organismos complexos puderam dar forma às espécies animais, naturalmente, fundamentaram os atributos da constituição dos corpos aproveitando-se dos desenvolvimentos nos outros setores da realidade terrestre. Ora, a crise em vias de abranger todo o orbe, pela destruição do ar, da água e do solo em condições de manter a vida humana, também atingirá o reino vegetal e, parcialmente, o mineral. Nesse sentido, unem-se todas as forças de controle ambiental e promovem, por muitas vias, a conscientização dos responsáveis pela obra política de equilíbrio social e multinacional. Neste trabalho, são empregados todos os meios de contato, embora os que diretamente conturbam os ecossistemas não deem acesso aos protetores e fazem ouvidos moucos para as informações que não são de seu interesse material. Como todos, receberão, em tempo oportuno, a tarefa de, volvendo ao plano terreno, restabelecerem, esperamos que sem sofrimento, o equilíbrio que romperam.

16. As explicações estão claras. O que nos parece obscuro é o prognóstico da salvação do globo, porque está muito acelerada a devastação de que falamos acima. Podemos contar para o próximo século com a solução do problema?

R. Não nos cabe fazer previsões. Pelas respostas às questões anteriores, parece-nos havermos deixado claro que, qualquer venha a ser a consequência das atividades de aniquilamento do hábitat humano, sempre haverá honrosa saída para os beneméritos espíritos de luz a quem se deu o encargo de auxiliar o progresso dos espíritos que aqui existem. Antes e acima de tudo, é preciso manter a esperança de renovação das oportunidades de progresso espiritual, ainda que se desfaçam as de regalada vida dentro da matéria. Lembrando-nos da lição bíblica do *Gênese*, podemos dizer que aos homens cabe destruir o paraíso terrestre, enquanto ao Pai não falta a generosa complacência de manter abertas as portas do paraíso celeste.

17. Se estão sendo dadas tantas oportunidades de regresso ao ambiente terrestre, ao mesmo tempo, não se estará estimulando o desejo de permanência nesse vaivém, principalmente no que concerne aos espíritos medianos, porque não sofrem nas trevas e não deixam de possuir gozos e felicidades terrenas? Não estará aí um meio de se tornarem preguiçosas tais entidades, no sentido de favorecer-lhes bem-estar material, sem qualquer incentivo aos ganhos espirituais?

R. Em verdade, muitos seres existem nessa pendência há muitos séculos. Mas a paciência, sendo apanágio dos santos, não haverá também de ser de Deus? Explicamo-nos. Quando todos os recursos tiverem sido conhecidos e exaustivamente usufruídos, despertar-se-ão os instintos da curiosidade evolutiva, tanto que muitos dos amigos e familiares pertencentes ao círculo dos estacionários vão deixando, por mudanças para melhor no procedimento evangelizado, a companhia dos que retardam o progresso, de maneira que acabam estes não vendo vantagem alguma em retomar indefinidamente a tarefa da aproximação para junto de novos companheiros. A saudade é sentimento que se desenvolve indelevelmente para quantos elejam a felicidade como prisma existencial. A captação de novas amizades vai tornando-se angustiada, de sorte que se obrigam os mais renitentes a estudarem as razões de seu procedimento, acabando por atinar com a lei que os obriga a partirem para as esferas mais evoluídas.

18. Quer dizer que, para esses indivíduos, o melhor é deixá-los à própria sorte?

R. Todos estamos sob a tutela atenta dos protetores que, por razões óbvias, devem entender mais que nós do caminho mais produtivo para a aquisição dos bens espirituais. O que se passa no caso da questão anterior é que os envolvidos pela rotina não aceitam a influência superior, sem colocarem, porém, nenhuma resistência de

caráter ativo. São passivos e vão deixando fugir as oportunidades de discussão e de estudo. Para encerrar, devemos pôr em relevo que estamos tentando alertar para a necessidade do desejo de abandonar os embalos materialistas, mesmo porque, segundo o que mais acima expusemos, as condições do planeta estão francamente em decadência, de forma que vai tornando-se cada vez mais complicada a condição dos regressos infensos à dor e ao sofrimento. Cada vez mais se caracteriza que os abonados apenas se aproveitam das riquezas que acumulam a partir do trabalho, do sacrifício e da miséria da maioria.

19. Sem que pretendamos ofender, desculpem-nos, não existe, na posição que privilegia os melhores, a sutil sugestão de que devam passar por encarnações de extrema privação? Queremos aludir ao fato de que muita gente pratica a caridade (sem a qual não existe salvação) possuindo bens materiais de vulto. Não estariam os mensageiros sendo extremamente radicais na aplicação das leis do amor, do trabalho e da justiça? Sabemos que Jesus orientou o jovem rico a que vendesse tudo e distribuísse o resultado dos negócios entre os necessitados. No entanto, atendeu, de maneira sublime, a todos, recomendando para que não mais pecassem. Isto não está a demonstrar que a questão da salvação não está centrada na riqueza mas no procedimento? Se disse o Mestre que era mais fácil um camelo passar pelo fundo da agulha do que um rico entrar no reino, não disse que seria impossível. Em que ficamos?

R. Está claro que o processo das reencarnações elimina a preocupação com a utilização errada dos recursos em sobejo. O que se põe à consideração dos encarnados é o fato de se encararem os ensinamentos desde a compreensão deles, de maneira a se integrarem na personalidade. Quando houverem assimilado as vantagens espirituais do comportamento afeito ao bem dos demais, não estarão sujeitos ao egoísmo de quem se vê sempre em primeiro lugar. Se não precisarem extinguir todas as benesses que receberam

por herança, estimulando o crescimento delas em função da aplicação em prol do bem-estar coletivo, melhor para o conforto com que irão dedicar-se ao aprendizado evangélico. Afinal de contas, para o entendimento, por exemplo, destes dizeres, terão as pessoas que saber ler e interpretar com alguma acuidade os raciocínios desenvolvidos. Para tanto, se não tiverem tempo para os estudos, imergindo tão só no trabalho desolador de quem precisa do suor, das lágrimas e até do próprio sangue para a sobrevivência, não haverão de saber que espíritos existem interessados em fornecer-lhes os haveres intelectuais pertinentes ao sucesso das encarnações e poderão perder-se em infrutíferas e injustas lamentações contra o destino e, por consequência, contra o Criador.

20. Muito embora as duas últimas questões possam ser entendidas como de todas as épocas, não é verdade que as pessoas, no final do século vinte, estão muito mais coagidas que as do tempo de Kardec a pensarem em si mesmas e aos familiares, tendo em vista que os bens materiais vão tornando-se cada vez mais próximos do bolso e do desejo de todos? Por outra, não existe a suspeita de que a igualdade entre os cidadãos é só questão de justiça e não de herança consuetudinária dos estratos e camadas da sociedade?

R. Esse anseio de obtenção das mesmas regalias dos mais ricos é de todos os tempos. O que existe de novidade é a perspectiva do emprego da força para a revolução econômica, sem que se organizem os rebelados em associações ou grêmios, sob o prisma de princípios extraídos de teorias filosóficas. Hoje em dia, despreza-se o direito instituído pelas leis e o grosso da população assume as rédeas do seu próprio crescimento material, rejeitando a coerção de caráter moral ou religioso. Mas isto ocorre em função do caos governamental de algumas nações. Onde existe o império da lei e as forças de repressão atuam com eficácia, persiste aquela paz que propugnamos para a aquisição dos valores codificados na doutrina espírita. Em todo caso, muitos indivíduos vão recebendo as

informações de caráter evangélico, restringindo a sua vontade ao máximo, oferecendo-se para uma vida equilibrada, segundo os padrões do amor ao próximo e da felicidade de todos.

21. Não nos parece que as explicações sejam de molde a facultar aos leitores o entendimento do que deles se requer. Não poderiam os expositores ser mais claros?

R. Não queremos elaborar digressões históricas. Cabe-nos flagrar o momento presente e delimitar as respostas aos problemas da hora. Para sermos mais claros, deveríamos repetir a recomendação das leituras básicas, uma vez que a respeito dos procedimentos morais tudo já foi dito e não apenas nos *Evangelhos* mas em muitíssimos outros textos espíritas. Não há como realizar pregações diferenciadas quando o tema envolve as eternas mazelas da alma humana. Se existe, no mundo de hoje, recrudescimento da maldade, é porque os cidadãos estão mais armados, em todos os sentidos, ou seja, com apetrechos bélicos mais eficazes para a eliminação dos obstáculos humanos aos seus objetivos, como ainda se dissemina entre a população o uso das drogas alienantes, que inspiram o vandalismo particular e coletivo. Por isso, entre os espíritos mais adiantados se nota crescente interesse em vir à presença dos encarnados (os de boa vontade) para o fornecimento de textos de advertência e de orientação, o que se pode observar desde Kardec. Antes que perguntem, vamos dizer que as ondas de fervor apostólico de nossos maiores nos impulsionam também a nós, últimos na escala da *Escolinha de Evangelização*, para virmos trazer mensagens de mesmo teor, no ensejo que nos dão os professores.

22. Não querendo sair da linha das questões, desejamos saber como podem os mais esclarecidos dentre os encarnados trabalhar para melhorarem o aspecto acima referido da ganância desmedida dos que submetem o povo a roteiro de atitudes francamente contrárias ao ideal espírita da perfeição moral. Não estarão os espíritas meio

perdidos dentro dessa esfera de criminalidade cada vez mais terrível?

R. O trabalho não é fácil nem simples; nem será realizado em uma única geração de abnegados servidores kardecistas. Estende-se por quase cento e cinquenta anos e não se veem perspectivas de se universalizarem os conceitos impressos nos livros da codificação. No entanto, não se deve colocar o nível de aspiração socorrista muito alto. Quando se der aquele despertar referido na questão de número dezessete, todos irão passar para a fase subsequente do progresso espiritual, ainda que isso represente alguns milênios de expectativas frustradas dos que gostariam de ver a Terra imediatamente sob a luz evangélica. Vocês pararam para pensar em qual poderá estar sendo a atitude mental do Cristo, perante a atual crise de consciência por que passa a humanidade? Então, havemos de confiar em que os espíritos de luz também estão atentos para os problemas humanos, tanto quanto estão para os problemas de degeneração do planeta.

23. É verdade que os espíritos de luz têm roteiros de atividades que não incluem os encarnados, ou seja, vivem existência alheia aos preceitos do realizar o bem por amor ao próximo, uma vez que se dedicam exclusivamente aos estudos dos princípios e leis universais para poderem evoluir livremente, sem o peso dos compromissos ou o ônus das promessas?

R. Certamente, muitos estão nesse caso, talvez por terem concluído a sua quota de benemerência. Não será justo que os seres se arremetem para a configuração do perfeito, segundo o incentivo de Jesus? Nesse aspecto, não estarão os ensinamentos do Mestre muito mais voltados para as realizações materiais, porque foram ministrados aos homens? No plano espiritual, devemos esperar que outras sejam as tarefas nobilitantes. Quanto ao que concerne aos que vêm ditar estas mensagens, claro está que somos do quadro dos socorristas com funções de soerguimento dos leitores. No entanto, preocupam-

nos as atividades superiores, porque temos para nós que, um dia ou outro, iremos defrontar-nos com um convite de ascensão, momento em que precisaremos afastar o cálice das amarguras alheias, porque a cada qual segundo as suas obras. Se efetivarmos as missões que nos concernem e que nos são propugnadas pela mentalidade do amor incondicional a todas as criaturas, não será justo que mereçamos o beneplácito da condição de subirmos na escala espírita? Não estamos, contudo, preparados para analisar os meandros da espiritualidade maior nem as sutilezas dos raciocínios que envolvem ensinamentos que não assimilamos porque muitíssimo complexos para a nossa capacidade intelectual. Se os irmãos que vivem nas esferas de completa bem-aventurança realizam obras cuja extensão e profundidade não somos capazes de avaliar, com certeza estarão recebendo a aprovação de Jesus e demais administradores do cosmos.

24. Os que se julgam desamparados pelos melhor dotados de sentimentos e de conhecimentos podem ser acusados de egoístas?
R. Não nos cabe acusar ninguém de nada. Que cada qual observe o seu esforço próprio, tendo em vista o acumular das virtudes. Se as pessoas nadam nos defeitos e nos vícios, vão ter de superar as estruturas de comportamento que as manietam e submetem a parâmetros de vida inferior. Como ascender em conhecimentos, se não se dominam os desejos espúrios? Se o levar vantagem orienta o procedimento, clara fica a conexão entre o privilegiar do *ego* e as atividades dentro do campo mundano. Ora, sentir-se desamparado só poderá quem, realizando um esforço sacrificial, não obtenha a ação ou a reação correspondente do campo etéreo. Mas isto não consta dos anais da espiritualidade, porque sempre existem os protetores que dão cobertura às solicitações de amparo, sutilmente enviando avisos através da intuição ou pelo estímulo dos mais sensíveis às informações de caráter mediúnico para a influência indireta dos que desejam promover o próprio progresso. Sendo

assim, cabe a cada um, repetimos, conhecer-se a si mesmo, para deixar-se impregnar da sabedoria espírita.

25. Nem sempre concordam os estudiosos do Espiritismo em pontos essenciais da doutrina, julgando por si mesmos tais ou quais roteiros ou diretrizes emanadas dos textos codificados por Kardec. Como deverão agir os menos aptos às discussões de caráter filosófico, para o estabelecimento da realidade etérea, quando encalacrados pelas discussões dos mais doutos?

R. Existe uma regra geral indefectível, qual seja, a ninguém é dado suspeitar de que Deus seja injusto, renegando umas criaturas em benefício de outras. Dizem que no infinito até as linhas paralelas se encontram. Pois bem, por mais azedas possam ser as querelas humanas, irão conflagrar posteriormente em adequada arena para a solução das controvérsias, isto no plano da espiritualidade. Nesse momento, se houver a necessidade da união dos sentimentos, porque a disputa envolveu o setor das suscetibilidades, estarão sendo esclarecidos os litigantes pelos protetores individuais, em clara demonstração de que a querela não passou das ofensas secundárias no âmbito do amor-próprio. Depois de resolvido o problema emocional, os novos companheiros serão convidados a pesquisar em conjunto os pontos sobre que divergiam, estabelecendo com precisão cada premissa, de modo a concluírem em sintonia qual é a verdade, sem constrangimento para o que não estava com a razão. Podemos adiantar que, quase sempre, ambos terão o que aprender, porque as visões humanas estão restritas ao seu próprio campo energético e os neurônios cerebrais, embora complexos, nem por sombra representam o vigor da inteligência liberta dos espíritos quando afeitos aos temas doutrinários. Os pobres e imperfeitos, que não chegam a atinar sequer com as razões da hora dos debates carnavais, farão muito bem se, confiando em Deus, aguardarem o resultado das próprias pesquisas em tempo hábil, ainda que se passem vários milênios. Só o fato de virem

prestando atenção a estas questões é prova suficiente para serem designados como esperançosos, fiéis e caritativos. E isto é muito perante as forças de integração evangélica encarregadas da supervisão das tarefas que serão requeridas às pessoas de boa vontade.

26. Vamos descer ainda mais no nível de expectativas dos encarnados, para podermos compreender o que se espera dos analfabetos que participam do movimento espírita na qualidade de auxiliares dos trabalhadores intelectualizados. Não é justo que obtenham favores especiais dos protetores e mentores das instituições do etéreo?

R. Enquanto encarnados, receberão assistência direta e indireta, como acima referimos. Se estiverem verdadeiramente interessados em prestarem serviços relevantes à causa espírita, na figura dos irmãos sofredores, através da doação de seu tempo para lenir as aflições morais ou físicas dos semelhantes, não terão que se preocupar com o fato de não entenderem os desenvolvimentos silogísticos estruturados em linguajar castiço, onde o léxico se constitui em barreira intransponível, como no caso desta dissertação. Supondo-se que estão ouvindo a leitura do texto, caberá aos expositores melhor treinados na interpretação das teses informar do que se trata, por meio de explanações mais lúdicas, menos acadêmicas, com exemplificação coerente com o grau de desenvolvimento intelectual dos companheiros. Isto é óbvio. Mesmo quando muito ficar sem compreensão, ainda assim tudo haverá de fixar-se no cérebro semimaterial do perispírito para evidenciação durante as reflexões a que serão estimulados em momento oportuno. Sabe-se que até dormindo as pessoas podem receber a influência externa, embora haja consideráveis entraves segundo a contextura mental de cada indivíduo. Em todo caso, *mutatis mutandis*, é o que se passa no caso em pauta. Não serão estes os tais favores especiais a que se refere a pergunta? São tão especiais

que se incrustam na natureza profunda de suas organizações físicas e espirituais, elemento inerente e imanente ao processo de criação e de educação evolutiva dos seres.

27. Não querendo revolver os informes iniciais, parece-nos que se disse que não estariam os mensageiros preocupados em tornar filosóficos os textos. Sem censura, gostaríamos que nos fosse fornecido esclarecimento relativo à complexidade dos últimos desenvolvimentos.

R. Na verdade, se as composições forem lidas com atenção, verificar-se-á que a preocupação não está centrada nos temas filosóficos nem doutrinários, propriamente ditos. O que ocorre é que não se pode tornar simples o que de per si só é extremamente complexo. A simplicidade que se requer talvez vise a brindar os leitores com explicações exaustivas, burilando-se cada minúsculo pensamento com o desbastar das arestas das dúvidas parciais. Por outra, para tornar mais inteligível o contexto da frase anterior, deveremos expor através de diversos ângulos cada apreciação levada a cabo a partir do assentamento das premissas, como este mesmo parágrafo se acrescenta ao que tomamos como exemplo de formulação complicada. Entretanto, se assim procedêssemos para cada item referido, estaríamos tornando o diálogo em monólogo, transformando as questões em verdadeiros tratados. Nada temos contra este tipo de dissertação, todavia, elegemos a maneira do interrogatório, conforme se propugnou ao Codificador, para favorecer a partição dos temas, limitando o mais possível a tendência dos leitores ao devaneio, obrigando-os a repetir o ato de concentração toda vez que se insere uma nova pergunta.

28. Qual a importância da quebra sequencial realizada através da pergunta acima, tendo em vista que nada acrescentou ao alerta para o desenvolvimento espiritual das pessoas menos dotadas intelectualmente?

R. Reside a importância justamente na diversificação dos interesses dos encarnados, que respeitamos e, de certo modo, incentivamos. Nem todos vão entender tudo, de forma que alguns parênteses faremos em proveito dos que a pergunta classificou de menos dotados.

29. Não podemos deixar passar a oportunidade de notar que existe certo ranço de malícia na resposta acima, como a provocar os amigos terrestres ao refazimento das expectativas de si mesmos, segundo o prisma de que não devem considerar-se inferiores, caso em que se veriam magoados com a observação. Não foi essa a intenção?

R. Dissemos na introdução que não brincaríamos e que a pergunta mais engraçada havia sido reproduzida ali. Sendo assim, induzimos para uma leitura mais refletida, mais meditada, o que fará render a obra para além do explícito. Pesquisas bibliográficas enriquecerão os nossos textos e ampliarão os horizontes humanos. Afinal de contas, nem Kardec perguntou tudo, nem nós estamos aptos a exaurir o rol das questões dos estudiosos, mesmo porque os irmãos médiuns já transcreveram muitíssimos outros ensinamentos que os espíritos de luz houveram por bem enviar depois que a doutrina foi codificada. Fique a advertência para que não se pense que o Espiritismo se resume nas obras do chamado *pentateuco kardequiano*.

30. Se Kardec estivesse presidindo estas manifestações, teria preocupações diferentes das que teve quando encarnado? Por favor, não fuja à pergunta, dizendo-se incapazes de supor o que o Codificador diria. Obrigado.

R. Imaginar o que estaria passando pelo lúcido espírito do Professor Rivail não é tarefa de somenos. No entanto, podemos afirmar, sem medo de cair em erro, que as questões se repetiriam, caso não tivesse havido a codificação. A presente pergunta é oportuníssima para discorrermos a respeito da necessidade das leituras básicas.

Por outro lado, reencarnando-se no meio espírita, aqui no Brasil, Kardec se veria às voltas com inúmeras questiúnculas levantadas pelas diferentes alas do movimento que se fundou a partir dos eventos mediúnicos que dão sustentação à doutrina. Sem dúvida, teria muita dificuldade em caracterizar, perante os dirigentes supremos das federações, associações e sociedades, que estaria recebendo informações exatamente dos mesmos espíritos que lhe deram a responsabilidade de divulgar os tópicos essenciais da doutrina. Qualquer pessoa que se diga sob orientação de espíritos como os de Sócrates, Platão, São Luís, Santo Agostinho, Erasto, sem falar do próprio *Espírito de Verdade*, iria causar celeumas infindáveis, pela desconfiança de fraude ou mistificação, como ainda os médiuns correriam o risco de serem acusados de animismo. Se o nosso grupo estiver desenvolvendo temas de superior qualidade, por outro lado, afirmando que se trata de um conjunto de escolares pertencentes a uma tal de *Escolinha de Evangelização*, aí a cobrança se dá ao contrário, querendo o povo saber de quem se trata, uma vez que os pensamentos se coadunam com os mais sofisticados e melhor redigidos que se encontram nas obras de Kardec. Preso por ter cão; preso por não ter cão.

31. Como é que se resolvem problemas dessa espécie, para configurar aos leitores que se trata de textos de superior envergadura moral, de acordo com os critérios que pautaram as mesmas transmissões ao tempo do Codificador?

R. O exemplo deve partir das obras captadas pelos diferentes médiuns que se atreveram a fixar nomes de grande repercussão cultural. É que os analistas vão além das prescrições do próprio Kardec, que solicitou muitas vezes que a prudência das interpretações se fundamentasse na elevação moral, na universalidade das informações e no alto gabarito linguístico ou literário das peças sob julgamento. Quando o nome é conhecido, exige-se que o estilo, ou seja, a maneira de escrever, reflita a

postura mental dos tempos em que o mensageiro era encarnado. Para abrir caminho para as obras que seriam postas a lume através da psicografia de Francisco Cândido Xavier, o grupo que lhe dava sustentação mediúnica convidou grande número de poetas para oferecerem composições muito próximas das que produziram em vida. Mesmo assim, críticos apareceram que afirmaram que as obras não se comparavam, esquecidos de que todos evoluímos no plano espiritual, elegendo temas de conteúdo doutrinário, desprezando, por conseguinte, o *glamour* das expressões inusitadas para a configuração do autêntico, do genuíno, do vanguardeiro, porque existirá sempre, nesse caso, o desprezo da forma supimpa que é característica da vaidade dos gênios encarnados, no sentido da afirmação da personalidade como exponencial para o meio em que atuam. Não é verdade que este mesmo texto causa arrepios até na medula dos que têm a coluna ereta e rija, pela extrema simpatia aos textos absolutamente sérios, dentro do rigor metodológico do próprio Codificador? De qualquer forma, um só vestígio de preponderância dos conceitos ainda não carimbados pelos notáveis dentre os dirigentes ou dentre os tidos como os ímpolutos dentro do movimento espírita torna suspeito o próprio desenvolvimento, ainda que embasado na lógica mais primorosa, segundo as normas cultas do idioma. Não de valer, enfim, os critérios de Kardec, desde que, é claro, utilizados com a mesma desenvoltura intelectual.

32. Quer parecer-nos que as obras nem sempre comoverão os editores, sem a chancela dos mais preclaros ou a recomendação dos mais influentes. Isso haverá de pesar na balança da inspiração dos mensageiros do *Grupo das Perguntas*?

R. Indubitavelmente, porque não queremos jamais provocar a santíssima ira dos que se virem desalojados de seus tronos de sabedoria, posição sempre conseguida com muito esforço, segundo trabalhos elaborados através de íngenes sacrifícios. Para alcançarmos sucesso editorial, tudo fizemos da melhor maneira

possível, estudando os textos fundamentais, partindo para o conhecimento das obras subsidiárias, criticando os elementos menos representativos dentre os que se projetam no ambiente espírita através de recursos nem sempre saudáveis do ponto de vista doutrinário e até mesmo moral, lendo na alma dos dirigentes mais importantes, conversando com os mentores espirituais das federações, caracterizando a matéria de interesse dos que se aventuram a questionar as posições menos felizes dos que se arrojam por conta própria, aventurando-se no mar aberto das divagações imaginosas. Se Kardec estivesse vivo, gostaria, sobretudo, de encontrar espíritos que se afirmassem preocupados com a atualidade dos ensinamentos, sob o ponto de vista das necessidades dos que imergem na propedêutica doutrinária, principalmente porque os que vêm estudando com afinco as obras fundamentais se encontram preparados para desenlace com perspectivas de agasalho nas colônias, para os acréscimos teóricos de que se virem em falta.

33. Não haverá incrustada nessa atitude certa malícia, certo desejo de acertar sempre, pela imposição de superior intelecto, apesar da pobreza das considerações?

R. Teriam razão os que nos imputassem semelhantes intenções, se pretendêssemos tão somente oferecer textos de caráter incentivador, dentro dos roteiros conhecidos, favorecidos pela maleabilidade idiomática de que somos possuidores. No entanto, estamos indo bastante longe na apreciação das realizações humanas em todos os setores de atuação, de forma a estabelecer critérios de análise nem sempre condizentes com a perspectiva simplista dos que desejam ver em tudo apenas a inocência dos que erram muito, *porque não sabem o que fazem*, segundo a expressão magnífica do Cristo, ao solicitar ao Pai que lhe perdoasse os algozes. É evidente que, se todos estivessem informados das consequências de seus atos, evitariam os deslizes, desejosos de acertar sempre. Ora, não é

exatamente ao que estamos visando com a pretensão de que a nossa iniciativa chegue ao maior número possível de encarnados? Estas apreciações, portanto, longe de serem periféricas, aqui se estendem para finalizar a explicação de que, desde sempre, os espíritos procuraram influir nas decisões dos encarnados, por meio de roteiros enérgicos, para não ensejarem dúvidas perniciosas ou conclusões falsas, a partir de textos não peremptórios, não definitivos, não claros nem elegantes. A retórica humana deve pôr-se a serviço da divulgação da doutrina espírita, ou os escritores, jornalistas e palestrantes não conseguirão atrair o povo para a verdade que se quer universal.

34. Temos uma pergunta muito delicada. Será que não provocaremos certa desolação no ânimo dos expositores, se lhes oferecermos a suspeita de que o movimento espírita, para ser aceito pela maioria, deveria ceder no aspecto religioso, permitindo que as pessoas erijam templos para as cerimônias de culto a Deus, onde rogariam pela assistência dos protetores?

R. Kardec foi incisivo ao apregoar que as manifestações de fé não poderiam consignar ritos nem cerimônias. O *igrejismo* de muitos tem tornado certos centros espíritas em tendas semelhantes às do primitivo povo judeu errante pelo deserto, com a prebenda dos sacerdotes sendo recebida pelos que se atrevem a designar-se a si mesmos artífices das comunicações entre vivos e mortos, os que determinam os serviços dos médiuns e doutrinam os sofredores. Deste modo, estamos afirmando que existem, nos estabelecimentos espíritas de tendência kardecista, os ritos e cerimônias condenados pelo Codificador, embora disfarçados muitas vezes, por respeito às possíveis reações dos ortodoxos. O que vemos se encontra na intimidade dos corações e não nas atitudes externas. Sendo assim, se dá exatamente o contrário da proposta que se revelou na pergunta, ou seja, a permissão para a transformação das casas espíritas em templos não vem sendo solicitada, mas vem sendo

aplicada, por força das necessidades psíquicas das comunidades em que se implantaram.

35. Estamos vendo que os expositores se atrevem já às considerações de caráter contundente. Isto significa que estão de acordo com que o momento histórico é que determina o tipo de abordagem da sociedade, no intento de divulgar o Espiritismo não como tendência cultural, mas como verdadeiro apanágio da mente desenvolvida dentro das teses doutrinárias?

R. Não são poucos os fiéis kardecistas que temem a degenerescência da doutrina pela inclusão nas fileiras do movimento espírita das multidões incultas, que não se interessam pelo aprendizado das teses, mas apenas pelos resultados práticos dos encontros medianímicos com os parentes falecidos, ou pela cura dita espiritual, quando as esperanças se perderam para a medicina vulgar. Veem os puristas, com muita razão, aliás, que existe risco enorme na abertura indiscriminada das portas para o agasalho dos que aspiram à salvação pela consecução da caridade dos outros sobre si, sem se dedicarem eles mesmos à ajuda aos semelhantes, fazendo como os que se limitam a doar o dízimo para os pastores e sacerdotes nas seitas e religiões em que a promessa da eterna felicidade se justifica pela materialidade do sacrifício.

36. Podemos deduzir que o movimento espírita navega sobre a esteira dos governos preocupados com a educação do povo?

R. Também depende do interesse dos particulares em favorecer os ganhos culturais, a partir da alfabetização, porque a nossa doutrina, como afirmamos anteriormente, está toda consignada nos livros, independendo, portanto, da pregação profissional, como seria o caso de se constituírem escolas confessionais, conforme as católicas e protestantes. Entretanto, raciocinando por absurdo, se todas as pessoas adotassem o Espiritismo, não haveria como não remunerar as pessoas dedicadas ao ensino da doutrina, apenas para citar um

grupo profissional organizado. Os médicos, dentre os quais muitos hoje prestam assistência gratuita, ficariam sem emolumentos, porque todo o seu trabalho estaria vinculado às instituições sectárias. Se pensarmos em termos visionários, deveremos profetizar que, mais cedo ou mais tarde, a humanidade irá toda reconhecer que a verdade se encontra nos ensinamentos espíritas. Por enquanto, temos de ceder a prevalência da iniciativa ao poder maior legalmente estabelecido no país ou no mundo, buscando influenciar no sentido de captar pessoas com aptidão para liderar e com vocação para se constituírem em exemplos vivos do procedimento evangelizado.

37. Claro está que o desempenho individual redundará em benefícios públicos, sempre que as pessoas estiverem voltadas para o bem alheio. No entanto, quer parecer-nos que as instituições são muito mais poderosas e alcançam área populacional muito mais extensa. Exemplificamos com a obra de Francisco Cândido Xavier, a qual nada representaria sem as editoras e demais associações de caráter benemérito que distribuíram as informações por ele recebidas. Por que, então, os assistidos do plano espiritual se contam entre alguns indivíduos apaniguados pelos favores mediúnicos especialíssimos de alguns orientadores de expressão, e não se dão os mesmos recursos às casas evangelizadoras, restringindo as comunicações a aspectos particulares, como no caso significativo da mediunidade de cura?

R. Se as perguntas se fizerem sempre tão extensas, não haverá necessidade de responder. Evidentemente, os encarnados têm medo de ser explorados por obsessores ladinos ou por médiuns embusteiros. No tempo de Kardec, o proficiente professor punha todas as mensagens na berlinda de sua crítica arguta e meticulosa, tanto que repudiou a muitas e ofereceu outras bastante imperfeitas aos olhos do povo, com o devido comentário esclarecedor, para que se formassem os espíritas dentro de parâmetros doutrinários mais

sérios e precisos. Hoje em dia, o pessoal que dá apoio espiritual aos trabalhadores da seara mediúnica se restringe ao âmbito das preocupações do momento, para a orientação de encarnados ou de egressos do plano terreno, com o intuito da consolidação dos conhecimentos básicos. O que diriam os conselheiros dos grupos que não se encontram já nas obras de Kardec? Por outro lado, quando as pessoas se dispõem ao serviço solitário, ficam à mercê da desconfiança de quem suspeita de que possam estar falsificando ou adulterando as informações que desejam ver impressas e divulgadas. Sendo assim, para os olhos dos escrutinadores da teoria espírita, sempre haverá de ser proveitoso que os médiuns aptos aos textos de maior sofisticação ou de maior requinte procurem fazê-lo à vista de companheiros, junto às mesas mediúnicas coletivas. Este mesmo desenvolvimento, caso tivesse sido oferecido junto a um grupo de médiuns, receberia encômios pela presteza com que foi redigido à frente de todos. Realizado longe das pessoas, apenas proporá um problema e não a consolidação da certeza de que a obra se faz dentro do improvisado da capacidade do médium. Sendo assim, é justo conjecturar que os nossos textos recebam acréscimos e correções posteriores, como, de resto, se sabe que é assim que trabalham muitos companheiros, no aperfeiçoamento das peças, inclusive pela contribuição de outros espíritos, em sessões mediúnicas subsequentes. Teremos respondido à questão implícita e deixado de lado ao que se explicitou?

38. Não queremos insistir em tópicos exaustivamente explicados, no entanto, gostaríamos de ver como se saem os parceiros quanto ao fato de o movimento espírita estar, no Brasil, arrastando-se no campo dos empreendimentos, limitando-se a alguns congressos, palestras e seminários, quando a força da comunidade, caso se concentrasse em torno do objetivo maior de cativar o povo todo, ensejaria a fundação de escolas de todos os níveis. Não é certo que existem muitos pontos em que os donos do poder da palavra

(jornalistas e editores) se põem em contradição, uns querendo formar a personalidade dos convertidos dentro dos padrões convencionais, outros, mais ousados, trabalhando por expandir os conceitos, segundo os apanhados científicos?

R. Tais colocações de caráter geral, à vista da perspectiva da universalização da doutrina, haverão de perder a atualidade dentro de algum tempo. Se os corações se doarem aos princípios que norteiam o procedimento evangelizado, de acordo com os prismas doutrinários, pela consciência de que os homens são apenas espíritos encarnados e que voltarão à Terra pela necessidade de melhorarem o desempenho moral, eliminando os vícios e defeitos de toda ordem, a construção dos edifícios destinará boa quantidade de recintos para se dar a escolarização dos jovens, dentro de roteiros pedagógicos apropriados, segundo os diferentes níveis dos alunos. Mas é preciso reconhecer que, se nem todos estão convictos de que será através da educação que se dará o envolvimento da maioria, pelo menos existem os que se dedicam vanguardeiros às denominadas *Mocidades Espíritas*, sendo que, aos poucos, estão aparecendo escolas organizadas segundo os modelos aceitos oficialmente pelos responsáveis pelo ensino no país.

39. E quanto aos jornalistas e editores em constante luta pela preferência da clientela?

R. Para perguntas diretas, respostas sem evasivas. Cada qual deseja *vender o seu peixe*, muitas vezes colhidos nas redes alheias. Quem está preocupado em salvar a alma, através da caridade? Com certeza, muitos editores mantêm obras de vulto, através da venda de sua produção. Com certeza, entretanto, também existem os que afagam o *ego* pela introdução no meio espírita de sua ascendência intelectual, nem sempre honesta, positiva ou digna.

40. Reconhecemos a impropriedade da questão, já que o Espiritismo não irá ganhar nada com o desmascaramento das individualidades

em débito para com as leis do amor, da justiça e do trabalho. Por isso, aceitamos o desafio de caracterizarmos os preceitos em falta nos pronunciamentos de tais criaturas em destaque dentro do movimento espírita. Poderiam vocês discorrer genericamente, apontando erros e desvios, de modo a oferecer aos leitores critérios semelhantes aos que apontaram na resposta à pergunta de número trinta e sete e elaborados pelo Codificador?

R. Podemos, sim, embora não tenhamos a certeza de sermos bem compreendidos justamente pelos que melhor se aproveitariam das observações, ou seja, os que praticam esse espiritismo de resultados, tendo em vista a constituição de um rol de objetivos ou metas a serem atingidos ao longo dos anos, segundo visão restrita dos ensinamentos do etéreo. Primeiro, vamos notar que as discussões giram em torno de problemas menores, como os que envolvem a vontade de administrar os seus núcleos segundo perspectivas de sucesso, para o efeito da supremacia de sua capacidade realizadora. Segundo, os discursos pregam o aperfeiçoamento do caráter alheio, sem a contrapartida do sacrifício da opinião, porque os que se contradizem pela imprensa não desejam verdadeiramente arredar pé da posição que prefixaram como superior, sem a legítima configuração de que, em algum ponto, podem estar equivocados. Terceiro, quando, no arrebatamento do fugidio momento de rancor, elaboram suas peças de reprimenda ou de defesa, não se dispõem à aceitação das razões alheias, não raciocinam pela formulação dos silogismos dos adversários, não enveredam pela postura mais eclética de quem adota como princípio fundamental a verdade e não a opinião. Quarto, na análise dos comentários que lhes são adversos, são incapazes de reconhecer o mérito das conclusões mais justas, esquecidos de que o método de Kardec incluía a hipótese de que poderia estar enganado, como se acusou ele próprio em diversas ocasiões, honestamente declarando que o seu pensamento, antes das advertências dos amigos da espiritualidade ou dos

companheiros encarnados, era outro. O mais que poderíamos dizer em tom de prestação de serviço haverá de coincidir com o bom senso dos leitores. O importante é saber que estamos atentos para os deslizes dentro de setores do movimento espírita e que esperamos que o alerta alcance corações desarmados.

41. Já que se formulou a resposta acima em função dos valores em falta, não seria coerente que se dessem, agora, as premissas para a correção dos desvios de rota?

R. Eis que os que perguntam fogem à proposta que se evidenciou desde o título, ou seja, tais explicações incorreriam em repetir muitas das questões levantadas por Kardec e a ele respondidas pelos orientadores do plano espiritual. Em todo caso, para não parecer que fugimos da liça e para tornar reais as observações que fazemos aos atuais dirigentes ou responsáveis pelas entidades em litígio, declaramos, veementemente, que devem ser abertos os horizontes da doutrina para o campo do relacionamento com os espíritos de luz, porque falham os homens, quando não levam em conta que Kardec consultava constantemente aqueles que lhe davam amparo a partir do etéreo. O que mais censuramos nas discórdias entre os homens que se dizem espíritas é o fato de se bastarem a si mesmos, esquecidos de que a doutrina lhes foi totalmente passada pelos espíritos. É através dessa atitude que se chega a um condenável espiritismo sem espíritos, como se pode verificar nos órgãos de divulgação que, quando agasalham alguma mensagem mediúnica, dão preferência a textos inócuos quanto às falências específicas dos indivíduos, comunicações de caráter poético de gosto duvidoso ou trechos de obras consagradas, infensas, portanto, de receberem qualquer crítica, como a subsidiar a envergadura moralizada do colunista. Mas chega de preocuparmo-nos com quem não está a merecer elogios.

42. Se Allan Kardec tivesse tomado conhecimento do instrumental eletrônico do século vinte, teria tentado utilizá-lo para a comunicação mediúnica?

R. Kardec foi um precursor da mediunidade. Foi dele a ideia de favorecer o contato direto entre os mortos e os vivos, simplesmente por meio de uma criatura imersa em sonhos, despreparada, muitas vezes, intelectualmente, mas pronta ao sacrifício de algumas horas para o trabalho em prol das comunicações entre os planos. Esse pioneirismo evidencia que outros métodos seriam testados por ele, sem afetação e sem preconceitos. Sendo assim, o que importa não é a tentativa, que sempre é válida, mas os resultados passíveis de exame rigoroso para a confirmação de que os mensageiros lograram êxito nas transmissões. Os modernos meios da transcomunicação instrumental, como o apanhado de imagens e de textos diretamente nos computadores, são experimentos a que o mestre francês não fugiria. Em todo caso, a maneira mais fácil é a da formulação mental direta no cérebro dos médiuns, em estado de simiconsciência ou mesmo inconscientes, como a cura cirúrgica, que se dá preferencialmente através de médiuns em estado sonambúlico, para utilizarmos linguagem coerente com a do Codificador. Por isso, é quase certo que os métodos mais emperrados fossem deixados de lado, apenas para a curiosidade dos que não admitem que as informações possam advir do etéreo, quando perpassam pela mente de algum encarnado quase plenamente consciente. No entanto, Kardec deu preferência a este último tipo de transmissão, porque desenvolveu o senso crítico e pôs todas as mensagens sob a luz da doutrina que codificou. Eis que se pôde, assim, dar vazão a obras extensas e completas, ainda que eivadas de muitos preconceitos de época, porque é quase impossível de implantar no cérebro do médium todos os elementos transcendentais, sempre havendo choques ou crises entre os dados de uns e os conhecimentos do outro. O que Kardec mais desejava não conseguiu, ou seja, que os espíritos escrevessem sem a participação de nenhum mortal. Todas

as escritas, mesmo a escrita direta em folhas dobradas e colocadas dentro de cofres, sem lápis ou penas, sempre eram acompanhadas, de perto ou de longe, por alguém dotado de mediunidade. Mas tais comunicações eram inferiores, uma ou duas palavras apenas, sem esquemas de elaboração mais profunda. Eram fruto de inteligência mas não levavam a nada que pudesse ser catalogado dentro dos cânones doutrinários. Hoje em dia, temos notícia de que alguns textos extensos foram achados em *softwares*, sem a participação datilográfica de ninguém. Contudo, nada pode atestar que não tenha havido o aproveitamento magnético de alguma pessoa. Tais escritos, no entanto, não acrescentaram nenhum elemento novo ao rol das informações habituais apanhadas quase mecanicamente através das mãos dos médiuns. Neste aspecto, parece-nos mais contundente o fenômeno da xenoglossia, quando intercorrentes dois fatos importantes: o desconhecimento pelo médium do idioma e a impossibilidade de leitura por ele dos ideogramas ou modalidade de escrita utilizada, como no caso de alguém escrever em caracteres russos ou chineses, sem jamais haver sequer tomado contato com tais línguas. Mais surpreendente é quando se vê algo relativo a algum dialeto ou linguajar perdido no tempo, com apenas alguns registros históricos. Mas todos estes fatos estão estreitamente ligados ao primitivo movimentar das mesas ou cestas dançantes, uma vez que nenhuma orientação expressiva possa dar-se por esses métodos estranhos, sem que os mesmos ensinamentos também venham a ser passados pelo sistema tradicional da escrita de próprio punho.

43. Isso significa, necessariamente, que o avanço científico da humanidade não irá servir para os espíritos gravarem na mentalidade das pessoas que dominam as técnicas de transmissão sem o concurso dos seres encarnados?

R. Nenhuma precipitação, amigos, por favor, nas conclusões. Atualmente, é muito mais importante que as gentes se habituem ao ideário da doutrina. De que adiantam os fenômenos espetaculares,

se não se incrustarem nos corações os conceitos do evangelho de Jesus? Futuramente, talvez, quando se derem às comunicações o valor do auxílio incondicional dos protetores, excluídas todas as possibilidades de fraude ou de obsessão por parte dos espíritos mais imperfeitos, quem sabe os aparelhos se apresentem como de inteira confiança para a fixação das diretrizes que se queiram implantar no procedimento dos encarnados. Nesse caso, não estamos referindo-nos aos processos de consolação dos que perderam entes queridos, porque esses desgastes emocionais estarão superados pela fé em que Deus é pai de misericórdia e tem enviado os seus anjos de benemerência para a assistência dos que partem da vida antes do término do ciclo biológico. Estamos enviando as reflexões dos leitores para as comunicações de cunho eminentemente técnico ou científico, quando a natureza da matéria será desvendada cada vez mais completamente, para aproveitamento integral das fontes de energia em consonância com a capacidade de construção do instrumental adequado. Será a cooperação definitiva entre os planos, em algo que interessa diretamente aos encarnados e que, na eventualidade do reingresso dos espíritos ao planeta, irá servir também àqueles.

44. As considerações acima não estarão penetrando muito profundamente no imaginário a que se resolveu atribuir o nome de ficção científica? Não estaremos, por esse meio, estimulando a fantasia e a projeção para o futuro da humanidade dos elementos que trarão recursos mais perfeitos para o propiciar de felicidade às pessoas? Não se sentirão os leitores frustrados com o desenvolvimento mais tacanho de seus dotes espirituais?

R. Se causarmos reações nesse sentido, ou seja, se provocarmos o desassossego nas almas mais ingênuas, incapazes de por si mesmas vislumbrarem que o futuro da humanidade haverá de passar por aspectos de evolução no campo científico aplicado ao Espiritismo, para a descoberta da verdade que se esconde nos meandros da

existência material, então deixaremos estas palavras para dizer bem mais tarde, no limiar do progresso a que acenamos. De fato, existe a tendência de se fixar na matéria um campo de energia sublimada, capaz de gerar corpos cada vez mais perfeitos, no sentido do integral aproveitamento dos recursos genéticos, de sorte que todos os seres humanos irão tornar-se quase imortais, porque todos os desvios do organismo terão remédio ou sofrerão os órgãos malformados substituições através de dispositivos fabricados a partir do conhecimento completo das funções e dos tecidos que constituem o todo da carapaça com que se envolve o perispírito. Não estamos falando de simples clonagens, pela formação *in vitro* de embriões a serem implantados nos ventres maternos. Estamos levando o conteúdo para além desses toscos eventos, acreditando que a inteligência humana possa evoluir até a construção de máquinas que realizem as operações mais complexas dos cálculos que induzirão os benefícios da cura da moléstias ou do desgaste dos tecidos. Se isto é impregnar a mente dos leitores de fantasias, pedimos que aguardem com paciência, através do ir e vir constante entre os planos, nos próximos milênios, até a constatação final de que os limites da imortalidade estejam definidos. Aí, com certeza, o nível de conhecimento doutrinário estará tão avançado que as pessoas saberão rigorosamente quais as falhas de sua constituição espiritual a serem extirpadas para fazerem jus a penetrar em círculos mais elevados. Não será justo, nesse momento, que os guardiães se utilizem do instrumental eletrônico para a orientação dos pupilos?

45. Falou-se em milênios. Isso é um exagero para as perspectivas de vida dos amigos que nos leem. Para estes, o que se tem a dizer que possa dar-lhes tranquilidade quanto aos aspectos científicos mais adiantados?

R. Por que não se perguntou diretamente a respeito do assunto mais palpitante do momento, ou seja, a respeito da implantação dos

espíritos nos ovos constituídos a partir de células extraídas de seres vivos e correspondentes óvulos maternos desprovidos do núcleo? O processo de clonagem está em franco desenvolvimento no setor da Genética, o que está levantando uma série de questões pertinentes à doutrina dos espíritos. Mas a resposta haverá de ser muito mais simples do que gostariam os que elaboram teses fantasiosas, segundo prismas em que entram problemas de energia, de vibração, de fluidos, de magnetismo... Na verdade, o sistema de integração do espírito no corpo não fugirá das diretrizes que se seguem quando a concepção é a natural. A resposta é simples mas a providência é especialmente complexa e só será totalmente entendida, quando os amigos vierem cursar as matérias que se desenvolvem nas aulas superiores deste instituto ou de outros que existem em várias colônias do etéreo. Apenas para que não fique uma dúvida no ar, nem todos os que cuidam da inserção do espírito na matéria frequentaram esses bancos escolares. Acontece que trabalham de maneira prática, como se lidassem com um produto quase acabado, porque a natureza é quem realiza os liames dos elementos perispirituais com os materiais. Compare-se com os médicos obstetras e as parteiras. Existem muitos casos de imersão na carne de espíritos que realizaram todo o processo sozinhos, assistidos bem de longe por seus anjos guardiães. Se isto não vem para tranquilizar os mortais, apeguem-se, caríssimos, aos preceitos mais seguros das teses de Kardec, abrindo para nós tão só a perspectiva da possibilidade de virmos a estar certos. Talvez tal atitude represente permanecer sob a visão mais academicista da ciência do século dezenove, mas, indubitavelmente, estarão os adeptos da doutrina bem próximos do pensamento do Codificador, o que não é pouco.

46. Dentre os diversos pontos elucidados, faltou falar a respeito dos temores que assombram os encarnados quanto ao fato de os corpos produzidos em série, a partir de células da mesma pessoa a serem colocadas em óvulos da mesma mulher, estarem a indicar que os

seres resultantes da clonagem irão constituir-se em exército de mesmo caráter, de mesma inteligência, de mesmo aparato físico, de mesma personalidade em suma. Terão os que assim pensam motivos de real preocupação?

R. Está claro que diferenças existem entre os que serão produzidos pela forma acima descrita e os irmãos gêmeos univitelinos, no entanto, não nos estimula a hipótese para a constituição de seres absolutamente idênticos, senão que estarão bem próximos entre si, pelo menos no aspecto material. Ora, existem bilhões de espíritos vagando pelo etéreo à procura de reencarnar-se de forma proveitosa. Os protetores estarão atentos para destinarem os que melhor se ajustarem a tal modalidade de formação corpórea. Se existirem problemas, não estarão afetos aos encarnados que providenciaram o sistema *industrializado* de concepção. O decorrer da existência no mundo denso da matéria propiciará aos espíritos assim encarnados meios de caracterização de suas personalidades espirituais, caso deliberarem, porque estarão munidos de livre-arbítrio, que deverão proceder em harmonia com as próprias maneiras de ver, de conhecer e de sentir a realidade. Estarão apetrechados de forma parecida quanto aos recursos da natureza corpórea, mas deverão progredir, certamente, sob os auspícios das dores e das expiações próprias do planeta. Passaremos por tais experimentos? Não temos a certeza de que os cientistas desbloquearão as resistências culturais, morais e religiosas dos governantes e das instituições que se mantêm no poder econômico sob estreita vigilância ideológica das igrejas, dos congressos, dos exércitos e de quantos se virem compelidos a expender suas opiniões perante o povo, o qual, em última análise, é que irá sustentar as pessoas que se apresentarão sem paternidade definida, muito embora, cientificamente, se saiba que o pai que forneceu o espermatozoide para a reprodução da pessoa de quem foram retiradas as células a serem introduzidas nos óvulos sem núcleo é também o pai de todos os clones. Em tese, existe a possibilidade da

realização, no âmbito da raça humana, dessas experiências genéticas. Sabemos que obras existem em vários ramos da produção artística que tomaram por tema a produção em série dos indivíduos com finalidades, evidentemente, de pressionar a opinião pública para convenientes análises a respeito dos perigos que a população estaria correndo, se, por exemplo, fossem criadas pessoas a partir de doadores imperfeitos, tiranos, ditadores, praticantes de genocídios...

47. Gostaríamos, para finalizar, se possível, que os companheiros discorressem a respeito dos aspectos puramente morais, já que os tópicos emergentes dos pontos científicos nos ficaram bastante claros.

R. A ambição humana é legítima quanto ao aperfeiçoamento máximo dos recursos científicos, desde que visem ao benefício dos semelhantes. O que se fizer com amor, por amor ao próximo, segundo a determinação da maior das leis cristãs, estará sendo abençoado pelos benfeitores dos humanos. Será imoral qualquer atividade que pretenda oferecer lucros a uns, em detrimento do bem-estar físico ou emocional (o que vem a dar no mesmo) de outros.

48. Esperávamos resposta mais desenvolvida. Não haverá outros aspectos a serem considerados?

R. Não. Sempre que se falar em algo relacionado às leis cósmicas, a resposta estará consignada em *O Livro dos Espíritos*, de Kardec.

49. Então, vamos questionar a expectativa de desenvolvimento da civilização terrena, tendo em vista as assertivas anteriores segundo as quais a vida está ameaçada. Como conciliar o desastre em vias de arruinar a capacidade de sobrevivência com as afirmações de que a humanidade viverá períodos milenares de integral domínio da existência, através dos recursos tecnológicos e científicos?

R. Deduzimos todas as teorias, mesmo conflitantes, a partir do exame do interesse próprio das diversas parcelas da população. Perecerá a humanidade porque está a exaurir as fontes de água potável, porque está a envenenar a atmosfera, porque está a comprometer irreversivelmente a fertilidade do solo? Bem, as projeções dos males que se multiplicam contra o ecossistema responsável pela existência e manutenção da vida redundam em catástrofe para os próximos cinquenta anos. Têm, portanto, os humanos tempo para reagir contra a destruição da natureza. Aliás, as advertências que se dão ainda timidamente são efetivas e fundamentadas. Os que terão de sacrificar seus interesses individuais ainda não se convenceram de que razões existem para temerem as descrições do cataclismo que se avizinha. Mas, quando a realidade estiver à beira da falência universal, os exércitos serão arregimentados para a defesa da vida ou todos serão engolfados pela violência com que a natureza reagirá. Estaremos oferecendo subsídios para previsões terríveis? Não cabe a nós estabelecer o nível em que se encontra o pensamento coletivo, em função de ser evitado possível pânico internacional. Desenvolvemos os raciocínios com a intenção de manifestar apreensão isenta de sentimentalismo, para impregnar nas almas a necessidade de se estudarem as observações concernentes ao final da vida na face do globo. Contudo, confiamos em que existem muitos seres preocupados em avisar os encarnados, fornecendo-lhes roteiros seguros de superação das crises iminentes. Confiamos também no discernimento dos que vão crescendo sob o *continuum* de informações a respeito do desregramento das gerações anteriores e atuais, de sorte que, ao assumirem as rédeas do poder, poderão desviar a humanidade do abismo que vem abrindo-se tão vorazmente. Não dissemos que todos possuímos liberdade de decisão? Pois, se não levantarmos as hipóteses de desgraça com alguma antecipação, não mais se oferecerão oportunidades de deliberação aos homens, uma vez que tudo se resumirá em simples

alternativa: ou se sanam os males, ou todos perderão a crosta para seus esforços de regeneração ou de aperfeiçoamento espiritual. Estaremos sendo suficientemente frios para o gosto dos que não desejam que as mensagens se deem sob o impacto emocional? É o que esperamos que leiam em nossas entrelinhas, sem se deixarem impregnar pelo mesmo racionalismo, uma vez que um pouco de paixão sempre haverá de ser útil para o incentivo ao trabalho em prol da continuidade da vida.

50. Julgamos que a tendência apocalíptica não seja a linha principal desta obra. Ou estaremos equivocados?

R. Está cristalizado no inconsciente coletivo dos habitantes da Terra que haverá um fim para tudo. Decorre tal intuição do fato de existir concretamente a morte individual. Mas muita gente se aproveitou, no passado, o que prossegue no presente, desse fenômeno psicológico das massas, para extrair vantagens pessoais através da venda das ideias e das prebendas da salvação, quer no seio das religiões oficiais, quer na intimidade dos cultos reservados. Não estamos interessados em impressionar os espíritos para fazer render a pregação que vimos realizando. O que nos importa é tornar cada leitor e cada pessoa a ele vinculada, por processos variados de influência, perfeitamente cômicos da realidade da vida material e da existência espiritual. Não queremos vender o nosso texto, para financiarmos a benemerência de nenhum editor ou casa espírita. Não é esse o nosso escopo. A responsabilidade da divulgação não nos cabe. Aliás, seria estranho que nos interessássemos pelas iniciativas particulares. O que nos afeta, sobremaneira, é a conscientização da humanidade para os fatores da evolução necessária para se passar de uma esfera a outra, no sentido da melhoria constante dos espíritos. Não trabalhamos por nós e por nosso crescimento. Para tanto, bastar-nos-ia trabalho equivalente ao dos socorristas familiares. O fato de virmos expor problemas de caráter mais humano que espírita faz com que nos arrisquemos a

persuadir algumas almas menos evoluídas de que devem abandonar a doutrina, para formas menos onerosas, menos sacrificiais, menos elaboradas de religião com o poder divino. É risco que sabemos existir. Entretanto, não nos tornaremos apocalípticos, no que tem tal tese de malversação das diretrizes evangélicas estabelecidas por Jesus a partir das leis do amor e do perdão. Apenas para encerrar, sugerimos que se estudem os textos do *Apocalipse*, em confronto com as visões de final dos tempos do *Antigo Testamento*, para surpreender o quanto devem os textos do evangelista João, atribuídos à influência mediúnica do espírito de Jesus, aos pensamentos equivocados dos vários profetas hebreus.

51. Para alcançarmos a graça de superior atendimento, aqui no plano etéreo, haveremos de orar sozinhos ou em conjunto? A prece resultante da expressão melódica dos coros atingirá o objetivo da concessão dos benefícios rogados? As manifestações artísticas, produzidas sob o influxo de apurada técnica de transformação da matéria bruta em objetos em que se depositam os ideais mais profundos do amor, da solidariedade, da benevolência, do perdão, do arrependimento, da fé, da confiança, da esperança e de todas as demais formulações emotivas dos sentimentos, são veículos apropriados para se transformarem em solicitações absolutamente coerentes com as necessidades psíquicas da própria entidade ou dos companheiros em passagens infelizes?

R. Ficou-nos bastante claro que a intenção da pergunta é avançar sobre a materialização dos desejos humanos ou espirituais, de forma a concentrar em estrutura perceptível pelo sensório, todos os reflexos íntimos da compreensão do que seja a criatura e dos deveres para com o Criador. Mas a questão pode apresentar desenvolvimentos capciosos, para o intento dos leitores de inferir que os do etéreo estejam propugnando que os que vierem a observar os dons artísticos superiores impregnados na obra tenham as mesmas reações, identificando-se com as aspirações evolutivas

dos autores, compositores, pintores, escultores, poetas, coreógrafos e demais cultivadores das artes como representação idealizada dos valores a que se atribui o *status* da superioridade, tendo em vista a mediocridade da maioria. Indo além, podemos refletir a respeito da tese de que as exteriorizações, quando analisadas do ponto de vista religioso, poderão gerar sentimentos de contrição, de forma a contribuir para que os menos dotados possam ser auxiliados pelos que se dedicaram à confecção dos objetos pelos padrões estéticos em voga. Por pouco, não concluiríamos que os cultos que se realizam segundo rituais formalizados diante das esculturas ou pinturas, através das harmonias dos cânticos e pela forma grandiloquente dos discursos ou dos textos poéticos, estando o povo imerso em ambiente aromatizado por inebriantes perfumes, reúnem as condições mais propícias para a oferta dos votos de honestidade, de modéstia, de submissão às leis morais, de obediência aos padrões doutrinários, ou seja, iríamos pregar que os espíritas concentrassem esforços em atingir coletivamente com mais facilidade o que Jesus recomendou que se desse no regaço do coração, em secreto.

52. Pela leitura parcial das obras psicografadas, encontramos textos dos irmãos do etéreo que se referem a reuniões em que se elevam cânticos de agradecimento ao Senhor, muitas vezes aplaudidas pelos beneméritos protetores através da materialização das bênçãos, na forma de partículas de luz que descaem do alto sobre as cabeças dos fiéis (se esta for a melhor terminologia para descrever os que se dão para a formulação desses eventos de maneira absolutamente pura). Não foram poucas as passagens que lemos nessas obras em que verdadeiras chuvas de pétalas coloridas ou de flocos de luz imitando neve saudavam os compromissos firmados nas orações recitadas pelos mentores ou elevadas pelo povo em hinos de louvor a Deus. Não podemos afirmar que, nesse caso, estamos diante de eventos espirituais com aspectos de culto externo?

R. Esta é bem uma questão que Kardec não poderia ter apresentado aos seus orientadores espirituais, uma vez que se fundamenta em textos produzidos posteriormente. Então, somos obrigados a não considerar os mensageiros como rigorosamente tão evoluídos como os que forneceram as diretrizes doutrinárias ao Codificador. Por questão de coerência, temos de admitir que as obras psicografadas e aproveitadas para a codificação passaram pelo crivo da razão de Kardec, que se encontrava diretamente sob a influência dos espíritos de luz comandados pelo *Espírito de Verdade*. Naquele momento, o interesse dos mensageiros estava intimamente preso às informações de caráter superior, ou seja, visavam a divulgar as leis universais e os procedimentos evangelizados, com o escopo de fornecer aos encarnados os meios de evolução espiritual. As obras que trazem conhecimentos relativos às colônias do plano etéreo situam-se em patamar bem mais próximo das realizações humanas, quer dizer, trazem as marcas inconfundíveis de entidades bastante inferiores em relação à grandeza dos mestres de Kardec. Sendo assim, existem, nesses locais de aprendizado e prática das virtudes, muitos pontos em comum com a esfera terrestre, porque a desmaterialização dos espíritos ali residentes não se completou. Estivesse completa e teriam partido para círculos mais adiantados, de onde chegam a nós apenas notícias de bem-aventurança.

53. O desenvolvimento da resposta acima não está a configurar a permissão para que os humanos se deixem contagiar pelos exemplos dos livros, por serem ainda mais grosseiros quanto à natureza da matéria que lhes envolve os perispíritos?

R. Se estão os que nos arguem interessados em forçar resposta que contradiga as recomendações dos instrutores de Kardec, estarão perdendo o seu tempo. Evidentemente, se se considerarem as intenções dos que se agrupam nas igrejas, estaremos em condições de encontrar gente de todo tipo: interesseira, invejosa, orgulhosa, prepotente, imatura, egoísta, maliciosa, megalômana, crente,

crédula, fiel, injusta, equilibrada, confiante, caritativa, malvada, arrogante... Dessa forma, o que fizerem à vista do público não será levado em conta como mérito religioso. Antes, a leitura de seu desapego aos valores meramente materiais se fará nas profundezas de suas almas, sem que seja preciso que nenhum benfeitor pessoal se esforce para o efeito, porque cada qual está munido de consciência. Um dia, vem o despertar para a realidade dos desejos mais profundos e o sujeito ou se vê guindado às moradas mais perfeitas do reino de Deus, ou vai conhecer as agruras dos sofrimentos nas trevas de sua defeituosa formação moral. Muitas vezes, para concluir, presenciamos, nos centros espíritas, manifestações coletivas em favor do progresso dos companheiros ou de reiteração dos pedidos de amparo em benefício dos desditosos. Vimos representações teatrais, cantos e preces recitadas pelo povo reunido, apreciamos exposições de pinturas e de esculturas obtidas mediunicamente, ouvimos poesias geradas por espíritos que não se esqueceram de seus dons e julgamos todos esses acontecimentos como perfeitamente enquadrados nos parâmetros da boa vontade e do amor à vida e ao Pai, conforme a capacidade de concentração de cada participante. Talvez, nas casas de benemerência sob os auspícios da doutrina dos espíritos, houvesse menor apelo ao sensório, ao corporal, razão por que nos levamos a dar preferência a tais oferecimentos em prol dos objetivos fixados. Todavia, estas considerações pecam pela superficialidade própria das conclusões de cunho geral. Quem estiver cômscio de que o essencial reside no coração doado ao Senhor e pratica o amor ao próximo, conforme solicitou Jesus, terá a certeza de que não precisará de nenhuma exteriorização dos sentimentos e pensamentos para se saber nas graças de Deus.

54. Podemos inferir, pela lei do progresso, que as realizações artísticas se situam dentro dos padrões das esferas ainda imperfeitas e ali devem ficar por exprimirem fugidios momentos existenciais?

Vejam que a nossa preocupação tem repercussões sobre os conceitos que se devem fazer sobre as obras mediúnicas. Por exemplo, este mesmo trabalho, caso se desenvolva em harmonia com os ditames mais ricos das estruturas literárias, estará configurando realidade meramente humana, embora os temas estejam muito próximos da vivência dos espíritos no etéreo.

R. Está claro que todas as manifestações voltadas para os encarnados devem manter contato com os seus próprios meios de comunicação, inclusive dentro das técnicas para a confecção dos objetos de arte. Os temas serão nossos, à proporção que estivermos desejosos de transmitir aos da Terra os ensinamentos que vamos recebendo dos mentores e das experiências. Imaginemos, porque assim querem os que realizam as perguntas, que os expoentes da Pintura se dediquem à elaboração de quadros pelas mãos dos médiuns, o que de fato vem ocorrendo, ora com maior felicidade, ora de maneira absolutamente medíocre. Quer significar que os temas retratados devam conduzir os humanos às paisagens do etéreo, ou que as pessoas devam surgir em sua constituição perispiritual, com trajos adequados para a condição do meio em que residem? Não é exatamente assim, porém, que temos visto ocorrer, tanto que os retratos elegem as fisionomias dos encarnados e as paisagens urbanas ou naturais representam meras reminiscências dos tempos em que os pintores eram vivos. No entanto, por meio da pintura, é possível transmitir a serenidade do semblante absolutamente confiante na misericórdia divina, ou a tranquilidade do ambiente mais propício para a prática da reflexão filosófica. Podemos, também, através do empenho mais firme dos médiuns, realizar trabalhos mais acurados, mais requintados, mais de acordo com os recursos que desenvolvemos. O *espetáculo* que se dá através da televisão ou em reuniões mediúnicas está voltado para o impressionar da audiência, o que justifica a rapidez com que se fazem os traços e se preenchem as telas. Mas isso não é o que os próprios artistas entendiam como verdadeira arte, porque se

esmeravam em traduzir, no contexto da dialética das formas, os seus pensamentos e valores mais íntimos. Se se dedicarem à transmissão dos estilos antigos, poderão ser reconhecidos, mas fugirão dos padrões que estabeleceram segundo a época em que viveram. Como se arranjarão os atuais expoentes da moderna fórmula de traduzir os anseios mais profundos de suas personalidades, justamente aqueles que realizam instalações únicas, a serem guardadas apenas nas lembranças das pessoas ou nas fotografias sempre enquadradas em duas dimensões, quando o principal vem sendo a projeção no espaço dos elementos da composição? Qual a razão desta digressão? Certamente, estamos colocando o problema da arte no plano das expectativas históricas e culturais do homem terreno. Os gênios do passado, ao aplicarem as antigas técnicas para a configuração de sua situação evolutiva atual, não haverão de ser entendidos pelos encarnados. Se se dispuserem a obras representativas do homem atual, não alcançarão a mesma força expressiva dos elementos factuais e emergentes da realidade transitória da matéria que os vanguardistas buscam caracterizar, uma vez que a temática é outra. A Kardec foram fornecidas poesias e pinturas, mas com o fito primacial de informar que as habilidades não se perdem com o trespasse. Uns poucos compositores escreveram peças musicais eruditas e populares, encontrando médiuns capazes de captar as harmonias sonoras, segundo a sua linha melódica característica. Talvez a Música possa apresentar maior facilidade de reprodução pelos mortais, mas estaremos nós do etéreo integrados às maneiras que vigem no complexo meio da produção fonográfica com fins de exprimir os valores de que se agradam os de agora? Voltando a este mesmo texto, ainda que consignemos apenas termos e ideias comuns, não é verdade que somos obrigados a transgredir as normas literárias modernas, que elegem justamente a conflagração linguística como recurso de atração dos leitores? Que fazer? Estimular o pensamento criativo dos que devem gerar os impulsos de confraternização em torno do

ideal espírita, para que se utilizem inteligentemente dos recursos do *marketing* de vendas, para a propagação das teses da existência de outras formas de vida além da morte, da reencarnação, da possibilidade de integração entre os planos através da mediunidade, em suma, fazer com que dependam o menos possível dos guias e orientadores do etéreo no gerenciamento direto dos centros espíritas e demais entidades consagradas ao iluminar das mentes e corações, reservando-lhes um lugar de destaque (e não estamos desejosos de fazer parte desse *time* de primeira linha) nos momentos preciosos e importantíssimos das meditações, durante as aulas e demais atividades didáticas.

55. Não sabemos se a crítica é válida, mas a extensão do texto acima não irá atrapalhar os leitores, levando-os a suspeitarem de que a fragmentação das ideias promoveria tão só a compreensão de que são banais e corriqueiras?

R. Segundo o título do livro, estamos tentando ser coerentes com as obras básicas do Espiritismo, onde se encontram dissertações bem mais volumosas que a resposta à questão anterior. Quanto ao fato de se *fragmentarem* os segmentos dos raciocínios, pode ser método até valioso para a análise de nossas mensagens, conforme hemos insistido. Contudo, que não se corra o risco de se destacarem trechos, isolando-os do contexto, o que os integrará em outro pensamento, podendo adquirir aspectos exatamente contrários ao uso que lhes demos. Esta recomendação é particularmente endereçada aos afoitos que ocupam espaço no jornalismo espírita e que concluem apressadamente, extraindo de obras extensas alguns vislumbres intuitivos dos autores, tornando-os assertivas categóricas, como se a responsabilidade da escrita se fixasse nos escritores e não nos que, ingenuamente ou não, cometeram a imprudência da citação desvinculada do tema da mensagem. Não teria sido precisamente este o interesse do Codificador ao manter alguns textos mais longos, como o produzido pelo médium e

astrônomo Camille Flammarion e assinado pelo espírito *Galileu*, no capítulo sexto de *A Gênese, os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo?* Ali encontramos pelo menos uma informação completamente equivocada, a que se refere ao aspecto do lado oculto da Lua, porque, não se poderia sequer imaginar, um século e pouco antes, que os homens construiriam de fato aparelhos de navegação aérea; muito menos que iriam pousar no satélite da Terra, explorando não apenas a outra face desse corpo celeste, como ainda os planetas do Sistema Solar. Destacado o trecho, fica clamorosa a imprecisão, a ponto de se desacreditar do mensageiro segundo o raciocínio de que, se não conhece o que está mais próximo, como realiza afirmações sobre todo o universo tangível? Estando os encarnados em condições de efetuar a crítica parcial, também estarão aparelhados para repudiar toda a exposição? Pelo processo da fragmentação, incutir-se-á na mente dos crédulos que o teor do texto está comprometido por inteiro. Contudo, ao tomarmos a mensagem como um todo, como o fez Kardec, desenvolveremos em torno dela um tomo completo de apreciações científicas, para a imersão nele do pensamento religioso apegado ao discurso fantasista e pueril das conclusões superficiais dos textos bíblicos. Eis que cumprimos a obrigação de recomendar a leitura e o estudo de mais um livro de Kardec.

56. Por que, até a presente questão, não se deu importância à sequência dos assuntos, ou teremos deixado de perceber que existe algum liame subjetivo entre as perguntas?

R. Naturalmente, a preocupação dos que perguntaram não impediu aos que responderam de dar feições muito apropriadas às respostas, com o fito de adequá-las psicologicamente ao espírito do leitor. Desse modo, apenas esta última indagação é que demove o ritmo que vínhamos empreendendo ou, para sermos mais exatos, deixa de lado os temas relativos aos dons de perguntar de Kardec, para se infiltrar no trabalho mesmo que se elabora. Está claro que não

gostamos do desvio da atenção para fatores periféricos e que pretendemos ocupar a mente do amigo encarnado com algo proveitoso para sua vida espiritual, sempre em função do que possa aplicar ao campo das atividades gregárias, no cumprimento dos preceitos do amor ao próximo e da caridade, o primeiro de Jesus, o último do Espiritismo.

57. Digamos, para referendar o ponto de vista do grupo que responde, que estamos chegando ao fim da programação, uma vez que a postura evangélica está completamente desenvolvida na obras básicas da Codificação. É isso?

R. É quase isso. A partir de agora vamos dar oportunidade a que o médium elabore as questões e as ofereça de imediato às considerações do etéreo. Que se premuna quanto ao fato de não repetir as que o Codificador elaborou e que se disponha a pensar sobre o que mais de perto lhe afeta a convicção espírita, segundo a ordem dos trabalhos que executa.

Segunda Parte

58. Inevitavelmente, a primeira pergunta do médium há de referir-se ao processo que se criou para aumentar a área de informações espíritas. É verdade que irei obter o favor dos esclarecimentos além dos temas de meu interesse, como ainda poderei sustentar hipóteses alheias, para dar aos amigos do etéreo oportunidade de responder? Quanto à forma de redação, posso contar com o apoio dos que vêm inspirando-me, como acredito que esteja ocorrendo ainda com esta primeira questão, muito mais do interesse de quem redige o livro do que de quem apanha o ditado?

R. Não iremos permitir que o companheiro encarnado caia em digressões injustificáveis perante a qualidade das mensagens com que pretendemos retribuir o tempo e o esforço que nos dedica. Sempre que possível, apanharemos as sutis circunvoluções de seus pensamentos e transformaremos em rígidas composições com mérito suficiente para nos permitirem adiantar a programação. De resto, seria descabido que não déssemos aos encarnados a oportunidade das perquirições, uma vez que Kardec perguntou enquanto vivenciava o crescimento inicial da doutrina. Sendo assim, indague a respeito de tudo o que lhe venha com a chancela do interesse legítimo de quem imergiu em dúvidas e não sabe sair do enredamento silogístico das teses contrárias.

59. Pego de surpresa, penso apenas em interrogar os amigos sobre as influências que venho recebendo através da mediunidade, quer nos instantes em que me doo à tarefa tardes adentro, quer nos momentos de decisão junto aos parceiros de existência terrena. Sei que em *O Livro dos Médiuns* posso achar todas as explicações, no entanto, gostaria de particularizar para o meu caso. É possível?

R. Você apanhou no ar o que desejamos que fizesse, ou seja, que elaborasse uma ponderação antes de sondar o etéreo. Isto é ótimo e

pode orientar de forma bastante positiva os leitores preocupados em como atingir os espíritos beneméritos nas reuniões mediúnicas. Evite o mais possível fustigar os benfeitores com temas cediços, ou seja, com perquirições cujas respostas não possam ganhar em importância para o progresso no conhecimento da doutrina ou na configuração de sua educação espiritual de ordem emotiva ou sentimental. Pensamos ter dado resposta à primeira parte. Quanto à influenciação do dia a dia, fica mais por conta das impressões intuitivas, quando você imagina qual haverá de ser a melhor postura diante de cada situação. O preâmbulo reflexivo vai tornando-se cada vez mais expressivo, à medida que as experiências vão somando-se, como se dá com tudo na vida. Dessa forma, a melhor postura redundará na melhor participação dos parceiros desencarnados, porque se propicia mais tempo para que as diversas variáveis resultem em prévia apreciação dos atos, em função dos elementos evangélicos que se deixaram permear entre as atitudes habituais. Quando, intempestivamente, movido por algum apressuramento emocional, você não medita sobre a melhor resolução, investindo contra as pessoas ou as coisas pela afoiteza de quem se julga no inteiro domínio das reações, quase sempre ocorre de ver frustrado o objetivo admitido em termos filosóficos, morais ou doutrinários. — *Isso é muito ruim?* — haverá de nos perguntar, em seguida. Pois pode ser ou não ser, tendo em vista as resultantes espirituais dentro do ambiente em que se deu a abrupta participação. Se as pessoas estiverem aptas ao raciocínio lógico sobre a correlação entre as causas e os efeitos, extraindo lições úteis para o próprio proceder em semelhantes situações, apenas o causador da celeuma é que irá penar um pouco ao receber o impacto do sentimento de culpa a gerar aborrecimentos íntimos. Se, inadvertidamente, o grupo for imaturo e reagir mal, ou seja, se revidar à provocação com os mesmos ímpetos de rejeição, provavelmente exigirá esforço suplementar para o entendimento dos eixos psíquicos que provocaram todo o *affaire*. Resta esclarecer que, sempre que o

amigo pedir que desenvolvamos algum ponto em seu interesse particular, haveremos de expor os argumentos de modo genérico, optando por oferecer diversas modalidades de procedimento, para maior proveito da oportunidade que nos é dada de manifestarmos junto aos encarnados. Não é melhor assim?

60. Um fato que me preocupa e, acredito, a quantos se dedicam aos trabalhos mediúnicos, é saber o exato momento de parar. Às vezes, sinto-me muito cansado, julgando que a inspiração está a pique de esvair-se. No entanto, os textos vão sucedendo-se, sem que tenha consciência de aonde vão chegar, passando o tempo e preenchendo-se as folhas, como se se desse uma suspensão inapreensível da vontade de pôr termo ao momento mediúnico. É certo que aconteça por essa maneira o desenvolvimento dos trabalhos, mesmo que, em seguida, eu me sinta envergonhado por, de certa forma, haver duvidado da capacidade de transmissão pelos espíritos?

R. É natural que se aproveitem os do etéreo de todas as oportunidades para oferecer os seus conhecimentos e conselhos. Sendo assim, ainda que o parceiro encarnado esmoreça, prosseguem no sentido de cumprir ao que se haviam determinado. Embora estejam cientes de que nem tudo que venham ditando tenha imediata repercussão intelectual para o médium, é sempre mais conveniente deixá-lo meio atordado, para não desfigurar os textos, atribuindo-lhes expressões não totalmente condizentes com a intenção com que foram elaborados. Se deixarmos o médium muito à vontade, permitindo-lhe refletir sobre cada palavra que registrar, ainda que um átimo de segundo, aí poderemos amargar alguns trechos em que seremos acoimados de irresponsáveis. Para correção de possíveis desvios de rota é que existem os instantes de recomposição através da segunda leitura, no dia seguinte. Se muito pouco se mexe nos textos, é sinal de que estamos alcançando os objetivos. Para encerrarmos, um último reparo a respeito desta

novíssima situação em que colocamos o médium. Quando lhe solicitamos para que efetue as perguntas, não estamos querendo que pesquise no íntimo de si mesmo, conforme foi a tendência inicial, evidentemente conflagrada por ativa sugestão nossa. Queremos, sim, que busque, dentro da temática do mundo atual, pontos nos quais Kardec não poderia cogitar. Simplesmente isso.

61. Posso retroceder um pouco, para saber se estava bem certo o Codificador, ao final da vida, de pesquisar para a feitura de uma História do Espiritismo, preocupação que levou ao túmulo, tanto que, em mensagem psicográfica, insistiu sobre o assunto?

R. Queira, por favor, formular a pergunta subsequente.

62. Não estaria centrado o interesse dele em fatos absolutamente materiais, ou seja, em algo de discutível importância para o desenvolvimento espiritual dos encarnados mediante os ensinamentos doutrinários cristãos? Melhor dizendo: a história dos eventos da humanidade não se restringirá ao campo em que existem os espíritos transitoriamente, apesar de os valores terrenos serem, segundo a perspectiva das grandezas subjetivas, de imprescindível necessidade para a formação do homem integral, isto é, do ser humano como entidade em desenvolvimento evolutivo agregada à sociedade em que vive e exerce o seu ministério de amor e justiça, conforme a programação cármica anterior ao encarne?

R. A questão se põe de maneira muito clara. O médium sabe que Kardec era um espírito encarnado e que durante boa parte da vida deu prioridade aos aspectos meramente humanos das realizações em que se empenhava. Mas era espírito voltado para os problemas filosóficos e teológicos, de maneira lúcida e racional, o que lhe propiciou desenvolver o pensamento, segundo a pureza das noções filtradas pelo crivo da verdade científica, tanto que buscou o conhecimento em todos os ramos do saber mais desenvolvido da época, em caráter, portanto, de isenção quanto aos dogmas e

demais imposições da fé subjugada pela religião. Ora, era de esperar-se que o sentido igrejeiro do culto, aqueles filiados aos interesses do clero, vinculados à sobrevivência das corporações sacerdotais e correlatas aplicações no campo das empresas eclesiásticas, fossem ficar do lado de fora dos intentos do Professor Rivail, na expectativa em que se encontrava de decifrar o mistério da vida e da morte. Quando do advento do Espiritismo por suas próprias mãos, imprimiu à obra o cunho de sua espiritualidade sem compromissos outros senão com a verdade. Por isso, foi explorando todos os recursos que os do etéreo lhe proporcionavam, analisando meticulosamente todas as informações, formando o corpo doutrinário que erigia sob a direta assistência dos espíritos de luz que lhe forneceram os conceitos e com ele discutiram as diretrizes a serem impressas ao trabalho conjunto. Dessa forma, suspeitar que o Codificador estivesse interessado em colocar todos os preceitos e estatutos dos cânones espíritas sob o guante do materialismo científico é reduzir a perspectiva do encarnado aos paradigmas psíquicos estruturados sob a tutela dos elementos culturais da civilização europeia em que estava imerso. Simplesmente por respeitar a palavra dos informantes desencarnados, já não estaria incurso na pecha de materialista. Sendo assim, vamos restringir a pergunta do médium ao âmbito do interesse humano do Codificador em estabelecer critérios rigorosos, para que a gente do futuro pudesse conhecer as origens da ciência espírita, como assim toda a metodologia aplicada pelos espíritos, quanto ao sistema de transmissão das noções fundamentais da existência e correspondente período de vida corpórea, e assimiladas por ele mesmo, enquanto lente universitário comprometido com a verdade. A História do Espiritismo, portanto, é evidente, interessa aos encarnados, porque, para os do etéreo, os procedimentos de exame dos acontecimentos passados sempre haverão de ser os específicos de sua realidade. Pergunta o médium a respeito dos valores em jogo, se não seria preferível eleger a vida do espírito como

referencial mais importante para o procedimento dos humanos. Mas afirma, também, que existe motivação própria para os que participam da densidade da matéria, segundo a capacidade individual de envolvimento nas ocorrências que se percebem através dos cinco sentidos ou sensações, por força da necessidade de aperfeiçoamento espiritual do intelecto ou do sentimento. Como o mundo das possibilidades se aproxima da infinidade, nada mais justo do que oferecer aos que se dedicarem prioritariamente à doutrina dos espíritos recurso válido de aproximação histórica das mensagens através das quais se organizou o cabedal de conhecimentos espíritas, que se encontravam, aliás, desde todos os tempos, espargidos por entre os povos, sob feições diferenciadas mas insofismáveis. Reaver todos os aspectos desse desenvolvimento não era desprezível e Kardec bem compreendeu as repercussões que traria para as gerações futuras. Que os homens se dediquem a explicar o que sabem aos parceiros menos sábios é o que se requer sempre, para que se processe a evolução de todos.

63. Sinto-me pequeno para o papel que me foi designado. Que tal se me dissessem qual a importância da elucidação dos problemas atuais, se, para a espiritualidade, as crises são de todas as épocas e o ser humano sempre haverá de lutar contra a tentação do poder, da glória, do comodismo e da falência final do corpo, pela degradação irreversível do organismo? Neste aspecto, não se encontra tudo registrado nas obras de Kardec?

R. Que tal mumificar o espírito humano pela realização passada, tornando os que existem agora apenas o reflexo muito pálido dos precursores em todas as áreas do conhecimento? Na verdade, as civilizações se extinguem e novos povos se organizam em sociedades que vão, num crescendo, aprendendo a conviver sob o império da lei e da ordem. Mas essa tendência, que é natural, não se observa a olho nu, senão através da lupa dos expoentes e sábios que levam a bandeira do ideal, esforçando-se eles mesmos por outorgar aos

vindouros a herança de seus sacrifícios em prol dos semelhantes. Se o médium, quando instigado a partilhar do processo de investigação da realidade para superação dos problemas, se julga sem capacidade para a magnitude do evento, então, perder-se-á a oportunidade e restará aos do etéreo recolher-se ao seu tugúrio de amor e compaixão, para as fervorosas orações em que se inclui, necessariamente, a abertura das perspectivas mentais dos que se configuram os mais aptos à intermediação dos informes que trariam estímulo adicional à luta contra a pobreza espiritual dos que se prenderam à matéria, definitivamente segundo as leis cósmicas instituídas por Deus. Não há como influir sobre as decisões que redundam em males para as pessoas, sem a iniciativa da comiseração e o respeito ao direito de evolução de cada um. Uns trabalham de forma ativa, outros, de forma passiva, quando o objetivo é a mediunidade. Contudo, para a salvação, ou melhor, para o desenvolvimento espiritual, são indispensáveis o desejo de melhoria e o empenho em aplicar-se ao bem, por amor ao próximo, ou seja, a realização objetiva das recomendações morais e filosóficas de Jesus e dos egrégios espíritos que deslindaram para os encarnados os mistérios do plano em que emergirão após a morte.

64. Na verdade, não fui plenamente convencido dos méritos que este trabalho auferirá de minha contribuição. Mas, como é para o meu próprio bem e dos que me acompanharem nos raciocínios, vou querer saber como é que esperam os do *Grupo das Perguntas* atingir metas predeterminadas pelo inopinado da postura nem sempre coerente do interrogador ora oficializado. Será que, se perguntar a respeito de recente suicídio coletivo, estarei oferecendo valiosa oportunidade para que discorram sobre o fanatismo de determinadas seitas, que, enceguecidas pela ânsia de serem aceitas de imediato no Reino de Deus, propugnam a passagem para a esfera seguinte de maneira violenta?

R. Que os leitores avaliem a plena liberdade que demos ao médium é o que desejamos, de modo que as perguntas vão levando o cunho da improvisação, pelo menos neste início do questionário a ele afeto. Futuramente, poderá recorrer às obras modernas, psicografadas ou não, para levantar temas de interesse universal, segundo o prisma atual do saber humano. Eis que o nosso objetivo se alcançará e ficaremos satisfeitos com as dissertações que as questões irão propiciar. Quanto aos leitores comuns das obras mediúnicas, pouco temos a acrescentar aos textos que tratam das consequências trágicas para os espíritos que deram fim às suas vidas, sem consideração pelo tesouro existencial que lhes estava sob a responsabilidade. Se levaram a efeito o ato derradeiro com vistas a forçar o Senhor a aceitá-los, sob a hipótese de que o sacrifício foi extremo, apenas estarão a consignar a ingerência da criatura nos desígnios do Criador, ao contrário do ensino de Jesus, em cuja prece se recomenda aos humanos que se exortem a cumprir a vontade de Deus sobre a sua própria. O suicídio, nessas condições, é a expressão mais ignóbil da exacerbação do egoísmo, do orgulho e da vaidade. Contudo, cremos que as nossas palavras se perderão diante do fascínio desmesurado exercido pelos líderes desses cultos, em especial se já dominaram o espírito crítico dos seguidores e filiados, exatamente ao contrário do que aconteceu a Kardec, quando foi chamado a estabelecer o roteiro das questões e a examinar as respostas e demais mensagens que, em grande volume, lhe chegavam de todos os pontos do mundo, com o fito de caracterizar o que havia de melhor, em termos de conhecimentos espíritas, e o que havia de pior, na intenção dos mensageiros e dos mistificadores, os quais devemos simplesmente alcunhar infelizes. Eis que puxamos o fio da meada para a condenação desde logo do fanatismo religioso: a fé racionada. Mas isto foi exhaustivamente explicado pelo Codificador. Leia-se *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, onde os temas relativos à moral evangélica estão elucidados do ponto de vista espírita. Ou se procure, em *O Céu e o Inferno ou a Justiça*

Divina Segundo o Espiritismo, os textos dos mensageiros espirituais, analisados com o fito de caracterização de seu nível evolutivo.

65. Tenho notado, depois que me foi atribuída a tarefa de perguntar, que muitas questões que julgo poder responder não se fixam para expor aos companheiros do etéreo. Não seria oportuno esclarecer-me quanto à falência de minhas hipóteses, permitindo-me que venha a redigir o que suponho ser perfeitamente compreensível, para dar oportunidade de ser desmentido, quando equivocado? Por exemplo, supus que, se perguntasse a respeito das teorias da doutrina de *Saint Germain*, iria obter como resposta o mesmo que eu mesmo diria, ou seja, que se trata de teses não totalmente definidas e que irão merecer desenvolvimentos, segundo os preceitos do espiritismo kardecista. Estaria certo?

R. Foi ótimo que o médium estimasse dessa forma, porque não hesitou em oferecer-nos ocasião para responder. Na verdade, muitos temas que vimos desfilar em sua mente são perfeitamente passíveis de esclarecimento, através da meditação arraigada aos ensinamentos passados a Kardec. Entretanto, outros existem que carecem de melhor desenvolvimento, apesar de tratados em obras, ao alcance dos leitores, mediúnicas ou não. Somos, portanto, a favor de que todas as questões se ponham, a fim de considerarmos a possibilidade de levar os assuntos aos campos de nosso interesse, sem, é evidente, desmerecer o estudo correspondente ao tema em si. Por exemplo, quanto à doutrina de *Saint Germain*, estamos convencidos de que existe completa, total e irrestrita capacidade dos espíritos encarnados de ascensão imediata a planos mais elevados; nem seria certo duvidar de que isso pudesse ocorrer, porque incorreríamos em declarar que Deus não é justo nem misericordioso. Na história da humanidade, encontram-se casos definidos de santificação, de purificação, de elevação moral, a ponto de se facultar a tais entidades passar para esferas superiores, sem novos estágios no Umbral, ainda que em seus círculos mais

quintessenciados. O que será preciso para isso se encontrará consignado nos textos da doutrina referida? Certamente, muitos dos tópicos recomendarão que as atividades dos discípulos se coadunem com a ordenação que mereceram os espíritos que se caracterizam como *ascensionados*. Cumpridos os preceitos e recomendações, nada mais legítimo do que serem reconhecidas as pessoas como dignas do bem maior. Se existem meios eficazes para o efeito da melhoria mais significativa dos seres humanos, cuidarão os espíritos protetores de oferecê-los e de estimulá-los, uma vez que se enquadrarão, inquestionavelmente, na assertiva de Jesus, quando prometeu o reino do Pai aos que atingissem a perfeição. O Espiritismo também favoreceria a compreensão dos deveres superiores com a mesma finalidade? Não apenas o Espiritismo mas todas as religiões, em seus aparatos e leis de caráter estatutário, o que vale dizer, que os melhores não de cumprir todos os preceitos, ou ficarão a dever alguma coisa que os prenderá ao círculo em que se encontram.

66. Seguindo um pouco nesta mesma linha de raciocínios, podemos dizer que os humanos não têm necessidade de sofrer a desdita dos sofrimentos alheios para obterem a regalia da passagem a planos mais elevados? Esclareço que estou pensando em que Jesus, em sua glória, deve ser uma entidade no gozo da plenitude da felicidade, embora ninguém, melhor que ele, saiba das dores que grassam entre os imperfeitos.

R. Desde que a atitude das pessoas não seja de insensibilidade, uma vez que não acreditamos que Jesus, na bem-aventurança, se esqueça dos pobres de espírito, sempre poderão ser guindadas a estágios mais felizes. A compreensão de que a dor alheia tem origem na necessidade de superação das imperfeições remete os socorristas à assistência esclarecedora, de preferência ao remediar dos efeitos sem o combate às causas. Mas este princípio se encontra inteiro nas explicações de Kardec. Ou não?

67. Então, posso suspeitar que todos devamos passar pelo crivo das expiações dos males que provocamos, inevitavelmente, orando aos protetores para que nos ajudem a ultrapassar a fase de sofrimentos, sem dar às nossas preces o cunho da súplica provocada pelo desespero, mas a harmonia possível dentro da perturbação em que nos encontrarmos?

R. É exatamente assim que se deve rogar a Deus e aos seus prepostos, sem eximir-se o culpado de sua responsabilidade, mas reconhecendo que de sua própria ação é que decorrerá a cura para os seus males. É de todo justo que se protejam os indivíduos de si mesmos, antes de requisitarem das forças etéreas o afastamento simplório das causas de seus sofrimentos. Explicando melhor, podemos dizer que, enquanto encarnados, os espíritos se veem enclausurados na matéria, podendo receber o assédio imediato dos diferentes organismos que visam a se instalar em seu corpo, onde se desenvolverão. Para isso, possuem os humanos agentes naturais que obstam os ataques, impedindo o rompimento das barreiras orgânicas ou eliminando os elementos nocivos que lograrem êxito na investida. Esse é o sistema da carne. Mas os espíritos também são obsidiados, tentados, possuídos, conforme rigorosa descrição de Kardec em *O Livro dos Médiuns*, existindo meios poderosos de defesa, o principal deles contido no procedimento cristão mais elementar do amar, do perdoar e do oferecer dos próprios recursos para beneficiar os necessitados. Vamos dar o casaco também a quem nos pede a camisa ou acompanhar mais alguns quilômetros, além dos quinhentos passos requeridos. Tal princípio se encontra completo nos *Evangelhos*. Ou não?

68. Seria inócuo solicitar que se atualizem os roteiros para as preces, neste final de milênio, onde os povos se veem mergulhados em sistemas políticos e econômicos em que o lucro, o benefício particular e o menosprezo pela dor e pelas perdas alheias

insensibilizam as pessoas, apesar do forte aparato tecnológico, em todos os setores da civilização?

R. Não teríamos o que acrescentar aos ensinamentos que se encontram na Codificação Espírita. Apenas, poderemos descrever o que ocorre de errado dentro dos corações *insatisfeitos*, mesmo quando têm a possibilidade de estar sob a luz dos conhecimentos doutrinários. Só o fato de não estarem contentes com o que têm ou com a vida que levam é motivo para a censura da consciência, o que nem sempre acontece, porque as realizações tidas como práticas caritativas se superpõem ao exame mais acurado das tendências da personalidade como repercussão do nível evolutivo dos espíritos. Ou seja, os que oram, muitas vezes, fazem-no sem fervor, descrentes desde o princípio de que vão merecer integral assistência dos protetores, sem a suspeita de que as solicitações serão atendidas, não segundo a vontade deles, mas à vista das necessidades. Não é porque o sujeito vive atendendo aos reclamos de trabalho dos centros espíritas que tem o direito de supor estar quite com a consciência, porque os resgates são extensos e pertinentes aos atos de desconsideração aos semelhantes, em todos os tempos, o que significa que os débitos anteriores à encarnação devem ser saldados, conforme a explicação de Jesus na parábola dos talentos, ou seja, Deus irá cobrar de cada um de nós as providências relativas ao tesouro de vida que nos deu, a uns mais que a outros, porque o nível de esclarecimento, em sendo mais elevado, gera maior responsabilidade. Eis que definimos o roteiro mais apropriado, qual seja, o de que a prece, sempre vise a agradecer a vida e todos os momentos agradáveis que a companhia dos entes queridos nos proporciona diariamente, como ainda busque interrogar a alma sobre quais as pendências que restaram a cada iniciativa de restauração através dos atos favoráveis ao bem-estar material e espiritual dos que sofrem ao derredor. E para o restante da humanidade? Que haja sincero condoer e sensível apreensão das vibrações angustiadas, a traduzir-se em ondas de amor e

solidariedade constante, como atitude permanente de boa vontade e discernimento, conforme se espera, como se lê na pergunta de número sessenta e seis, relativamente a Jesus.

69. Kardec era um professor gabaritado, mestre emérito e autor de várias obras, antes de se ocupar com a implantação da doutrina espírita nos meios culturais franceses. Ora, é justo considerar os seus textos bastante trabalhados do ponto de vista da expressividade e da qualidade literária, não bastasse os conceitos de que tratou serem, frequentemente, de complexidade bastante forte. Ainda que o Codificador se alinhasse entre os pedagogos e que facilitasse didaticamente todos os esclarecimentos, para as pessoas próximas do analfabetismo, os seus escritos permanecem muitíssimo carregados de eruditismo, sendo de difícil compreensão para quem não tenha, como diz um escritor, lustrado os bancos escolares com suas calças. Justificar-se-ia, portanto, que haja lugar, dentro da literatura espírita atual, para obras de vigor literário deficiente, para não declará-las completamente alheias ao campo do reto traduzir das comunicações doutrinárias? Por outra, não necessitaríamos nós mesmos reduzir as expectativas culturais, para produzir textos menos técnicos, ou seja, romances do tipo daqueles que agradam as mulheres, com diagramação dramática da chamada linha *água com açúcar*, com o fito de amenizar as decepções dos que abandonam as leituras por não se harmonizarem com a forma culta da mensagem, não tanto pelo favorecimento dos conhecimentos em si, mais pelo emprego de léxico e de construções sintáticas que exigem alguns refinos intelectuais? Não seria muito mais coerente que disséssemos apenas: *“Os livros, hoje em dia, devem ser simples para as mentes pouco adestradas, ainda rudimentares e não escolarizadas”*?

R. Todo esforço de elevação do pensamento das pessoas será coroado de êxito no plano espiritual. A que não se deve dar prioridade é à falência das intenções de ver os irmãos progredindo.

Kardec escreveu com o estilo de sua época e, pasmem os incrédulos, atemorizava os literatos com os seus lances de popularizar a escritura, tido que não foi como dono de propriedades particulares na formulação dos textos. Era tido, sim, como divulgador da doutrina, portanto, alguém que pelejava por fazer-se entender do grande público. Mas não cedia à ignorância, porque os temas desenvolvidos assim o exigiam, dado o apuro das teses e a necessidade das explanações fundamentadas na mais absoluta lógica. Para dispor de coerência, precisava ser fluente ao mesmo tempo que preciso; não podia ser prolixo, contudo, necessitava expor às minúcias cada pequenino avanço na teoria espírita. Também estava a enfrentar adversários doutos, como o sacerdócio estudado e os catedráticos da universidade. Hoje em dia, os méritos de exposição repousam na perspectiva da aceitação das obras, segundo a palavra mais abalizada dos dirigentes das entidades espíritas oficiais e que têm voz junto à imprensa especializada. Mesmo assim, à boca pequena, e pela influência da tese de que o número faz a diferença, muitas obras são reimpressas frequentemente, porque de gosto popular, embora pessoas mais instruídas se torçam com o insucesso de trabalhos que recomendam. De passagem, podemos citar que Kardec aceitou o argumento do número contra a acusação de que o Espiritismo não iria vingar, afirmando que os milhões de adeptos estavam a comprovar que a doutrina viera para ficar. Hoje, perante a multidão dos crentes evangélicos das nascentes igrejas de tonalidade protestante, deveria resguardar-se, porque existe número muito mais significativo de seguidores dessas seitas do que de fiéis do kardecismo. E por quê? Através da palavra mais fácil e inteligível dos pastores, o povo é atraído pela promessa dos bens materiais e espirituais sem grandes sacrifícios, além dos do dízimo dos salários (que esperam ver de volta em pouco tempo) e do abandono dos vícios mais contundentes para a saúde, o que, se alcançado, não é de pequena monta. Não estamos criticando nem o povo, nem os

pastores, nem os espíritas. Queremos, sim, que haja harmonia e paz entre os homens e que todos se entendam e se ajudem, perante o direito e a justiça, oferecendo a cada qual os recursos do progresso e os benefícios da educação. Em suma, ante este mesmo desenvolvimento, deve o esporádico leitor crer-se apaniguado por superior disposição psíquica para a assimilação dos conceitos expendidos. Mas isto não significa que estamos condenando *a priori* todos os trabalhos escritos e publicados sem a mesma chancela desta intrincada argumentação e correspondente linguagem. Muitos textos singelos prestam relevantes serviços à causa espírita e nós, que almejamos equiparar-nos pretensiosamente a Kardec (veja-se o nosso título), não vemos dificuldade alguma na divulgação de tais livros, desde que reflitam a ciência espírita, não pequem contra o dialeto culto corrente entre os de desenvoltura escolar média e se apresentem íntegros quanto à honestidade de propósitos dos autores ou mensageiros.

70. Persistindo no assunto, seria possível comentar as produções modernas de poderosos médiuns, destacando-se Chico Xavier como expoente máximo desse tipo de cultura? Outros médiuns, como Divaldo Pereira Franco e Raul Teixeira, também são lidos por extensa faixa de pessoas vinculadas ao Espiritismo intelectual. Contudo, muitos de seus livros são extremamente complicados, tratando de temas científicos ou morais, quando não técnicos dentro da área espiritual, alguns de dificuldade de entendimento superior às obras da codificação. Cito, em particular, a obra inicial do médium mineiro, *Parnaso de Além-túmulo*, em que deixaram seus nomes representantes da mais lídima literatura em língua portuguesa. Não estariam fadados esses textos esplêndidos a submergir sob a onda das produções medíocres, apesar da imensa repercussão ao longo de alguns anos? Vejam que o risco que correm os deste *Grupo das Perguntas* é o mesmo, ou melhor, pior ainda, porque, do jeito que as publicações se dão, este livro vai quedar engavetado.

R. Um dia ou outro, cada um de nós passaremos pela porta estreita e, para fazê-lo, temos de demonstrar que aprendemos as lições. O conhecimento é imprescindível para o acesso aos círculos mais elevados, dado que os neófitos precisam desempenhar papéis para os quais devem aparelhar-se convenientemente. Entretanto, ninguém ultrapassa a metade do caminho sem dar o primeiro passo. As chamadas obras de cunho popularesco, as que abrem concessões ao vulgo, as que se contentam com pouco, estas vão sendo esquecidas pelos que progridem, mas sempre são aceitas com muito agrado pelos que principiam a caminhada. Todos temos funções a cumprir, segundo a capacidade desenvolvida por esforço de aprendizagem. Se não tivermos o prazer ou a honra de ver o nosso livro nas prateleiras das livrarias, nem por isso deixaremos de alegrar-nos com o fato de serem procurados aqueles outros a que se referiu o médium, porque as pessoas estão evoluindo e, à medida que se aperfeiçoarem espiritualmente, irão atrás dos conhecimentos que ali se contêm. Se esta explicação se delimitar ao âmbito familiar do nosso ajudante, ainda assim ficaremos felizes, porque teremos, de qualquer modo, feito algumas pessoas refletirem a respeito de nosso ponto de vista. É a este instigar intelectual que estamos dedicando-nos, o que se constitui no resumo de todas as mensagens psicografadas, que não passam de acicates para o estímulo à pesquisa doutrinária mais profunda. Graças a Deus que estamos tendo a oportunidade de expor o que pensamos! Para nós é suficiente este aspecto, uma vez que vamos testando a capacidade de elaboração teórica e transmissão organizada. Quanto aos arranjos linguísticos mais propícios para atingir o grande público, teremos paciência para ver o tempo passando e as gentes irem, bem aos poucos, atingindo os resultados que se encontram incrustados no destino espiritual das criaturas. Para encerrar, temos a obrigação de lembrar que é exatamente assim que procedem conosco os nossos mentores, a nos ensinar a constância no dever e a moderação no anseio da perfeição alheia e própria. Se este trabalho

não for aprovado por nenhum editor, não iremos reescrevê-lo, mas tenha a certeza, caro amigo, de que iremos reformular a nossa postura de escritores, para facilitar o acesso de mais pessoas ao nosso mundo referencial de conhecimentos, de atitudes e de sentimentos. E voltaremos à carga.

71. Nada é definitivo nos campos da matéria, a não ser o passado que se mantém nas lembranças individuais, porque os registros históricos, mesmo os mais perfeitos, são incompletos, quando não inexatos. Sendo assim, a hipótese da perda dos trabalhos executados através da soma dos esforços de tão grande grupo não poderá causar desânimo, embora se saiba que o aproveitamento dos realizadores é incontestável? A referência obrigatória é quanto à destruição, por exemplo, das obras-primas das artes. Este sentido material não afeta o procedimento dos espíritos pela relação possível entre valor e consequência não verificável? Faço-me entender: caso este mesmo roteiro não venha à luz do mundo, resignando-se a permanecer na obscuridade da minha gaveta, não estará extinto um dos aspectos mais importantes de qualquer objeto que vise à elucidação dos seres humanos necessitados, ou seja, a outra extremidade da corda?

R. Vemos que o insistente inquiridor desejaria que os resultados de seus momentos de mediunidade se valorizassem, dado que intui que o tempo poderia ser melhor aproveitado, uma vez que a sua vida é única sob o influxo desta personalidade, para a qual se soma o aparato físico aos recursos cerebrais. Nada mais natural do que tal preocupação, mas do ponto de vista dos encarnados. Como estamos adquirindo rapidez no deslindar das complexidades temáticas, pouco nos importa se o amigo está queimando energias à toa. É decisão sua oferecer-se à psicografia. Valorize a obra pela obra e deixe de lado a repercussão que possa obter junto à sociedade. Torne-se membro da nossa equipe, transitoriamente, e aguarde pelos instantes em que volver ao plano da espiritualidade, para se integrar

em alguma turma de estudos ou de assessoria aos encarnados. Isto vale para todos os leitores e não apenas para quem está a nos interrogar. É preciso definir este aspecto lúdico da prestação de serviços socorristas, porque não é sempre que o assistido aceita o favorecimento de sua elevação por meios externos, preferindo refazer todos os experimentos, embora leve muito mais tempo e percorra muitos caminhos aleatoriamente. Em todo caso, chegará ao ponto, talvez até com muito mais ampla conexão dentro dos fatores da sabedoria, porque se dedicou a aspectos mais variados do que os que se incentivaram por meio das ponderações dos mais vividos. Em suma, as experiências não se transferem; apenas a noção de que devem ser levadas a cabo. De passagem, como o reparo que fizemos ao argumento numérico de Kardec, também temos de ressaltar que o nosso médium, quando pergunta, não facilita as coisas para os leitores comuns, conforme se pode verificar no texto que compôs para esta questão. Não vale reformular depois, porque era desse maneirismo que estávamos precisando para o exemplo. Muito obrigado pela compreensão.

72. Não estaremos incorrendo em bizantinismos para a finalidade do livro?

R. Primeiro precisamos reproduzir o que o dicionário registra para o verbete *bizantinismo*, ou seja, em sentido figurado, *interesse por discussões frívolas ou insignificantes, sem resultado prático, como as questões tratadas pelos teólogos bizantinos*. Não acreditamos que estejamos dispendo da boa vontade do leitor para temas supérfluos. Evidentemente, se os interesses das pessoas não se voltam para o que temos para dizer, tudo o que consignarmos irá representar muito pouco para o acréscimo de conhecimentos doutrinários. É como se dá, por exemplo, com as obras absolutamente técnicas, como quando se trata dos condutores da eletricidade, dos efeitos dos micro-organismos sobre o sistema nervoso central, das regras gramaticais do sânscrito, da geomorfologia dos solos do Paquistão e

assim por diante, assuntos que, para a maioria, está fora da área de atuação intelectual. Mas tratar das causas e consequências das atitudes, dentro do padrão evangélico, ainda que repetitivo ou cansativo, sempre haverá de apresentar a sua importância. Quais os resultados práticos? Simplesmente, à medida que os problemas vão surgindo, estarão habilitadas as pessoas à rememoração das explicações que aqui foram lidas, para saberem como agir. Talvez o que esteja um pouco a mais seja a expectativa da melhor realização, mas somos suficientemente esclarecidos para recomendar que se complementem as nossas discussões com a leitura de outros textos e com os debates entre amigos.

73. *A primeira impressão é a que fica*, dizem os que se põem a estudar a psicologia das reações. Entretanto, quanto se refira aos estudos propostos pelos espíritas, a imersão nos conhecimentos é paulatina, sequencial, reversível, devendo seguir o caminho natural do crescimento da mentalidade, qual seja, o de aprender sempre segundo a capacidade de assimilação de cada um, o que se dá gradativamente, como na escala seriada dos ciclos escolares. Poderemos dizer que esta obra está um passo adiante das propostas de Kardec, porque se percebem certas críticas parciais ao acervo técnico do Codificador, embora se reconheçam nele méritos de gênio?

R. Um passo adiante e um passo atrás, porque não é desejo do grupo estabelecer comparações nem imiscuir-se nos temas exaustivamente tratados na codificação espírita. Não seríamos justos, se não víssemos no trabalho do Prof. Rivail o discernimento correto para impregnar as vidas de novos objetivos, abrindo o panorama para a visão mais generosa da misericórdia divina, como ainda para a compreensão mais exata dos ensinamentos de Jesus. Mas temos de considerar que é dele a assertiva de que o Espiritismo evoluiria no campo científico, acompanhando o desenvolvimento das ideias dos precursores das novas tendências, segundo as

descobertas dos mistérios que se escondem no seio da natureza, como as invenções de novos recursos de aproveitamento das fontes de energia, para o bem-estar coletivo e adiantamento das civilizações. Mas é preciso estar atento para os movimentos de caráter filosófico, moral, social, econômico, político e demais com força e poderio para estabelecer os princípios da vida comunitária, quer dentro dos limites das nações, quer no intercâmbio entre elas. Foi pensando nesses aspectos das transformações humanas que tomamos a iniciativa de colaborar com as reflexões dos leitores modernos, trazendo-lhes considerações atinentes às novas perspectivas existenciais no mundo. Mas não devemos ir *com muita sede ao pote*, porque a precipitação das conclusões nos fará entornar a água, ou seja, as análises devem realizar-se segundo a realidade para cada região, conforme as estruturas que se mantêm inabaláveis, uma vez que os avanços evolutivos não atingem universalmente a todos os homens, pois existem pátrias inteiras que estão apenas emergindo da idade da pedra. Enquanto discutimos pontos de importância global, como a questão da poluição, em muitos lugares, a população sequer tem o que comer, vivendo obstinadamente dos frutos que conseguem arrancar do solo, segundo técnicas de cultivo que herdaram de tradições seculares ou até milenares. Como levar a tais setores da população mundial as sutilezas científicas fundamentadas na Física, na Química, na Matemática, na Geologia, na Genética, na Psicologia ou, no nosso caso, com perdão da impropriedade vocabular, na *Parapsicologia*? Contudo, tais criaturas também estão ameaçadas de ver desaparecerem os meios de sobrevivência, sem noção do que se passa com o planeta. Por outro lado, são tantas as culturas cristalizadas sob a tutela dos poderosos, que nem pensar se pode em levar-lhes as preocupações de caráter espiritual, para as definições programáticas da doutrina, porque as obras e as pessoas seriam escorraçadas desde a porta de entrada, apenas por se disporem a informar a respeito da necessidade da reencarnação, da

possibilidade mediúnica, da natureza do mundo incorpóreo ao derredor do círculo material etc. *Bizantinismos* à parte, cremos que existem razões para agitarmos a mentalidade mais conservadora dos que visam a salvar-se simplesmente pela caridade, quando a definição de caridade está a requerer algumas reformulações pela maior abrangência dos conhecimentos que se disseminam entre a população melhor escolarizada.

74. É verdade que, na época de Kardec, a benemerência era particular, enquanto hoje muitos códigos de leis nacionais estabelecem a cobrança de percentuais dos ganhos dos indivíduos para a manutenção do governo, que gera benefícios públicos nas áreas da educação, da saúde, do saneamento, da habitação, da segurança, através de um estado de direito que se interessa, primordialmente, pelo cidadão comum e não pela manutenção pura e simples da aristocracia, mercê da ascensão das classes sociais, muitas vezes através de movimentos revolucionários. Na época de Kardec, a civilização europeia tivera já a experiência da Revolução Francesa, que pôs por terra o sentimento monárquico, redundando em ondas de substituições de valores, até a consumação da Revolução Russa, na segunda década do século vinte. Atualmente, a humanidade vive ainda a euforia das reformas, mas se vê sob o guante do poderio econômico paralelo dos que se encontram fora da lei, no comércio das drogas, das armas, da pornografia, ou seja, estabelecem-se diretrizes em que os conceitos de justiça, de ordem e de progresso ganham matizes muitíssimos estranhos para quantos vivenciam as ânsias da emancipação espiritual, dentro das comunidades tuteladas pelo cristianismo. Pergunto, para não descambar para digressão paralela, se as instruções do etéreo, de maneira geral, apesar de apresentarem especial caráter de advertência e de esclarecimento, não estão propondo aos filiados ao movimento espírita que se alienem da realidade do mundo em que vivem, principalmente porque a pregação doutrinária não

subvenciona a integração política dos que participam das atividades dos centros, sociedades e federações, evitando o bulício das agitações mundanas, que pode constituir-se em elemento desagregador das personalidades.

R. Ainda bem que nos perguntou, porque temíamos ficar à deriva, navegando apenas nas águas doutrinárias. Pois é exatamente a preocupação com o momento presente cheio de perigos e de expectativas negativistas que nos trouxe para o debate dos temas referentes ao destino da humanidade. A vida estua em todos os setores, a ponto de haver movimentos de opinião pública firmando-se em organizações não governamentais, para o efeito da reação que se pede contra a destruição da natureza, o que vale dizer, da vida. Enquanto uns se apoiam nas forças da legalidade constituída para se manterem à testa dos negócios que lhes oferecem lucros, à medida que exploram o trabalho da maioria, outros, sem considerarem o fato de que existem em desacordo com aqueles justamente porque a estrutura social e política é a mesma, extraem o que podem da população, para se manterem clandestinamente tão poderosos quanto os representantes oficiais dos segmentos da civilização que os elegeram às cegas, porque são mantidos na ignorância, sob o protecionismo paternalista dos mais espertos, no mau sentido. Como levar os espíritas a influenciar sobre esse clima de poder? Mantendo linha de transmissão direta entre os planos, para que possamos acusar os defeitos e onde se situam os erros de conduta evangélica; solapando, por assim dizer, as intenções sob a custódia da consciência, pelo despertar do intelecto e o sensibilizar para a dor e a miséria. Afirmamos, na resposta anterior, que o conceito de caridade deve adaptar-se ao campo de atuação de cada pessoa, isto é, se o sujeito for um capitão da indústria, deve atender à multidão que se encontra na dependência de suas deliberações, e não montar esquema de administração em que as responsabilidades se diluem e ninguém assume o compromisso da assistência e acompanhamento das necessidades dos empregados. Se ali se situar

um indivíduo dado aos estudos espíritas, com a convicção de que as diretrizes doutrinárias estão certas e de acordo com a realidade espiritual, deve levar para a empresa o ideal cristão, trabalhando pelas pessoas e não pelo lucro ou pela produtividade. Se estivermos aparentando ser muito simplórios no desenvolvimento destas considerações, atemorize-se o caro leitor por acreditar em semelhante conceito, uma vez que as realizações humanas, segundo as leis universais, cósmicas ou divinas, irão confluir, necessariamente, para os atributos do espírito sobre os quais incidirão os acréscimos de benemerência do Senhor. Talvez estivesse faltando falar a respeito dos magnates, dos dirigentes e dos administradores; pois agora não falta mais.

75. É aceitável que a humanidade procure outros caminhos para ir ao reino de Deus, embora passe pelo Espiritismo, sem se deixar embalar pelas teses por ele defendidas?

R. A compreensão da doutrina espírita exige dos seres encarnados uma série de transgressões dos dados materiais, uma vez que a imersão na carne invoca, necessariamente, os esquemas de sobrevivência próprios da esfera terrena. Não é fácil extrapolar os costumes arraigados no pensamento prático ou imediatista da maioria. Existe, também, a faculdade da transferência de responsabilidade, nesse campo de transcendência das leis puramente corpóreas para as que se propugnam nos códices da espiritualidade, podendo estabelecer os humanos que pessoas dedicadas aos temas religiosos estejam melhor preparadas para a elucidação do que devem fazer para responderem aos anseios do Criador. O Espiritismo exige, por sua vez, que se conscientizem os que o procuram de que são almas em evolução, muito grosseiras para frequentarem os domínios dos anjos ou espíritos de luz. Muitas vezes, as pessoas são atraídas pelas casas espíritas para assuntos de primeira instância, desejosas de reaver o domínio de si mesmas, por causa de sofrimentos advenientes de conjunturas inesperadas.

Correm o risco da decepção, uma vez que nem sempre as pessoas ou os benfeitores espirituais estão em condições de lhes propiciarem o atendimento requerido. Palavras de soerguimento moral elas podem encontrar em qualquer outra seita ou religião, bastando demonstrar que estão a pique de se desesperarem. De resto, a ciência psiquiátrica oferece remédios tranquilizantes e os psicólogos estão aptos a acompanhar o desenvolvimento das crises, obtemperando com sábios conselhos pertinentes às próprias regras do viver mundano. Muito recentemente, outros ramos do saber se despertaram para a ajuda mental, de sorte que recursos existem em muitos campos para a minoração da dor. Se for esse o caso das pessoas, é compreensível que se deem melhor com uns do que com outros, passando batidas pelas explicações que remetem ao carma. Faça a pergunta que o traz hesitante, por favor.

76. Ouvi, recentemente, de um dos próceres da mediunidade, respondendo a perguntas do público, que as mortes das crianças também se explicam através da curta temporada na vida que lhes estava programada para complementar alguma passagem anterior que foi antecipada. Ora, a premissa da antecipação não se refutou. Então, não é justo suspeitar que muitas crianças perecem também antecipadamente?

R. Nada a objetar quanto à sua conclusão. Deveras, os acidentes existem, uma vez que os espíritos que cuidam dos reencarnantes não dominam o destino como se tivessem o poder integral nas mãos. É justo duvidar, portanto, que os pequenos que desencarnam estejam dando cumprimento à lei cármica, podendo, perfeitamente, estarem sob o efeito das leis materiais. Mas a sua pergunta ia mais longe.

77. Sim. Corolário da anterior, o mesmo palestrante referiu-se à necessidade, muitas vezes, de encarnações dolorosas, nas quais os aparatos corpóreos estariam prejudicados porque o perispírito não

está incólume, ferido que foi pela própria pessoa em ato suicida. Não vejo falha na explicação. Parece lógica. Mas será psicológica? Será caritativa a pessoa que leva ao conhecimento de pais de filhos com aleijões físicos ou mentais que tais criaturas estão pagando por erros cujo conhecimento lhes é vedado pelas próprias injunções corpóreas? — *Que crimes terei praticado nesta ou noutra vida?* — perguntarão os pais angustiados, porque a explicação estende a eles a necessidade da expiação. Compreendo que a lucidez dos que se dedicam inteligentemente ao estudo da teoria espírita facilita a compreensão para os resgates de dor. Mas as pessoas que estão imersas nos problemas não se sentirão magoadas com tais raciocínios e não buscarão palavras de maior conforto imediato?

R. Está claro que o médium entende que todos os conhecimentos se encontram na obra espírita. Talvez o seu condoer pelos mais frágeis intelectualmente lhe dê esse sentido da sensibilidade da alheia estupefação. Também não agasalha o pensamento de que as pessoas possam perder-se para o Espiritismo, reconhecendo, embora, que o tempo é mestre da sabedoria. Todavia, quando se é bem acolhido e, apesar disso, a pessoa que se afasta da casa espírita não se constituirá em percalço para a divulgação da doutrina. Antes, poderá levar a simpatia do trato ameno e caridoso de que foi alvo. Nesse aspecto, tem o seu raciocínio razão de ser, porque não causa satisfação ouvir que o filho está pagando por supostas faltas, como ainda os pais. Unindo esta questão à anterior, vemos que o médium quer estabelecer correlação entre os fatos, ou seja, quer ver nas pessoas com males congênitos também seres humanos eventualmente em desvantagem física ou mental, tendo sofrido um acidente de malformação orgânica, porque, como dissemos, os engenheiros genéticos do etéreo não são deuses e não mantêm todas as variáveis da encarnação sob controle. De novo, temos de concordar com a dúvida relativa a que todos os casos se expliquem pelo proceder da lei de ação e reação puramente espiritual. Nesse caso, resta a saída do sofrimento como sobrecarga suportável, a que

aludiu Jesus, porque, sabemos, Deus não permite a ninguém que carregue uma cruz severa demais para a condição humana. Contudo, a melhor explicação se encontra em tópico de caráter genérico, dentro das diretrizes fornecidas a Kardec pelos amigos da espiritualidade, qual seja, a de que este planeta acolhe espíritos bastante atrasados, mas capazes de vislumbres da verdade da própria condição inferior, ao mesmo tempo que, para muitos, se favorecem as luzes do conhecimento, conforme exaustivamente temos afirmado. Uma hora ou outra, todos passaremos, como já dissemos, pela porta estreita.

78. Dentre as pessoas que *passam* pelo Espiritismo, encontram-se aquelas que se decepcionaram, não com a teoria, mas com as pessoas. Teríamos algo a recriminar aos que deixaram escapar os adeptos em potencial?

R. A preparação para a próxima questão é evidente. Faça-a agora.

79. Muitos não entendem direito os aspectos filosóficos da doutrina, porque desejam aplicar diretamente aos seus organismos espirituais, vamos dizer assim, os fenômenos que sabem existir em relação aos médiuns. Por exemplo, gostariam de receber mecanicamente as mensagens dos protetores. Também se esforçam por conduzir experimentos na área dos efeitos físicos. Há quem se esmere para canalizar energias de um plano a outro, com a finalidade de cura ou de afastamento do mal-estar e dos pensamentos depressivos. Existe quem censure os dos centros espíritas por não permitirem o uso de talismãs. Serão essas pessoas recrimináveis por desejarem tornar a teoria o mais material possível, no âmbito de sua atuação energética ou vibratória?

R. Para utilizar o termo incluído nas perguntas, *recrimináveis* somos todos nós, por considerarmos os nossos pontos de vista inatacáveis. Quando a pessoa assusta os novatos com explicações mais ou menos aterrorizantes de carmas de suicidas ou de homicidas, de

fato, deverá *passar* por treinamento de reciclagem no tratamento que deve dar aos que chegam ao movimento tangidos pela dor. Também os que não veem méritos naqueles trabalhadores que se dispõem a administrar o centro estão merecendo a increpação das desilusões precoces, porque ninguém é perfeito. Estes mesmos textos, se examinados com algum rigor, não oferecem níveis de resistência argumentativa muito fortes, a ponto de originar no leitor certa indisposição, caso requeira dos mensageiros preciosas noções, justamente aquelas que o colocariam extasiado. Não obstante, como referiu o médium, existem os que se decidem por outros princípios, criando expectativas muito pessoais, para cujo desempenho não estão preparadas as casas espíritas, de modo geral. Se preciso for que caminhem um tempo de ceca em meca nessa pesquisa particular, estarão exercendo o seu direito de livre-arbítrio. Para eles, temos a oferecer a nossa palavra de apoio, sempre que estiverem no legítimo gozo de suas qualidades mais preeminentes no campo da moralidade, tudo realizando em prol dos semelhantes, por amor a Deus. Não concluam, por favor, que estejamos censurando os que se afastam de nossas obras e explicações. Estamos, sim, orando por seus desempenhos cada vez mais próximos das realizações que os guindarão a círculos mais adiantados, no caminhar para Jesus. Que Deus nos proteja!

80. Muito embora a temática do tempo e do espaço tenha sido demoradamente discutida e esclarecida em outros ditados que recebi, gostaria de interrogar o *Grupo das Perguntas*, para dar-lhe a oportunidade de discorrer diretamente, sem os subterfúgios dos que inseriram as explicações em estruturas narrativas. É verdade que o tempo e o espaço não existem senão como resultantes do trabalho realizado pela aplicação da energia, fulcro da essência deste círculo existencial não totalmente desvendado pela inteligência humana?

R. Na pergunta, está, em primeiro lugar, o pensamento do médium, porque se interessa pela resolução do problema do ponto de vista especulativo, já que se prepara para o decesso. Evidentemente, sentem na carne os humanos o transcurso do tempo, que medem de variadíssimas maneiras. Da mesma forma, conseguem estabelecer padrões de referência para o espaço, macro e micro. A sensibilidade corpórea está codificada socialmente para a configuração desses parâmetros, tanto que existem as jornadas de trabalho e as dimensões das áreas. Sendo assim, dizer que não há o tempo nem o espaço como categorias existenciais autônomas é um pouco forte para a mediania do pensamento, tese muito mais acadêmica, para ser discutida entre filósofos ou cientistas. Mas os espíritas ganhariam muito se tentassem compreender como é que se constituem tais conceitos pelas teorias da Física Nuclear ou Quântica, porque, despertando no etéreo, de imediato poriam de lado as impressões terrestres, assimilando o modo pelo qual a eternidade se dispõe para o efeito da indissolução dos elementos fluídicos, característica imanente do espírito, que se reflete no perispírito de maneira ativa, porque a ação sobre ele, em não sendo jamais deletéria, já que não existe deterioração mas aperfeiçoamento e correção, se dá diretamente. A tese das alterações da organização corpórea, portanto, imprime ao cérebro do encarnado a noção do passar da idade, o que deve ficar esquecido no plano espiritual. Para entender os mecanismos íntimos de como se formam os relacionamentos energéticos dentro da estrutura molecular da matéria, preciso será que se descubram os ingredientes mais sutis dos átomos. Isso é ensinamento de base, que deve circunscrever-se aos encarnados. Para efeito da compreensão de como se inverte o processo no etéreo, ou seja, de como é que os elementos mínimos se conjugam para o arrefecimento da impressão do tempo e do espaço, estruturando no cérebro perispirítico a noção de grandeza global da esfera em que se existe, através dos recursos menos pragmáticos do imediatismo das realizações, preciso

será que os seres doem de si mesmos para a instalação e manutenção de centros de aplicação dos ensinamentos evangélicos, como as colônias, em que se reúnem os espíritos em vias de serem chamados para ampliarem o seu nível de sabedoria. É a chamada harmonização vibratória, segundo o grau de desempenho dos indivíduos que compõem o conjunto de mesma expressão ou caráter. Aqui se iludem quanto ao conceito de tempo apenas os que se demoram em tomar a resolução do progresso, presos que se veem às diretrizes impressas em sua personalidade desde a encarnação, pelas razões mais diversas, como venturosa estadia no planeta, como o complexo desejo de auxiliar os que se perderam durante a vida ou após o desenlace, como a renitente formulação dos preceitos e preconceitos religiosos que não se ajustam à realidade existencial em que se situam etc. Na maior parte das vezes, quando os companheiros partem para as aventuras mais perfeitas dos planos superiores, os que ficam para trás estimam que *perderam tempo* e buscam, em consequência de tal raciocínio, o principal feito desde que estabeleceram o princípio evolutivo como necessário: o conhecimento integral de si mesmos. Mas este dado não se escondeu dos mortais, tanto que, sempre que se pensaram os indivíduos seres conscientes, lhes veio a intuição de que, para avançarem, precisavam saber quem eram. Sendo assim, estamos fornecendo uma espécie de informação privilegiada de como atingir desde logo a condição mais legítima para a ascensão desde o corpo físico. Esclareça-se, para que se evitem dúvidas, que nos referimos à sede da alma como estrutura provisória, porque, como se disse a Kardec, o espírito é que vai adquirindo o saber e o sentir, adequando o seu aparato *material*, ou seja, o invólucro a que se deu o nome genérico de *perispírito*, para o enfrentamento do clima da próxima estação evolutiva. Se estas explanações têm o condão de estimular o leitor para as novas páginas, é sinal de que não vem notando que está aplicando energias de seu organismo ao trabalho de assimilar os conhecimentos. Perderá o seu tempo? Gastará, sim, enquanto vai

dando-se o transcurso vital. Mas recuperará cada instante após a morte, porque tenderá ao desprendimento dos liames carnis com mais facilidade e presteza. Se esta informação não vier a ser útil para a vida, procure o amigo ou amiga catalogar quais os conhecimentos, segundo a sua natureza e a sua concepção filosófica ou religiosa, que se podem aproveitar no etéreo. É um desafio que será vencido por quantos aspirarem a não regressar mais à Terra, realizando desde já todos os atos da santidade ou da angelitude que se preveem nos códices em que as virtudes se fundamentam no amor e no perdão, com todos os corolários da justiça, do trabalho, da caridade, da esperança, da fé, da perseverança, da honestidade, da humildade, da modéstia, da perfeita interpretação, enfim, das leis universais, que regem ou equilibram os macro e micro procedimentos em conformidade com a vontade de Deus.

81. É verdade que nem tudo são capazes de entender os humanos melhor dotados de inteligência, sendo essa a razão de que os espíritos nem tudo informam? Esclareço, por meu turno, que tenho imensas dificuldades na quase totalidade das áreas do conhecimento, segundo os desenvolvimentos científicos, técnicos ou filosóficos. Não estou, pois, perguntando no meu interesse. Caso a resposta venha a trazer à baila pontos de referência que ficarei sem entender, peço-lhes que a formulem mesmo assim, mas que o façam de modo a facilitar-me o trabalho. Aproveito a oportunidade para agradecer a atenção extraordinária que estão proporcionando-me.

R. Para nós é suficiente que o amigo trabalhe e se doe de corpo e alma à mediunidade. O mais virá a seu tempo, por acréscimo de misericórdia do Pai. Agradeça a ele. Quanto ao entendimento superior de muitos encarnados, nem mesmo nós, os que se manifestam através desta obra, somos capazes de acompanhar, porque também nos falecem as prerrogativas da inteligência mais abrangente dos espíritos que se situam em planos mais elevados. Se

não temos os recursos intelectuais, precavemo-nos através de atitudes que elegem o bom senso como norma de procedimento e agimos com muita paciência, para a percepção gradual dos fenômenos em toda a sua amplitude física (material) ou psíquica (espiritual). Mas a palavra de Jesus, quando se referia ao fato de falar por parábolas, se aplica em toda a sua extensão e compreensão (termos da lógica formal) aos homens incultos, ou seja, àqueles que se recusam a ouvir e a ver. Ora, tendo em vista que a aplicação aos estudos, às pesquisas, às descobertas, ao conhecimento mais exato de cada elemento da natureza, pelos mais inteligentes, gera o saber científico, que se vai espraiando em ondas de comunicação, a partir dos centros especializados para os setores tecnológicos ou de transformação, posteriormente se aproveitam as comunidades dessa dedicação superior, para maior conforto de suas vidas. O mesmo se deu com as informações que se contêm nas respostas a Kardec, mais acentuadamente em *O Livro dos Espíritos*, de forma que as migalhas vão alimentando os pobres, até que criem forças para partilharem o pão da existência. Se não for nesta encarnação, será na seguinte, conforme o interesse que demonstrarem pelo agir evangélico. Solicitamos ao médium que se conforme com estas notícias e que se esforce por integrá-las ao rol de seus conhecimentos, para que o inconsciente possa trabalhar a matéria aqui exposta e venha a lhe propiciar, oportunamente, a alegria de verificar que as suas ações se coadunam com os ensinamentos que, por ora, ficaram na obscuridade. Para uns mais do que para outros, o processo de assimilação é mais dificultoso, o que se deve aprender a avaliar desde logo, para implementação das diretrizes a que nos referimos na questão anterior, quanto à utilidade dos procedimentos que visam ao progresso espiritual nos campos etéreos.

82. Aproveitando-me do *gancho* que se encontra na resposta acima, não seria mais conveniente falar a respeito de *espírito* ou de *alma*,

em lugar de *inconsciente* e *consciente*, em clara referência às teorias psicológicas que se desenvolveram a partir das teses freudianas?

R. Caracterizemos, desde logo, que a ciência promanada das hipóteses psíquicas da primeira hora era rigorosamente materialista. Isto afirmado, podemos empregar, na qualidade de espíritos livres da matéria, todo e qualquer conceito, sem o perigo de sermos acusados do mesmo mal. Então, vamos assegurar que, na mente dos encarnados, em seu cérebro denso e fechado dentro do crânio, existem inúmeros dispositivos inteiramente dados aos eventos meramente psicológicos, sem as premissas das vidas anteriores ou os reflexos do carma. São os acontecimentos desta hora que repousam na memória e que causam problemas de ajustamento à realidade. Através das técnicas psicanalíticas e psiquiátricas, mesmo com o uso (sem abuso) dos medicamentos que afetam o sistema neurológico, podem-se suprimir os estágios de angústia, desespero, depressão, ansia, fobia e demais esquemas propícios à esquizofrenia, à psicose, à neurastenia e demais afecções mentais. O acompanhamento afetivo que se possa proporcionar às pessoas dentro dos círculos espiritualistas somente irá integrar o conjunto das atividades saneadoras do mal, como nas doenças físicas se exige que haja assepsia e cuidados higiênicos. Nesse quadro, é possível encaixar os conhecimentos doutrinários espíritas, porque é sempre cabível o entendimento de que cada qual deva perpassar por provas que visem à regeneração dos males incrustados no espírito. Os meios que o Senhor encontra para pôr despertas as criaturas é de sua vontade, que prevalece sobre a nossa, embora tenhamos a sensação de agir livremente. Não queremos obstar o ímpeto com que o amigo médium pensou sobre a tese que acabamos de expor, mas a verdade é que as desgraças que nos atingem são o mero reflexo das atitudes que tomamos durante a existência, compreendida aqui em sua acepção mais universal. A Deus, o mérito de nos proporcionar os ingredientes bem dosados dos sofrimentos,

como são, muitas vezes, desagradáveis os remédios ou as cirurgias que promovem a cura de nossos organismos perecíveis.

83. Outra sugestão para o meu questionar se encontra na assertiva de que, para cada esfera, existe um corpo mais ou menos sutil a envolver o espírito. Não se encontra embutida nessa ideia a perspectiva de se oferecer aos adversários do Espiritismo o argumento de que, *mutatis mutandis*, o que ocorre nos círculos ditos espirituais não passa de arremedo da vida na matéria, ou vice-versa, substituindo-se a figura do desenlace do corpo, a que chamamos de *morte*, pelo sistema de condução para outros planos, com a exigência de se deixar a vestimenta etérea condizente com a essência existencial antiga, para a assunção de outro perispírito?

R. Existe, sim, esse perigo, mesmo para muitos dos companheiros que se iniciam nos estudos mais avançados das teorias espíritas vigentes nas escolas das colônias do etéreo. Mas a simples informação de que o corpo terreno se desfaz em seus elementos primitivos, reintegrando-se na natureza, é suficiente para esclarecer que algo restou incólume no processo da passagem para este campo energético diferenciado. Ora, o perispírito que se deixa para a ascensão a níveis superiores de evolução espiritual não se desintegra, mas eteriza-se segundo as condições existenciais subsequentes. O pensamento de que é outro o invólucro do espírito em função dos círculos seguintes é provisória para o espírito humano acostumado à carne que o mantém íntegro em seu ambiente material. O aperfeiçoamento que se sustenta intransigentemente como necessidade para o elevar-se à paz e à bem-aventurança eterna se reflete no tônus molecular, por assim dizer, que constitui o aparato físico da vestimenta espiritual. A tese do materialismo espírita cai por terra, quando se compreende que a entrada no reino de Deus só se dará quando houver completo quintessenciamento da criatura, porque, conforme já nos disse Jesus, precisamos ser perfeitos como o é nosso Pai celestial. Sendo

assim, se for para argumentar contrariamente às acusações de que poderemos ser alvo por defendermos que a matéria se sutilha até se desfazer em vibrações energéticas cuja natureza não somos capazes de definir ou caracterizar, que se aceitem, provisoriamente, as sugestões de que o bem que desejamos para nós deve ser exatamente o que deveremos pleitear e realizar para os outros, mantendo-se, com boa vontade e paciência, a perspectiva do respeito às convicções, ainda que postas em forma de polêmica, para a celeuma das controvérsias. Pleiteamos, com Kardec, que não haja nenhum dogma dentro da doutrina espírita e recomendamos que os temas relativos ao mundo subsequente à morte não se constituam em pontos de afirmações peremptórias. Ao aqui chegarem, as pessoas terão de confirmar os seus pontos de vista pela realidade em que emergirem. Nesse caso, de imediato, muitas terão a sensação de estarem absolutamente corretas quanto à materialidade deste círculo, porque assim o desejaram veementemente, dentro de seus corações. Até desfazerem tal impressão, muito terão de perambular pelo Umbral, observando como se realizam os fenômenos no campo de atuação dos espíritos. Se carregarem para cá, com confiança nas palavras dos espíritos, os conhecimentos transcendentais que são transferidos para os humanos através dos desenvolvimentos mediúnicos, poderão ter a satisfação de confirmarem os raciocínios desenvolvidos com fundamento nas teses espíritas. Mas todos terão a oportunidade de saber a verdade, cada qual a seu tempo, e isto não é dogmático, mas fruto da certeza de quem vem observando os fatos em sua realização. Eis que confirmamos a nossa própria deliberação de nos mantermos absolutamente em paz com a consciência, porque estabelecemos, como princípio para os desenvolvimentos filosóficos, a fé, a esperança e a caridade, as três fontes de energia para a manutenção dos anseios de progresso.

84. Tendo como base que as impressões dos espíritos podem confirmar as teses materialistas que portavam em vida, não seria justo suspeitar de que muitos terão seus pontos de vista sustentados apenas porque continuam com a estrutura mental argamassada segundo os princípios que deixaram para trás, quando deveriam, de pronto, sentir-se modificados, segundo a natureza de seus perispíritos?

R. Caberia uma resposta risonha e franca, como chamar a atenção do médium para o fato de que a abóbora, se desse em árvores, poderia cair sobre a sua cabeça. Mas sabemos do interesse em se confirmar que as informações que prestamos não estão em desarmonia com a realidade. Não oferecemos conceitos próprios, mas todos os conhecimentos extraímos da realidade do campo em que existimos na qualidade de espíritos. É do saber espírita elementar que as criaturas são mais ou menos adiantadas. Sabe-se, também, que muitas habitam as furnas e cavernas das trevas, pela malignidade de seu comportamento, porque não são capazes de pensamentos moralizados. Deixam-se embalar pelo ódio, pelo rancor, pela vontade de vingança, por ambição, por orgulho, por vaidade, pela supremacia de si mesmas, no embalar egoístico de quem não pensa nos outros senão com o interesse de se aproveitarem deles. Como tais indivíduos serão convencidos de que apenas depende de si mesmos o arrefecer dos males, para a compreensão de que *Deus é amor* e de que algo mais existe além das suas próprias vibrações imperfeitas? Levar-lhes o conhecimento do quanto são inferiores não será obra pouco caridosa, dado que farão de si farrapos espirituais? Por outro lado, a complexidade do saber incide na necessidade da assimilação paulatina dos fatos e fenômenos, tendo em vista que, para cada causa, corresponde um efeito. Essa lei, dita de maneira direta, traz a dificuldade da aplicação no campo dos acontecimentos, tantas são as variáveis implicadas em cada mínimo ato de realização existencial. Em suma, valha-nos a comparação do infante que vai explorando o ambiente, sob o influxo

dos interesses dos pais e familiares, para o aprendizado de como se deve portar em cada situação. Sendo assim também no etéreo, a melhor atitude é divulgar o mais possível o pensamento espírita, aguardando que o interesse das pessoas se desperte para a doutrina como sistema filosófico, como ciência e como religião, momento em que não se perderão mais para a apreciação imediata de como se configuram os padrões existenciais a serem dominados após o desenlace da vida.

85. Qual é a relação de inteligência entre os minerais e vegetais com o ambiente? Terão discernimento segundo a sua própria natureza ou se comportam pelas leis gerais da matéria? Haverá, por outro lado, o auxílio de seres espirituais elementares, com a função de organizarem a matéria bruta e de presidirem à formação e manutenção das espécies vegetais? Gostaria de citar o caso muitíssimo estranho, no mínimo curioso, de certas plantas que, para se reproduzirem, atraem determinados insetos através da forma e do odor, para que, incentivando-lhes a libido, possam incrustar-lhes nas costas o pólen da reprodução, que será depositado em outra planta preparada para a fertilização. Não está muito longe de atividade plenamente amparada por indícios de inteligência ou de profunda adaptação ao hábitat. Ou estarei concluindo equivocadamente?

R. Gostamos das perguntas que não escondem intenções e que explicam, com clareza, o ponto a ser evidenciado. Na verdade, existem os elementais que zelam pelos inorgânicos e pela vegetação (ver questão de número quinze). Podemos adiantar que os animais também possuem protetores. Contudo, o estímulo para o desenvolvimento das habilidades que caracterizam as espécies não corresponde completamente a todos os aspectos de seu desempenho dentro da natureza. Possuem os minerais e vegetais propriedades específicas de adaptação ao meio, de forma que podem ajustar-se plenamente aos problemas que vão surgindo,

desde que a evolução deles não se dê *ex-abrupto*. Quando os homens interferem violentamente na paisagem, não há como os elementos ali existentes se defenderem à altura das provocações. No entanto, os seres humanos contêm em seus organismos os mesmos ingredientes que se encontram na natureza, segundo organização própria. Se não extraem os alimentos do solo através de raízes, utilizam-se de quem as tenha e se aproveitam dos *trabalhos* dos vegetais e dos animais. Essa cadeia existencial deveria induzir as criaturas aparelhadas de inteligência criativa de que a adaptabilidade se mantém dentro de limites, sendo perigoso ofender de morte justamente aqueles seres que oferecem o oxigênio imprescindível à vida animal. Os desertos criados pela ambição humana não param de crescer. Mais tarde, alguém poderá perguntar se houve a intenção do revide, da vingança, da retaliação por parte dos elementos. Cada um se defende como pode. No caso em tela, não há necessidade de inteligência ou de consciência: basta que se apliquem as leis da matéria. Então, para não irmos demasiado longe nas lucubrações que poderiam advir justamente da falta de inteligência humana, quando da destruição de suas fontes de vida, digamos que existe uma consciência universal, cuja natureza não estamos em condições de explorar, porque, como sempre afirmamos, não passamos de espíritos da mesma ordem dos encarnados. Aconselham-nos os mestres para termos para com os minerais, os vegetais e os animais a consideração da vida ou o respeito pela constituição adquirida pelos milênios decorridos desde as grandes transformações geológicas. Para levar o amigo a meditar, vamos fazer simples referência às espécies extintas em épocas anteriores ao aparecimento do gênero humano na face da Terra, sobre o que deixamos a seguinte interrogação: se não houver uma forma de inteligência ou de consciência procedendo ao emaranhado da vida, então, qual haverá de ser o objetivo de sua existência?

86. Posso concluir, pela explanação anterior, que Deus tem planos particulares para as entidades que categorizamos como simples base de atuação dos seres mais adiantados, os denominados reinos mineral e vegetal?

R. Ousamos afirmar que a lei do progresso não foi formulada especialmente para os seres humanos e os correspondentes espíritos do etéreo. A lei do progresso vale para tudo o que foi criado. Ora, sob esse aspecto, não precisamos buscar no âmago das criaturas o ponto evolutivo em que se encontram, porque algum deve ser, indiferente de sermos ou não capazes de compreendê-lo. Nisto a nossa inteligência se aplica às maravilhas, porque somos capazes de inferir e de deduzir, embora, muitas vezes, nos deixemos envolver pelos interesses da manutenção de certos pontos de vista que nos trazem a segurança momentânea do equilíbrio das concepções. Claro está que desenvolvimentos deste naipe somente são possíveis quando a linguagem está aperfeiçoada, o que não encontramos em nenhuma outra espécie dentro da esfera em que habitam os terrestres. Mas será que terão os demais seres interesse em especular sobre os objetivos do Senhor? Circunvagando em torno das ideias para retornar ao ponto inicial de que partem os seres para a compreensão de si mesmos não redundará em esforço inútil, mas está bem próximo disso. Filosofar é o esparecer do espírito desocupado, neste terreno cediço da tentativa de compreensão dos desígnios do Pai celestial. Melhor procedem os que vivem na confiança de que, se tudo fizerem de acordo com os ditames das leis naturais, sob a luz da sabedoria de Jesus, pelo amparo das teses espíritas, evangelicamente considerando as necessidades de todos pelo padrão comum de sermos filhos de Deus, merecerão progredir incessantemente, abrindo-se-lhes a inteligência para o conhecimento cada vez mais abrangente da existência. Todos chegaremos lá!

87. O tema propicia uma insistência, qual seja, a de que vale reproduzir uma pergunta de Kardec a respeito do passado da espécie humana. Se lhes pedir para explicarem se nós, encarnados e espíritos, já fomos minérios, plantas e irracionais, teremos a mesma resposta obtida pelo Codificador?

R. Leia o capítulo XI de *O Livro dos Espíritos*, onde as perguntas acima foram colocadas e respondidas. Fizemos questão de dar respostas que envolvam o procedimento humano que degrada a natureza, para trazer o tema à época atual. Quanto a termos passado pelos outros reinos, não resistimos à transcrição da pergunta de Kardec e da respectiva resposta, conforme se encontra em *O Livro dos Espíritos*. Perdoe-nos o amigo pela embutida advertência. “607. — Não pareceria, assim, haver possuído a alma o princípio inteligente dos seres inferiores da criação? — *Nós não dissemos que tudo se encadeia na natureza e tende para a unidade? É em tais seres, a todos os quais vocês estão longe de conhecer, que o princípio inteligente se elabora, se individualiza a pouco e pouco e se prepara para a vida, como nós dissemos. Trata-se, de certo modo, de um trabalho preparatório, como o de germinação, em decorrência do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna Espírito. Eis que, então, começa para ele o período de humanidade, e com ela a consciência de seu futuro, a distinção do bem e do mal e a responsabilidade de seus atos, como após o período da infância vem o da adolescência, depois a juventude e, enfim, a idade madura. Não existe, aliás, nada, nessa origem, que possa humilhar o homem. Ficam os grandes gênios humilhados por haverem sido fetos informes no ventre de sua mãe? Se algo existe que possa humilhá-lo é sua inferioridade diante de Deus, e sua impotência para sondar-lhe a profundidade dos desígnios e a sabedoria das leis que regem a harmonia do universo. Reconheçam a grandeza de Deus nessa admirável harmonia que faz que tudo seja solidário na natureza. Crer em que Deus fosse capaz de fazer qualquer coisa sem um fito e criar*

seres inteligentes sem futuro seria blasfemar sua bondade, que se estende por sobre todas as suas criaturas.”

88. Devo sentir-me envergonhado por levantar um problema em desacordo com a proposição geral da obra?

R. Absolutamente, não. Pode acreditar que foi ao influxo de nossa magnetização que o amigo se deixou levar para esse campo. Interessava-nos propiciar à obra magna da Codificação Espírita a oportunidade de apresentar-se íntegra e associada aos mais legítimos anseios da humanidade, com o fito de asseverar que o nosso trabalho é mero complemento para os assuntos que se arraigaram no espírito tecnológico do povo, ao final do milênio. Não é verdade que foi magnífica a explicação acima transcrita? Não se nota nela a superioridade incontestada dos espíritos de luz? Precisa que enfatizemos o nosso desejo de proclamar a necessidade do estudo dessa obra, com olhos de ver e ouvidos de ouvir? Você, que tantas vezes perlustrou as páginas esplêndidas, não sentiu vontade de reler, com muito amor e prazer, cada capítulo dela?

89. Para a próxima questão, vou louvar-me no trecho acima transcrito: *“Trata-se, de certo modo, de um trabalho preparatório, como o de germinação, em decorrência do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna Espírito.”* A impressão que passa o texto é de que o espírito se forma a partir dos elementos primitivos da natureza. Sendo assim, não será justo concluir (ou, ao menos, suspeitar) que, uma vez que o perispírito vai sublimando-se em função do adiantamento do espírito, também a matéria que constitui o universo tangível pelos humanos irá quintessenciando-se, de modo a perder, finalmente, a condição de propiciar aos encarnados sua corporeidade, transformando-se em energia pura, vibração de nível arcangélico, até reintegrar-se ao Reino de Deus de onde deve ter-se originado, uma vez que Deus é o supremo e único criador? Guardadas as devidas proporções,

finalmente, não terão razão os que pregam que os humanos irão ascender ao paraíso celeste com o mesmo corpo, agora com sua essência metamorfoseada?

R. Finalmente, chegou ao ponto desejado o nosso perquiridor. Mas, se prestar atenção ao que afirmamos à questão de número oitenta e cinco, irá notar que nos declaramos inoperantes para a formulação das teses filosóficas, preferindo limitar-nos à experimentação, sem, contudo, nos prendermos apenas à categoria dos empíricos ou apologistas de São Tomé. Qualquer tese que vislumbre a criação como ato absoluto de Deus tenderá, irrefrangivelmente, a aceitar que tudo quanto existe pertence ao Criador, em sua essência ou substância. Sendo assim, superadas as fases de purificação, o universo ou os universos tornar-se-ão perfeitos, o que redundará, logicamente, em dar razão à hipótese levantada pelo médium. Vamos dizer que, teológica ou filosoficamente, o pressuposto esteja coerente com o princípio enunciado na citação extraída da obra de Kardec. O que não estamos nós ou os humanos habilitados é para comprovar a teoria por meios científicos, o que nos daria o sentido da realidade. Se o amigo quiser pensar que ascenderá com o corpo físico até os páramos da eterna bem-aventurança, restrinja os seus conceitos ao campo da espiritualidade, o que significa argamassar a matéria, dando-lhe o cunho das energias mais sutis que compõem a organização dos espíritos, que, se existem, o que comprovamos nós, por algo devem ser formados. Eis o *quid* da questão: — *Que é o espírito?* — pergunta de Kardec sob número vinte e três de ***O Livro dos Espíritos***, que mereceu a seguinte resposta: — *O princípio inteligente do universo*. E a seguinte: — *Qual é a natureza íntima do espírito?* — *Não é fácil analisar o espírito em sua linguagem. Para vocês, não é nada, porque o espírito não é uma coisa palpável; mas, para nós, é alguma coisa. Compenetrem-se de que coisa alguma é o nada, e de que o nada não existe*. O mais haverá de ser, de nossa parte, simples especulação, porque o nosso intelecto não atingiu a

compreensão e a extensão do termo *inteligência*, ou seríamos capazes de entender a noção que se passou aos encarnados em função da pergunta de número um de Kardec: — *Que é Deus?* — *Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.*

90. Do ponto de vista intelectual, por conseguinte, atingir a perfeição será o entendimento da concepção de inteligência, ou seja, de espírito e de Deus?

R. Inquestionavelmente. Por isso é que, à parte todos os compromissos com o bem e demais virtudes que conduzem ao amor aos homens e ao Pai celestial, instigamos o leitor a que estude ferrenhamente os temas supremos da doutrina, para ir assimilando, fragmentariamente embora, os aspectos da verdade, até a definitiva e integral compreensão dela. É o que vimos fazendo sob as luzes dos mentores da *Escolinha de Evangelização*.

91. Sofrerão as definições de Deus e de espírito o percalço da pobreza intelectual da humanidade, exigindo dos mais adiantados na senda da espiritualidade novos conceitos e explicações, de forma que se tornem menos precárias as noções?

R. Pergunta cediça mas importante, porque remete o espírito humano à reflexão de que nem tudo pode nesse quadrante existencial em que se situa, por mais culto, douto, erudito, sensitivo, intelectual e puro possa ser. É que a capacidade do cérebro se prende a alguns bilhões, apenas, de possibilidades de conexões bioquímicas e biofísicas, longe, portanto, dos quatrilhões de vínculos de que são capazes as mentes dos que se estabelecem no plano subsequente ao nosso, conforme somos informados *mediunicamente* (em pálida comparação com o fenômeno metapsíquico de que temos domínio). Poderão alguns mais suscetíveis às frustrações lembrar que admitimos a possibilidade de as almas serem elevadas desde a carne ao nível da salvação, conforme a premissa de que *a cada um segundo as suas obras*.

Ocorre, todavia, que os espíritos de escol, os que merecem a transferência para plano existencial mais requintado, logo reconhecem que foram guindados ao lugar mais adequado para o prosseguimento de seu avanço espiritual, agradecendo de pronto a graça recebida, obtendo a clara percepção da misericórdia do Criador. É a sua plenitude de felicidade.

92. Percebo que os meus amigos do *Grupo das Perguntas*, algumas vezes, procuram ir um pouco além nas explicações fornecidas a Kardec, enquanto não se desviam jamais do roteiro que deu vida aos códices espíritas. Facultam aos encarnados a prerrogativa de mais extensas informações, sem descoser nenhuma vestimenta com que se cobriram as ideias ali consignadas. Não estaria na hora de se encontrar um outro Kardec, para as reformulações necessárias, dado que muitíssimos conceitos novos se disseminaram em diferentes obras mediúnicas, alguns com claras divergências entre si?

R. Como gostaria o médium que respondêssemos? Se dissermos que sim, que há necessidade de se dar nova roupagem ao texto antigo, porque adquiriram os humanos novos conhecimentos nas áreas científicas e sociológicas, com as conseqüentes transformações políticas e econômicas, como se exige, inclusive, das próprias religiões cristãs, seríamos acusados de semear em terreno alheio, talvez espargindo joio, crendo espalhar trigo. Se dissermos que não, que não é preciso acrescentarem-se os ganhos esporádicos albergados nas obras mediúnicas, desde a confecção de ***A Gênese, os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo***, ao acervo de informações doutrinárias da primeira hora, porque, essencialmente, os tópicos se mantiveram incólumes, alguém nos acusará de sermos cegos para as novíssimas revelações, por desdizermos o próprio Codificador, quando afirmou que o Espiritismo evoluiria com as ciências. Na verdade, não temos permissão para avançar nessa direção, porquanto não fomos convidados a partilhar das resoluções

que vêm tomando os mensageiros da verdade, sob a sideral administração do Cristo.

93. Seria possível discorrer a respeito do riso no etéreo, tendo em vista a clara ironia impregnada na resposta anterior?

R. O que o amigo deseja saber não deve ultrapassar os limites da esfera em que atuamos, porque, em estando informado de que os espíritos são as almas dos homens, obrigatoriamente deve deduzir que todas as formas de risos, sorrisos e gargalhadas existem do lado de cá. Quanto à nossa turma, estamos sempre buscando agradar-nos com as realizações mais felizes, o que nos incentiva sadia rivalidade, sem competição, de sorte a favorecer o aprendizado das matérias através de jogos instrutivos, os quais provocam surpresas e situações de incrível jocosidade, especialmente se não nos deixamos amarfanhar mentalmente pelos fracassos, nas tentativas de colocar-nos em evidência. É desse companheirismo que nascem os mais sólidos relacionamentos, porque passamos a conhecer-nos mutuamente, através de nossos dramas e pungentes expectativas. No que respeita à pouco sutil ironia na resposta anterior, estávamos a evidenciar que a nossa pobreza nos faz moça, mas, sobre ela, se dispõem a esperança de virmos a superar os problemas, a fé em que tudo se realizará sem sofrimento e a caridade que sempre estamos recebendo pela compreensão dos mestres, dos colegas e agora também dos leitores encarnados. É a ironia sempre uma crítica, mas a que fizemos está cheia de sugestões, inclusive para a formulação da pergunta seguinte e respectiva resposta. Não é melhor que os temas sejam tratados com alegria e boa vontade?

94. Estou prestes a afirmar que os meus tópicos se desvaneceram em sua importância, pelas respostas sempre voltadas para os pontos de vista dos primeiros tempos do Espiritismo. Não seria interessante que me abrissem o campo de visão, numa terceira parte da obra dedicada às perguntas motivadas pelos textos que leio ou por

passagens que me seriam indicadas pelo grupo? Nesse aspecto, temo realizar perguntas demasiado técnicas, para as quais meu repositório de termos científicos não apresenta a riqueza ou a especialização devida. Daria para me esclarecerem a respeito, ainda que insista eu nas perguntas de caráter interno? Poderei depois suprimir perguntas e respostas demasiado intrínsecas ao trabalho em si?

R. Sempre podem os médiuns exercer controle sobre a obra dos mensageiros da espiritualidade. Aliás, eles o fazem, inclusive, por influência de terceiros, quer pela debilidade dos textos, quer pela excessiva complexidade dos temas. Temos em Kardec um exemplo clássico de texto atribuído a Jesus, em *O Livro dos Médiuns*, e, depois, com alterações, ao *Espírito de Verdade*, em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

Eis a primeira versão:

“Eu venho, seu Salvador e seu juiz; eu venho, como outrora entre os filhos extraviados de Israel; eu venho trazer a verdade e dissipar as trevas. Escutem-me. O espiritismo, como outrora minha palavra, tem de recordar aos materialistas que acima deles reina a verdade imutável: o Deus bom, o Deus grande, que faz germinar a planta e que levanta as ondas. Eu revelei a doutrina divina; como um segador, preendi em feixes o bem esparso na humanidade e disse: Venham a mim, vocês todos que sofrem!

Mas os homens ingratos se afastaram da via direita e larga que conduz ao reino de meu Pai, e eles se perderam nos ásperos atalhos da impiedade. Meu Pai não deseja aniquilar a raça humana; ele deseja, não mais através de profetas, não mais através de apóstolos, ele deseja que, ajudando-se uns aos outros, mortos e vivos, quer dizer, mortos segundo a carne, pois a morte não existe, vocês se socorram, e que a voz dos que não mais estão aí se faça ouvir para lhes clamar: Rezem e creiam; pois a morte é a ressurreição e a vida é a provação escolhida, durante a qual suas virtudes, sendo cultivadas, têm que crescer e desenvolver-se como o cedro!

Creiam nas vozes que lhes respondem: são as almas mesmas dos que vocês evocam. Eu não me comunico senão raramente; meus amigos, os que me deram assistência durante minha vida e à minha morte são os intérpretes divinos das vontades de meu Pai.

Homens frágeis, que creem no engano de suas obscuras inteligências, não afastem o archote que a clemência divina coloca entre suas mãos, para iluminar sua rota e os devolver, filhos perdidos, ao regaço de seu Pai.

Eu lhes digo, em verdade, creiam na diversidade e na multiplicidade dos Espíritos que os cercam. Eu estou por demais movido de compaixão por causa de suas misérias, de sua imensa fragilidade, para não estender u'a mão de socorrista aos infelizes extraviados que, vendo o céu, tombam nos abismos do erro. Creiam, amem, compreendam as verdades que lhes estão sendo reveladas; não misturem o joio com o trigo, os sistemas com as verdades.

Espíritas: amem-se; eis o primeiro ensinamento; instruem-se; eis o segundo. Todas as verdades se encontram no cristianismo; os erros que aí criaram raiz são de origem humana; e eis que, do outro lado do túmulo, que vocês acreditavam o nada, vozes lhes clamam: Irmãos, nada perece! Jesus Cristo é o vencedor do mal; sejam os vencedores da impiedade.”

“Observação [de Kardec]. — Esta comunicação, obtida por um dos melhores médiuns da Sociedade Espírita de Paris, está assinada por um nome que o respeito não nos permite reproduzir senão com todas as reservas, tão grande seria o insigne favor de sua autenticidade e porque muito frequentemente se tem abusado dele em comunicações evidentemente apócrifas; esse nome é o de Jesus de Nazaré (grifo nosso). Nós não duvidamos em absoluto de que ele possa manifestar-se; mas, se os Espíritos verdadeiramente superiores o fazem apenas em circunstâncias excepcionais, a razão nos proíbe de crer que o Espírito puro por excelência responda ao apelo do primeiro que chega; existiria aí, em qualquer caso, profanação em lhe atribuir uma linguagem indigna dele.

É por essas considerações que nós nos abstermos sempre de publicar tudo quanto traga seu nome; e nós cremos que não se poderia ser excessivamente circunspecto nas publicações desse tipo, que têm autenticidade apenas para o amor-próprio, e cujo menor inconveniente é fornecer armas aos adversários do espiritismo.

Como nós afirmamos, mais os Espíritos são elevados na hierarquia, mais seu nome deve ser acolhido com desconfiança; precisaria ser dotado de uma bem grande dose de orgulho para se vangloriar de possuir o privilégio de suas comunicações, e para se crer digno de conversar com eles como seus iguais. Na comunicação acima, nós não constatamos senão uma coisa: a superioridade incontestável da linguagem e dos pensamentos, deixando a cada um o cuidado de julgar se aquele cujo nome ela traz não a desaprovava.

Eis a segunda versão:

“Eu venho, como outrora entre os filhos extraviados de Israel, trazer a verdade e dissipar as trevas. Escutem-me. O espiritismo, como outrora minha palavra, tem de recordar aos incrédulos que acima deles reina a verdade imutável: o Deus bom, o Deus grande, que faz germinar a planta e que levanta as ondas. Eu revelei a doutrina divina; como um segador, preendi em feixes o bem esparso na humanidade e disse: Venham a mim, vocês todos que sofrem!

Mas os homens ingratos se afastaram da via direita e larga que conduz ao reino de meu Pai, e eles se perderam nos ásperos atalhos da impiedade. Meu Pai não deseja aniquilar a raça humana; ele deseja que, ajudando-se uns aos outros, mortos e vivos, quer dizer, mortos segundo a carne, pois a morte não existe, vocês se socorram, e que não mais a voz dos profetas e dos apóstolos, mas a voz dos que não mais estão aí se faça ouvir para lhes clamar: Rezem e creiam; pois a morte é a ressurreição e a vida é a provação escolhida, durante a qual suas virtudes, sendo cultivadas, têm que crescer e desenvolver-se como o cedro!

Homens frágeis, que compreendem as trevas de sua inteligência, não afastem o archote que a clemência divina coloca

entre suas mãos, para iluminar sua rota e os devolver, filhos perdidos, ao regaço de seu Pai.

Eu estou por demais movido de compaixão por causa de suas misérias, de sua imensa fragilidade, para não estender u'a mão de socorrista aos infelizes extraviados que, vendo o céu, tombam nos abismos do erro. Creiam, amem, meditem sobre todas as coisas que lhes estão sendo reveladas; não misturem o joio com o trigo, as utopias com as verdades.

Espíritas: amem-se; eis o primeiro ensinamento; instruem-se; eis o segundo. Todas as verdades se encontram no cristianismo; os erros que aí criaram raiz são de origem humana; e eis que, do outro lado do túmulo, que vocês acreditavam o nada, vozes lhes clamam: Irmãos, nada perece! Jesus Cristo é o vencedor do mal; sejam os vencedores da impiedade.” (O ESPÍRITO DE VERDADE. Paris, 1860.)

Teriam os próprios espíritos recomendado a Kardec que suprimisse um trecho (“*Creiam nas vozes que lhes respondem: são as almas mesmas dos que vocês evocam. Eu não me comunico senão raramente; meus amigos, os que me deram assistência durante minha vida e à minha morte são os intérpretes divinos das vontades de meu Pai.*”), para dar direito a uma nova autoria, porque, do jeito que estava, é clara a referência ao nome abençoado de Jesus? Tendo em vista os rigorosos critérios do Codificador, ter-se-ia embaraçado no primeiro momento, a tal ponto que não ouviu os orientadores espirituais? Teriam estes deixado passar a ocasião, para oferecerem, posteriormente, a correção necessária, demonstrando que nem Kardec estava isento de enganos, justamente em ponto crucial da análise de tão importante mensagem mediúnica? Ou teria ele modificado a instrução do etéreo, ao influxo de novos argumentos subjetivos, por sentir que a observação anotada em **O Livro dos Médiuns** se contradizia pelo próprio teor do texto que se permitira ali incluir? De qualquer modo, ficaram as duas versões, a indicar a honestidade integral de quem

assumira o compromisso de arguir a mentira e de oferecer aos adeptos da doutrina o que concluía como sendo a verdade.

O longo exemplo de crítica textual aqui se colocou com o intuito do íntimo avaliar pelo amigo ou por seus editores, a respeito da necessidade de se preservar intocado o nome do Professor Rivail, para o que lhes facultamos o direito à supressão, mesmo porque de pouco valor se acha investida a nossa palavra em função da voluntariedade dos encarnados. Claro está que não estamos desejosos *de fornecer armas aos adversários do Espiritismo*; conduz-nos aquela mesma filosofia de somente dizer a verdade que obrigou Kardec a tornar pública a segunda lição do mesmo texto, arriscando-se aos libelos dos oponentes.

Quanto à inserção de perguntas sugeridas pelas leituras do médium, podem ser feitas desde logo, com a imprescindível anotação da fonte, como sabe o amigo ser de rigor. Boa sorte!

95. Tomando carona nas citações de mensagens atribuídas a Jesus, parece-me que a página que translado em seguida merece sérios reparos. Após dizer que extraiu a comunicação do jornal espírita *Le Salut*, de New Orleans (1.º de junho de 1868), Kardec, sob o título de *Que fizeram de mim?*, na *Revista Espírita* de setembro de 1868, reproduz o texto, comentando-o:

“— Filhos, eu lhes escrevi: ‘Quando sua boa união me chamar, virei a vocês’. E sua boa união me chamou; eis-me aqui.

“Ei-los agora como meus apóstolos de outrora. Façam como os bons e não façam como os maus; que ninguém renegue, que ninguém traia! Vão sentar-se à mesma mesa que reunia os amigos da minha fé e do meu coração; que ninguém seja nem Pedro, nem Judas!

“Ó meus bons filhos, olhem em torno de vocês e vejam! Minha cruz, o instrumento glorioso de meu vil suplício, domina os edifícios da tirania... e eu, eu não tinha vindo senão para pregar a liberdade e a felicidade. Com a minha cruz, afogaram os corpos no sangue e as

consciências na mentira! Com a minha cruz, disseram aos homens: “Obedeçam aos seus senhores; curvem-se ante os opressores!” E eu dizia: ‘Todos vocês são filhos de um mesmo pai, sem distinção, a não ser a de seus méritos, resultante da sua liberdade.’

“Eu tinha dito aos grandes: ‘Humilhem-se!’ e aos pequenos: ‘Ergam-se!’ e exaltaram os grandes e rebaixaram os pequenos.

“Que fizeram de mim, de minha memória, de minha lembrança, de meu apostolado? Um sabre! — Sim, e há ainda os que se fizeram agentes desta infâmia!... Oh!, se se pudesse sofrer na morada celeste, eu sofreria!... E vocês, vocês devem sofrer... e devem estar prontos a tudo para a redenção que comecei, ainda que não fosse senão para arvorar sobre a mesma montanha o mesmo sinal de união!... Será visto e compreendido, e deixarão tudo para o defender, para o abençoar, para o amar.

“Filhos, vão para o céu com a fé, e toda a humanidade os seguirá sem medo e com amor! Logo saberão, na prática, o que é o mundo, se a teoria não lhes tiver ensinado.

“Tudo quanto lhes foi dito para a prática do verdadeiro cristianismo não é senão a sombra da verdade! O triunfo que os espera está tão acima dos triunfos humanos e dos seus pensamentos, quanto as estrelas do céu estão acima dos erros da Terra!

“Oh!, quando eles verão como Tomé! Quando tiverem tocado!... Vocês verão! Verão! As paixões lhes criarão obstáculos, depois os socorrerão, porque serão as boas paixões após as más paixões.

“Pensem em mim, quando forem partir o meu pão e beber o meu vinho, dizendo que arvoram, para a eternidade, a bandeira dos mundos... Oh!, sim, dos mundos, porque ela unirá o passado, o presente e o futuro a Deus.

Jesus.”

Kardec acrescenta:

“O jornal publica essa comunicação sem dar informação sobre as circunstâncias em que foi recebida. Parece, contudo, que deve ter sido numa festa comemorativa da ceia, ou qualquer ágape fraterno entre os adeptos. Seja como for, ela traz, no fundo e na forma dos pensamentos, na simplicidade junto à nobreza do estilo, um cunho de identidade que não se poderia desconhecer. Atesta, da parte dos assistentes, disposições de natureza a lhes merecer esse favor, e não podemos senão os felicitar. Pode ver-se que as instruções dadas na América sobre a caridade e a fraternidade não cedem em nada às que são dadas na Europa. É o elo que unirá os habitantes dos dois mundos.” (Op. cit., vol. 9, pp.283-5.)

Vocês sabem como penso. Queiram, pois, elucidar-me sobre as minhas opiniões.

R. Está claro que o objetivo de Kardec era ressaltar que o Espiritismo se desenvolvia por toda a parte, para o que buscou, dentre as mensagens estrangeiras, uma que pudesse servir de fundamento para a sagrada tarefa da doutrina, tendo em vista o nome venerando que assinava a comunicação. Uniam-se os homens pela palavra de Jesus e isso bastava para proclamar que o mundo todo estava sob as luzes dos espíritos superiores. Era a pretendida universalização teórica, porque os seus preceitos abrangiam a existência como um todo. Quanto a ser do próprio Messias o texto transcrito, este é problema que deve resolver-se através da exegese dos conceitos, porque a intenção pode ter vindo de muito alto, mas a execução esbarrou em credences do médium, como é o caso de se colocar na mente de Jesus que Pedro e que Judas eram isto e mais aquilo. Perguntaríamos, com o nosso inquisidor, se não haveria nessas assertivas um pouco de falta de caridade, porque, afinal de contas, Pedro se redimiou completamente do fato de haver negado Jesus e Judas, pelo ensinamento espírita, através da lei de progresso, arrependido desde o primeiro momento, deve ter tido tempo para reformular os seus princípios morais nos dois últimos milênios. Quanto a Tomé, viu para crer, e tanto deve ter ouvido referências à

sua atitude que, provavelmente, está feito do susto de ter tomado conhecimento da célebre frase do Mestre, segundo a qual são bem-aventurados *os que não viram e creram*. Pois é bem este o ponto que gostaríamos de ressaltar, quanto à autenticidade do nome apostado à comunicação mediúnica. Se o nobre amigo julgar que o Cristo está acima das questiúnculas terrestres, o que o texto desdiz, porque afirma que *se se sofresse* etc., coloque-o nos campos etéreos de plena ventura e lhe atribua a santidade que comumente lhe é dada. Se acreditar que o teor do texto foi apenas deturpado, tendo sido emitido por Jesus com a intenção da sã advertência dos que se iniciavam nos estudos doutrinários, ainda sob a categórica influência das religiões acusadas na mensagem de contraditarem os dispositivos do cristianismo, aceite o que de melhor se pode extrair dos pensamentos subjacentes, dispensando o demais por inútil, humano e imperfeito. Se estimar o conjunto da mensagem como de superior procedência, busque agir em consonância com as recomendações ali insertas, lutando por preservar da melhor maneira possível os elementos evangélicos assinalados, humilhando-se perante o conhecimento e ajudando as pessoas a suplantarem as dificuldades. Não nos peça para firmarmos um ponto de vista definitivo, porque desejamos manter-nos indiferentes quanto aos valores que reconhecemos situarem-se na alma muito mais do humano que apanhou o ditado do que no coração da entidade de luz a quem se atribuiu ele. Terá Kardec cometido um despropósito em aceitar e elogiar os dizeres que vemos como excessivamente piegas, romântico ou igrejeiro? Terá o Codificador esquecido de vistoriar cada pequenina passagem, para impedir que as ideias se desvanecessem em simples efeito emotivo, sem o correspondente critério científico que propugnou durante toda a sua caminhada espírita? Terá acreditado em que *toda a humanidade seguirá sem medo e com amor a quem vai para o céu com a fé*, o que nem o Cristo alcançou, apesar de, século após século, se pregar que ascendeu aos páramos da eterna beatitude? Fiquem as perguntas a

alicerçar o roteiro da análise percuciente que se requer de todos para os escritos mediúnicos ou não, espíritas ou leigos, religiosos ou científicos. Mas que os sentimentos se coadunem com a necessidade de incessante melhoria em todos os setores existenciais, de sorte que os critérios do amor se solidifiquem no coração dos homens, ainda que ingenuamente se deixem engodar pelas falsas perspectivas dos que se querem superiores. Se os inocentes são úteis para os maldosos, um dia, todos nos encontraremos ante os tribunais da consciência, que é a assertiva mais contundente que se lê na mensagem: *O triunfo que os espera está tão acima dos triunfos humanos e dos seus pensamentos, quanto as estrelas do céu estão acima dos erros da Terra!*

Terceira Parte

96. Em *Sol nas Almas*, André Luís, através da psicografia de Waldo Vieira, assinala como um dos pontos essenciais para os cônjuges: “Compreender que o matrimônio é uma escola e que os cônjuges tudo precisam fazer nos domínios do possível para que não seja modificado o programa trazido à Terra por eles mesmos, na lei da reencarnação, alterando o plano de serviço com separações reconhecidamente desnecessárias.” (*Op. cit.*, p. 37.) Não estará impresso aí tremendo preconceito, uma vez que o matrimônio é visto pelas diferentes sociedades de maneiras muito diversas? Não é verdade que existem culturas onde a poligamia masculina é norma? Não é verdade que a pobreza em certas regiões obriga a mulher a se unir a vários irmãos de mesma família? Como teriam sido os “programas” dessas pessoas? Também não é verdade que erros de aproximação existem, de modo que muitos casamentos ocorrem ao influxo das paixões materiais, sem qualquer vínculo espiritual? Não acontecem enlaces por interesses que se transformam em sólidas uniões? Uma das características do livre-arbítrio não é exercer-se segundo o crescimento espiritual das criaturas, favorecendo as mudanças e alterações, principalmente quando se dá a compreensão dos deveres e obrigações cármicas em relação à sociedade em geral, de modo a forçar o desenlace entre cônjuges que não progrediram de modo uniforme? Quando duas pessoas são viúvas e se unem em matrimônio, estarão cumprindo uma parte insólita do “programa” ou lhes foi permitido reprogramar a vida?

R. A enxurrada de perguntas demonstra a seriedade que se atribui ao tema, particularmente porque a sociedade dita tecnológica, eivada de valores materiais, tornou o uso dos objetos em geral, através do consumo, algo perfeitamente *reprogramável*, tantos são os artefatos descartáveis. Daqui a estruturar o pensamento do extremamente perecível e substituível para as pessoas é pequenino

passo, porque os sentimentos não se cristalizam em função dos bens de caráter durável ou permanente. Casas, automóveis, roupas, utensílios e todo tipo de propriedades são frequentemente abandonados por outros considerados melhores. Então, por que não aplicar o mesmo princípio para os maridos e esposas? O raciocínio é simplista, mas, quando não existe verdadeiro interesse pelo outro na sociedade matrimonial, ainda que haja filhos a serem emocionalmente educados, os casais se separam, obsidiados embora pelos familiares cujos valores religiosos não se coadunam com a lei civil. Perdura, em algumas faixas da sociedade, certa ojeriza ou repugnância moral pelos abandonados (principalmente pelas *abandonadas*), em expressiva depreciação pela postura frágil perante a necessidade de enfrentar corajosamente os percalços do casamento provocados pela infidelidade, de sorte que muitos permanecem juntos sem estímulos positivos, aturando-se apenas, numa separação de fato e não de direito. Em suma, são em grande número as possíveis condições de infelicidade dentro do relacionamento conjugal, não cabendo a nós descrever cada uma delas. Sendo assim, não será preferível acatar a informação de que os casais tendem a se formar antes da reencarnação, com todas as carências afetivas a serem saneadas, podendo, à vista das realizações vitais, requisitar dos protetores e benfeitores espirituais ocasional e oportuna reunião no etéreo, para deliberação a respeito do melhor veredicto a respeito do projeto em andamento? Tudo que se fizer por amor, por simpatia, sem ódio, sem intento de desforra, apenas porque se satisfizeram os princípios do relacionamento, qualquer que possa ter sido a causa, mesmo quando as pessoas têm despertado o interesse por outras criaturas, é preciso considerar com muito carinho que a concretização evolutiva está em evidência, sendo da psicologia humana, também, aprender batendo a cabeça, arrependendo-se e reformulando as diretrizes do comportamento. Poderemos ser interpretados como simpáticos à tese do divórcio? Pensamos que não, porque estamos

fundamentados nas leis de causa e efeito, de ação e reação, de destruição e de progresso, de amor, justiça e trabalho e demais estatutos que regem o humano proceder. Se as pessoas preservam o princípio da responsabilidade e respondem pelos seus atos, premunindo-se contra os males que sua atuação causaria, podem fazer uso do livre-arbítrio inclusive dentro da sociedade conjugal. Não haverá harmonia e as pessoas se colocarão em campos antagônicos, oferecendo-se como inimigas daí por diante? São muito pobres os que terminam assim, porque vislumbram tão só o seu próprio *ego*, completamente esquecidos das promessas de Jesus aos que cumprem os deveres para com os semelhantes, aprendendo a perdoar e a esperar o crescimento moral, sentimental, intelectual e espiritual do outro. Ainda bem que nem sempre a morte separa os casais, porque, verdadeiramente, se respeitam em seu amor quintessenciado, vivendo na terra e no etéreo a ventura de sua união em plenitude de felicidade, o que significa dizer que existem matrimônios que não visam ao resgate de anteriores desfeitas e perjúrios, sendo programados para o semear de amor aos filhos, na constituição de famílias aptas a oferecer a algumas criaturas o melhor lar possível, para a concretização das aspirações evangélicas.

97. Permitam-me insistir neste tema importante dos relacionamentos entre casais. O matrimônio visa à formação da família, como instituição humana (além de social), porque envolve sentimentos e emoções para a organização da vida. A dissolução dos casamentos, entretanto, não se dá, também, pela desestruturação psicossocial estimulada pela excessiva liberdade com que os jovens se iniciam na sexualidade? Os valores materiais condizentes com a filosofia do consumismo não está a fundamentar a fugacidade dos encontros e a mínima duração dos relacionamentos, muitos provisórios, sem a tendência matrimonial, ou seja, sem o desejo de formar grupos familiares? Não se está dando ênfase demasiada ao desempenho dos indivíduos, como se percebe nos

empreendimentos femininos para gerar filhos sem os compromissos conjugais, a chamada *produção independente*?

R. Os jovens aprendem com os mais velhos, sempre, desde que nascem. Em condições ideais de educação, recebendo o carinho, o afeto e o amor dos pais e demais parentela, não se dispersam para o mundo das conveniências e motivações de momento. No entanto, quando são abandonados em prol de dispositivos socioeconômicos a regerem as atividades da família, vão derivando, inativos e inúteis, para a turbulência, a maldade, e o crime. Mas esses fatos não são de hoje: são de todos os tempos, bastando que se perlustrem os episódios históricos para se avolumarem os casos de mesma latitude. Não obstante, temos de admitir que, nos dias de hoje, existe grande quantidade de adolescentes e, mesmo, de jovens no início da maturidade que administram mal as sensações, buscando incrementar ao sortido aparato de fruição dos recursos sensórios as novíssimas conquistas da tecnologia, caso dos sofisticadíssimos aparelhos, por exemplo, de voo livre ou para a queda de grandes alturas por amarrilho em cordas elásticas, em que se correm riscos calculados, mas sem a segurança da pacífica peregrinação pelos campos e praias. Indo além, muitos outros disputam a primazia do heroísmo em rachas ou pegadas sobre quatro ou duas rodas, pelas ruas, sem os dispositivos de resguardo das disputas oficiais, que também não se justificam, a bem pensar, porque muito distantes da natureza orgânica do homem. Perante tais emulações, o sexo passa a apresentar aspecto de incompetência para quantos almejam inscrever seus nomes entre os mais corajosos, os mais aventureiros, os mais incríveis... É esporte de menor risco, ainda que existam meninas sem conta a embalar filhos, sem sequer entenderem como é que isso acontece. Como estão desenvolvendo-se procedimentos de assistência à maternidade juvenil e como estão divulgando-se de imediato as notícias das tragédias, como há interesse em realizar matérias de cunho sensacional, para a venda de impressos e de tempo na mídia, os fatos vão sendo divulgados,

arquivados nos sistemas de memória computadorizada e reprisados, dando a impressão ao povo de que a juventude toda está perdida para as realizações evangélicas, que são as do amor, da compreensão, do perdão, do trabalho, da justiça, da preservação dos bens da saúde, da moradia, do equilíbrio psíquico etc. Se nos ativermos a examinar tão só os grandes conglomerados populacionais, iremos deduzir, erroneamente, que os crimes e vícios crescem em proporção geométrica. Mas devemos também considerar o que ocorre nas cidades menores, onde a ordem se garante de modo mais eficaz e os cuidados com as crianças passam pelos programas de desenvolvimento personalizado. As nações ditas em desenvolvimento ou de terceiro mundo recebem incrementos populacionais mais significativos a cada ano. Se pensarmos em termos europeus, veremos que existe controle de natalidade mais adequado à manutenção do equilíbrio entre o poder econômico e os empreendimentos sociais. Mas problemas existem por toda a parte e de tal magnitude que exigiriam monografias específicas para tratamento de cada um. Quando se consideram os efeitos nocivos das grandes questões da moderna civilização sobre o desempenho matrimonial, havemos de tomar o cuidado de não nos postarmos do ponto de vista da matéria, que deve ficar restrito às ciências humanas. A cada momento, chegam a nós levas imensas de pessoas que não perfizeram todo o ciclo biológico, despachadas que são de maneira violenta, o que contraria a normalidade natural. Nem por isso, no entanto, oferecem a contrafação da revolta ou do desespero, bastando que avaliem o quanto foram responsáveis, em função das novas oportunidades a serem oferecidas, porque Deus é misericordioso. Banaliza-se a sexualidade, por causa do poder econômico das classes mais abastadas, propagando-se a ideologia pelos vários meios de contaminação cultural. Explica-se, portanto, que as pessoas ajam em decorrência do fato de não necessitarem mais do apoio familiar, capazes que muitos são de se manterem e aos chamados filhos de encomenda ou de proveta. Mas é preciso

ênfatizar que esse aspecto não é o mais abrangente, se estivermos interessados em generalizar as observações e as conclusões. De resto, os movimentos religiosos também estão prosperando e todos os que se registram como de utilidade pública garantem aos fiéis que a melhor realização de vida é proporcionada pela família, onde as alegrias se gozam em paz e harmonia. Se o noticiário quer chamar a atenção para o excepcional, para escandalizar os espectadores e leitores, está, *ipso facto*, assegurando que a maioria não reza pela mesma cartilha. Não sejamos nós, os espíritas, a alardear a bandeira da falência da humanidade, por favor, muito embora nos sintamos condoídos e martirizados ao presenciarmos os experimentos sexuais e matrimoniais que não são bem sucedidos.

98. Mantendo o mesmo diapasão, que pensar sobre a crescente oficialização mundial das uniões homossexuais? Caberá, aqui, discutir a disseminação da AIDS?

R. Respeitar o direito de todos os cidadãos é de ordem para quem domina os temas espíritas de superior quilate. Se as pessoas têm propensão para efetuarem seu crescimento no amor ao Pai, pelo amor às pessoas, sem distinção de sexo, nada mais estão fazendo do que manter o princípio do etéreo, onde os espíritos não se separam entre si por característicos desse gênero. O que se deve inquirir é se existe, verdadeiramente, respeito e amor, ou se estão sendo excitados os aspectos imorais concernentes ao egoísmo, ao orgulho, à vaidade, à malformação do caráter por espírito de sutil ou inconsciente represália ao desamor dos pais. Enquanto os governos constituídos vão encarando de maneiras bastante diversas as reivindicações dos homossexuais, havendo quem já legisle favoravelmente e quem, simplesmente, não admita a existência desses desvios dos padrões naturais para a procriação, devem os espíritas vigiar para não incorrerem em discriminações que incidam, dentro dos locais sagrados das reuniões de trabalho pelos irmãos desencarnados (e também para assistência material e doutrinária a

muitos infelizes encarnados), em repulsa aos irmãos envoltos nesses halos de vibração menos comuns. Quanto a discutir o terrível flagelo em que vem constituindo-se a AIDS, será oportuno, em alguns aspectos, pois a doença está espraiando-se pela sociedade, desconsiderando os guetos homossexuais, porque os bissexuais a disseminam, como ainda os viciados em cocaína e outras drogas injetáveis, através do uso coletivo das seringas, nas quais o alucinógeno é diluído, eventualmente, em sangue contaminado. Pois bem, não são poucos os casos de extremado desvelo dos companheiros (neste caso o setor masculino é mais atingido) pela manutenção da saúde intelectual e sentimental dos que lhes são mais caros quando atacados pelo mal, que não se importam em compartilhar, pelo pouco valor que dão à vida sem os gozos adicionais a que chamam de *adrenalina pura*. Mas estes casos não são os mais frequentes, tendo em vista que os homossexuais mais atingidos pela AIDS o são pela incrível variedade de parceiros. Neste caso, não há como defendê-los quanto ao aspecto da moralidade evangélica, porque não cumprem o preceito básico de amar a Deus pelo amor às criaturas. Trata-se de mero desfraldar de direitos, sem a competente restrição dos deveres. Veja, caro amigo, que nos propomos como observadores dos fenômenos psíquicos e sociais, sem acusações e sem desculpas. Não é assim que se propugna que seja a melhor atitude com base científica? No entanto, existem repercussões que atingem a sociedade organizada, porque os que não se eximem da doença, deixando-se embalar pelos prazeres transitórios do afago de seus *egos*, causam prejuízos aos que pagam impostos e cumprem as obrigações de cidadãos. Transporte este aspecto para a sociedade espiritual e extraia algumas conclusões concernentes ao que possa afetar o equilíbrio dos grupos formados para amparo mútuo, na expectativa de se receberem as bênçãos do Senhor, ou seja, aos círculos de maior tranquilidade, paz e felicidade.

99. A instituição do matrimônio não se verá ameaçada mais ainda pela onda dos vícios degradantes que dizima a juventude, caso dos alucinógenos destruidores do sistema nervoso central, a cocaína a puxar a fila?

R. Se as pessoas de bem não assumirem o comando administrativo e continuarem passando o encargo de governar aos traficantes, o povo ficará (como de certa forma já está) sob as forças armadas de quem não tem compromisso com a ordem e o progresso. Aos desencarnados este aspecto não causa moossa, porque sabem os que estudaram as leis cósmicas que todos os procedimentos têm repercussões espirituais, sendo bem acolhidos no etéreo os bons e mal, os perversos e degenerados. Se a vida, como um todo, está ameaçada, é lógico que se estenda a restrição ao bom desempenho para o contrato matrimonial. Se são numerosos os casos de filhos a desbancarem a harmonia do lar e, em menor quantidade, o de maridos e esposas viciados pelas drogas (neste caso, é mais comum encontrarem-se problemas afetos ao consumo de bebidas alcoólicas e de tabaco), não podemos tentar obstar o brilho do sol com a rele peneira de nossas convicções doutrinárias. É preciso estar-se fortemente fundamentado nos conceitos evangélicos, para que se arregacem as mangas e se estimulem os de maior poder para o trabalho ingente de enfrentar os poderosos, no campo aberto da lei e da segurança pública, ou os mais humildes, no regaço das consciências, pela influência diuturna da educação, em casa e na escola. Se os noticiários evidenciam o consumo das drogas e denunciam os viciados e seus algozes, não podemos ficar alheios às pressões psíquicas de que somos capazes junto à nossa própria consciência, no interesse coletivo, porque nos cabe preservar a obra do Senhor, ou seja, a vida na Terra em condições de fomentar o progresso espiritual. Cada um deve saber qual é a extensão de sua influência, operando as transformações cabíveis, para que providencie a ampliação da área, seja qual for a atividade com que

irá beneficiar os irmãos em dificuldade. Isto faz parte da caridade como alavanca para a salvação.

100. Seja o seguinte trecho de *Missionários da Luz*:

“Identificando-me a admiração, Alexandre sorriu e disse ao Assistente Josino, com o propósito de fazer-se ouvido por mim:

“— Talvez André não conheça bastante o nosso respeito e gratidão ao aparelho físico terrestre.

“— Em verdade — ajuntei — ignorava, até agora, que o corpo carnal fosse, entre nós, objeto de tamanhos cuidados. Não sabia que a nossa colônia contasse com instituição desse teor [Planejamento de Reencarnações].

“— Como não, meu amigo? — interferiu o Assistente, com inflexão de carinho — o corpo físico na Crosta Planetária representa uma bênção de Nosso Eterno Pai. Constitui primorosa obra da Sabedoria Divina, em cujo aperfeiçoamento incessante temos nós a felicidade de colaborar. Quanto devemos à máquina humana pelos seus milênios de serviço a favor de nossa elevação na vida eterna? Nunca relacionaremos a extensão de semelhante débito.” (Op. cit., p. 162.)

Além do ensinamento do respeito que se deve ter pelo corpo físico, temos para observar que muitos conhecimentos se acrescentaram à obra de Kardec relativamente às colônias do etéreo, através de textos mais ou menos romanceados, mais ou menos fictícios. Dar tais obras aos jovens significará *jogar pérolas aos porcos*, na expressiva expressão de Jesus, ou poderemos aguardar reflexões ativas para a anotação de que algo existe dentro da matéria que reflete a misericórdia de Deus?

R. Levado por nós ao encontro da obra selecionada para a pergunta, não se fez de rogado o médium e desferiu várias questões ao mesmo tempo, questões que o trazem alerta quanto às mensagens que vem recebendo desta e de outras equipes. Agrada-nos responder, porque se referem ao que Kardec não teve possibilidade

de comentar. Primeiro, é preciso ressaltar que os espíritos são capazes de enxergar, quando mais evoluídos, o entremear dos corpúsculos que se constituem na matéria básica do mundo dos encarnados, de forma a reconhecer neles tão somente energia a conduzir as vibrações que unem os elementos para a formação do tecido existencial correspondente à esfera densa dos humanos. Essa visão sutil, que os aparelhos construídos pela ciência ainda não são capazes de captar, eleva o conceito de matéria, sublimando-a, tornando-a quase *espiritual*, se tal termo não se constituísse no oposto à impressão dos encarnados. Houve quem supusesse (e não adianta agora correr atrás de nomes e de obras) que a escala periódica dos elementos químicos se estenda, de um lado e de outro, para além dos valores conhecidos, constituindo campos energéticos em que existem os espíritos. Isto seria, apenas para fazer referência às possibilidades de conjecturar, o contrário da conclusão daquelas entidades que veem a sutileza da matéria como condicionada pela força criativa do Pai, portanto, dentro do plano da espiritualidade. Para uns existem apenas campos magnéticos; para outros a materialidade prepondera. Por esse meio, chegam os espíritos ao máximo de respeito e consideração pela organização material dos corpos humanos e das demais criaturas que vivem sobre a *Crosta Planetária*, defendendo a ideia de que a destruição da obra divina é sempre crime perante a lei cósmica. Daqui decorre a importância que dão os mensageiros do etéreo à educação da juventude, através das informações que passam mediunicamente, eivadas, muitas vezes, de intuitos dramáticos para a comoção necessária às deliberações que visam às reformas íntimas e ao aprendizado dos valores evangélicos. Ora, os recursos literários estão disponíveis para o romancear das lições, podendo gerar obras de ficção fundamentadas filosoficamente nos dados conseguidos através dos estudos científicos, conforme se pode pressentir em relação aos eventos que levaram o autor espiritual, que se chamou de André Luís, à elaboração de seus textos. Perguntarão muitos por

que se dá tanta importância aos métodos de apresentação da realidade etérea, quando seria muito mais plausível demonstrá-la através das técnicas científicas, pela descrição pura e simples das colônias, sem enredo a ampliar o discurso em seus contornos secundários. Para cada pessoa uma reação. Os objetivos podem ser os mesmos, mas a perspectiva cultural dos mensageiros é que estabelece o roteiro que mais de perto traduz a sua perícia de composição literária. Respeitam-se nas colônias tanto o livre-arbítrio dos autores quanto a sua boa vontade em elaborar as peças a serem transmitidas aos encarnados. Agora, entra a consideração final do médium a respeito da leitura pela juventude de tais estruturas retóricas. Eis que se definem os pressupostos educativos, uma vez que o projeto didático, segundo a visão pedagógica mais adequada para cada etapa do crescimento psíquico, é que deverá prever a melhor forma de conduzir os pensamentos e sentimentos para a compreensão da verdade a que Jesus fez referência em suas pregações relativas ao procedimento moral e religioso. Se não se estabelecerem critérios para a formulação curricular da matéria que poderemos denominar de *Espiritismo*, com as subdivisões imprescindíveis (reencarnação, mediunidade, ciência e religião dos espíritos etc.), do mesmo modo que qualquer ramo do saber humano, também este há de ficar esquecido pela maioria, porque o interesse deve sofrer motivação específica ou quedarão todos os jovens sob a direta influência dos que possuem o poder econômico e a preponderância sobre os mais abrangentes setores da inteligência como força de trabalho, imbuídos apenas das diretrizes do lucro, do conforto e do sucesso material.

101. De *Vinha de Luz*, extraio o seguinte trecho do comentário de Emmanuel intitulado *Esperança*:

“Jesus, na condição de Mestre Divino, sabe que os aprendizes nem sempre poderão acertar inteiramente, que os erros são próprios

da escola evolutiva e, por isto mesmo, a esperança é um dos cânticos sublimes do seu Evangelho de Amor.” (Op. cit., p. 164.)

Noto que muitas mensagens contêm palavras de incentivo e apoio às pessoas que buscam acertar, tanto que, no trecho reproduzido, se faz questão de aquilatar a possibilidade das falhas e de oferecer o recurso da esperança. Entretanto, o tônus sentimental desses textos, parece-me, favorecem certo enredamento matreiro dos leitores, justificando-lhes as atitudes menos sábias e repassando para o futuro a tarefa da aprendizagem superior. Estarei certo se concluir pela necessidade de se chamarem os encarnados às falas, desde logo, responsabilizando-os, sempre que se observar que se acomodam aos erros *próprios da escola evolutiva*? Não será por isto que os textos deste *Grupo das Perguntas* se apresentam carrancudos e enérgicos, cobrando do leitor maior severidade na aplicação dos preceitos doutrinários?

R. Estando em paz consigo mesmos, os seres de qualquer nível evolutivo conseguem agir em consonância com a verdade que são capazes de intuir, porque partem do princípio de que o que é bom para eles mesmos é o que se recomenda para os irmãos. Esta é reação absolutamente natural, normal, objetiva e esperável. Para tais pessoas, as mensagens terão sempre o condão de despertar-lhes a atenção para pontos que visem à confirmação do bem que venham praticando, de preferência aos astuciosos argumentos para engodo dos protetores, porque se aplicam à elevação de suas almas por meio de preceitos que se resumem e se destacam da própria consciência. Quem está no caminho do bem supremo de proceder segundo as recomendações de Jesus não para para refletir sobre certos projetos futuros, dado que o presente é de plenitude, conferindo-lhe o halo de santidade que o torna feliz. Se, eventualmente, as criaturas erram, como está na citação, sabem que Jesus está atento para as providências básicas do estímulo através da esperança, companheira da fé e da caridade, entre as virtudes excelsas para quantos pratiquem os preceitos cristãos.

Sendo assim, por mais chorosos e melífluos que sejam os textos, jamais incidirão como obra malfazeja no coração dos que buscam acertar. Ao contrário, se alguém lê o que acima se reproduziu com a predisposição de achar apoio para a sua matreirice, não hesitará em transformar as sábias palavras em algo semelhante ao próprio pensamento, reforçando os aspectos da comiseração divina, acreditando piamente que não serão jamais desamparadas, porque atribuem a Deus deveres e obrigações, apequenando-lhe os atributos, segundo a estreita visão humana, deformando as intenções dos mensageiros e transfigurando a metáfora do amor em vilipêndio da expressão. Eis como Kardec, no número de junho de 1860 da *Revista Espírita*, comentou a informação de um espírito de que são proporcionadas faculdades mediúnicas a pessoas viciosas com o fim de ajudá-las a se corrigirem: *“Isto é perfeitamente exato, e, às vezes, veem-se Espíritos inferiores darem duras lições, em termos pouco medidos; assinalar defeitos, pôr os caprichos em ridículo, com mais ou menos habilidade, conforme as circunstâncias, e por vezes de modo muito espirituoso.”* (Op. cit., p. 186.) Ora, sabendo-se que por trás das reprimendas dos inferiores se encontram os bons espíritos a estimularem este tipo de atitude, pode-se concluir que *a necessidade de se chamarem tais pessoas às falas* é de todo compatível com o trabalho dos socorristas e demais protetores desejosos de ver o progresso dos pupilos. Quanto à derradeira parte da questão, fica por conta dos amigos encarnados decidir a respeito de termos ou não razão em desenvolver os temas da maneira pela qual o vimos fazendo, muito embora não tenhamos em mira ofender nem melindrar ninguém. Nós também temos os nossos instrutores e benfeitores a nos estimularem *os bons conselhos...*

102. Em *Antologia do Mais Além* (p. 145), sob o título de *Quevedo*, publicou Jorge Rizzini um soneto mediúnico atribuído ao espírito de Guerra Junqueiro, em que se analisa a personalidade de um dos

mais acirrados desafetos do Espiritismo. Que pensar das informações sem interesse para os encarnados a respeito das atividades das pessoas em outras encarnações? Mesmo que o reflexo da maldade anterior se exerça agora sobre a teoria espírita, não houve exagero em consignar as atividades do inimigo como produto de formação espiritual desvirtuada? Não seria suficiente saber que as pessoas são imperfeitas e que, um dia ou outro, ascenderão moralmente, evangelicamente? Poderíamos conclamar o princípio da caridade para repelir a composição como elaborada com desejos de desforra, apesar de bem constituída (com restrições) do ponto de vista literário e segundo a história conhecida do autor de *A Velhice do Padre Eterno*? Claro está que aceito o apontamento dos feitos malignos em obras espíritas, como resultantes da lei de causa e efeito, desde que tratadas idealmente, para personagens fictícias, pois o que me choca é a citação da personalidade real. Estaria correto reproduzir o texto que desejo censurado? Não estaria incidindo no mesmo defeito?

R. Não nos parece claro que a intenção do autor espiritual fosse trazer à luz do mundo o conhecimento da pessoa do Padre Quevedo, porque tal informação seria pertinente apenas ao indigitado. Ora, pela atitude de crítico da doutrina espírita, pouca atenção daria o jesuíta ao fato de ser acusado de ter pertencido aos quadros da inquisição espanhola, porquanto a ideia da reencarnação não tem valor perante o seu acervo espiritual. Levar o público a saber quem está atacando o movimento espírita não acrescentaria nada, uma vez que são os argumentos e não os inimigos que importam. Sendo assim, resta a graça das composições, em seu instigar contra os adversários, depreciando-os em aspectos que podem ser reais, mas que não se coadunam com os preceitos da tolerância e do perdão. Além do mais, é justo supor que, a serem verdadeiras as informações, o sacerdote irá sofrer tropeços muito violentos na caminhada a empreender para o resgate dos males contra os irmãos, ainda porque o fazia em nome do Cristo. Quanto à

transcrição, recomendamos não se faça, bastando espicaçar o interesse dos estudiosos com a menção bibliográfica, para o que é de rigor a observação de que se deve partir para o conhecimento integral da obra com o coração defeso contra os impulsos de solidariedade ao autor, pela concordância de que se devem criticar os erros e defeitos, nomeando-se os acusados, resguardo que se alcançará através da prece. Fizemos questão de antecipar a reprodução da nota de Kardec na resposta anterior, para demonstrar que os benfeitores espirituais veem com bons olhos as reprimendas mais acerbas, apesar de não procederem a elas diretamente. Jesus falou em escândalos, ressaltando que os causadores deles não seriam bem-vistos.

103. À vista da resposta anterior, gostaria de que fosse apreciado outro soneto incluído na *Antologia do Mais Além*, atribuído ao espírito de Auta de Souza, cujo teor está mais para a poética recomendação das virtudes do que para o escarmento. Traz o título *Vinde, amigos*:

*“Quão pouco sabe ainda a alma humana
Sobre as coisas de Deus! E há tantos prantos
Continuamente derramados... Tantos,
Neste planeta onde a aparência engana!*

*Na mansão suntuosa, soberana,
Com jardins luxuosos, mil encantos,
Às vezes há mais dor e há mais espantos
Do que na escuridão duma choupana...*

*Desçamos, pois, da torre de marfim,
E enxuguemos as lágrimas, enfim,
Dos que já não conseguem dar um passo...*

*Vinde, amigos, porque esta é a Verdade:
Se Deus é puro amor, é a Caridade
A chave do Seu Reino além do Espaço!”
(Op. cit., p. 65.)*

R. Naturalmente, a impressão sentimental da alma feminina persiste no espírito da autora e sua enunciação doutrinária se dá com o caráter maternal de quem vê as pessoas como carentes de afeto e de auxílio. A realização literária é suficientemente feliz para enlevar as mentes dos leitores ávidos pela comprovação de que todos somos iguais, na fraternidade universal. Mas insinuam-se as distinções materiais, com o prejuízo dos miseráveis, que, pelo sofrimento dos abonados, devem regozijar-se por não lutarem contra elementos tão poderosos. Ora, a aprendizagem das leis deve dar relevo a todos os fatores da constituição dos seres, ou seja, os intelectuais e os sentimentais, em suma. Se o agulhão da dor se torna o único meio disponível de progresso para os encarnados, haveremos de lamentar que não nos sejam dadas outras oportunidades para a experimentação e a reflexão. Se o caminho da salvação está na virtude excelsa da caridade, também não nos podem falhar outras atividades igualmente generosas, como o desenvolvimento das ciências, para se possibilitar que todos tenham vida longa e pacífica. Não podemos apontar o dedo para as consciências que se sentem pejudadas de vergonha, é óbvio. Mas devemos indicar aos indecisos que devam assumir determinadas atitudes perante as prescrições consolidadas no cristianismo cristão. Sugerir que os infelizes das choupanas e dos palácios vão ascender pela divina misericórdia ao reino apenas porque sofrem é muito pouco, pois caracterizar a dor como sintoma das necessidades sempre haverá de ser processo muito mais complexo. Mas estes pensamentos todos não cabem num simples soneto. Aliás, Auta de Souza foi felicíssima em sua composição, dando expressivo relevo às tarefas dos socorristas, exatamente daqueles que se condoem dos irmãos e vão em seu auxílio, sem joeirar sacrifícios. As outras necessidades de superação

dos males que chumbam os humanos em seus caminhos de prantos devem encontrar-se nos outros poemas da obra citada. Fique a avaliação ao encargo de quem se abalançar a conferir.

104. Reconheço que, para os nossos corações imperfeitos, a censura imperativa contra o nosso nome seja extremamente rude. Que pensar, por outro lado, das acres recomendações de caráter geral que nos atingem em pontos muitíssimo frágeis de nossa constituição de caráter? Cito o exemplo seguinte, retirado da obra ***A Vida Humana e o Espírito Imortal***, pelo espírito Ramatis, do médium Hercílio Maes: *“É razoável que o homem selvagem seja antropófago e delicie-se (sic) com a carne dos próprios companheiros; mas é condenável e incoerente, além de impiedade, quando após distinguir o Bem e o Mal, o Amor e o Ódio, ainda continue a devorar o animal que é seu irmão inferior.”* (*Op. cit.*, p. 112.)

R. Acreditamos que a interrogação do médium se situe mais no texto do que no contexto, porque a acusação contra a humanidade, no que respeita ao abate dos animais, lhe sensibiliza o moral. Mas vamos começar pelo crédito que se deve atribuir ao exame da generalidade, uma vez que a citação de nomes foi condenada por nós. Ao ler, cada pessoa vai analisando o teor da mensagem pelos parâmetros pessoais, obviamente, ou seja, vai tornando particulares as referências. Sendo assim, fica bem mais leve a censura dos hábitos, se considerarmos a espessa muralha de preconceitos que cerca cada mínima ideia que se consagra pelo chamado senso comum. Se a pessoa for capaz de bom senso no exame dos dizeres, é possível que possa dar razão aos impulsos de recriminação dos pregadores do etéreo, como ouvem, sem aparente resmungo, os sermões em que os sacerdotes e os pastores admoestam os maus costumes. Ao contrário, muitos se sentem constrangidos pela consciência e fazem íntimas promessas de melhoria. Eis que os discursos que apelam para o coração e para a mente têm plena possibilidade de atingir os seus objetivos. Não fosse assim e não

viríamos nós mesmos incitar à meditação dos temas doutrinários, em seu tríplice aspecto científico, filosófico e religioso. Melindrar-se por ouvir recriminações é postar-se ao lado dos fariseus e doutores da lei acusados pelo Cristo, em muitas manifestações públicas de desagrado pela conduta justamente de quem deveria ser o exemplo vivo das virtudes. Não foram aqueles senhores que perseguiram e crucificaram o Mestre? Quanto ao consumo de alimentos em que se impõe a destruição da vida animal, não desejamos avançar nos conceitos para além dos que se registram em *O Livro dos Espíritos*. Kardec ocupou-se do tema e os seus orientadores esclareceram-no. Mas devemos ressaltar que, se o homem se priva dos alimentos animais ou outros, como expiação, tal abstenção é meritória, uma vez que, como se lê no item setecentos e vinte e três, *“a carne nutre a carne, caso contrário, o homem definha. A lei de conservação atribui ao homem como dever conservar suas forças e sua saúde para cumprir a lei do trabalho. Logo, ele tem que se nutrir, conforme o que determina seu organismo.”* Ora, se os estudos superiores de nutrição humana apoiarem a iniciativa do vegetarianismo ou do vegetarismo, não devem os humanos furtarem-se ao ensejo de preservar da dor os irmãos irracionais, permitindo-lhes vida biológica útil ao seu progresso. Citar a escala alimentar e situar-se dentro dela é mero artifício de quem não deseja pensar seriamente sobre o assunto, porque se sente confortado em praticar direta ou indiretamente a crueldade da criação específica para o abate. Se era esta a crítica que o médium desejava que fizéssemos, podemos afirmar que é fruto unicamente da coerência com que temos de respeitar a natureza como obra do Senhor, através das leis de conservação, de trabalho, de progresso, de justiça, amor e caridade. Imaginemo-nos internados em unidade de terapia intensiva, obrigados a medicamentos extraídos de órgãos de animais abatidos com a específica finalidade de nos manter vivos. Iremos recusar-nos a eles? Não será preferível continuar vivos e, posteriormente, oferecer os nossos préstimos para a fabricação dos remédios a partir

de elementos minerais ou vegetais? Quanto à assertiva em si colhida mais acima, eis como está em *O Livro dos Espíritos*, pergunta de número seiscentos e trinta e sete: “É culpável o selvagem que cede a seu instinto ao se nutrir de carne humana? — Eu disse que o mal depende da vontade. Muito bem! O homem é mais culpável à medida que ele vai sabendo melhor o que faz.” Segue-se o seguinte comentário de Kardec: “As circunstâncias atribuem ao bem e ao mal uma gravidade relativa. O homem comete amiúde faltas que nem por serem conseqüentes da posição em que o colocou a sociedade são menos repreensíveis; mas a responsabilidade se dá em função dos meios que ele possui de compreender o bem e o mal. Eis como o homem esclarecido que comete uma simples injustiça é mais culpável aos olhos de Deus que o selvagem ignorante que se abandona a seus instintos.”

105. As obras ditadas por Ramatis seguem o roteiro das perguntas e respostas, como este *As perguntas que Kardec não fez*. Não seria lógico concluir que as questões aqui consignadas apenas repetem palidamente o superior discernimento do médium Hercílio Maes? Nesta oportunidade, sugiro que se comentem as reações dos dirigentes do movimento espírita que não aceitam o estudo das obras de Ramatis em seus centros, o que ocorre na quase totalidade deles.

R. Ainda bem que o nosso médium não cismou de reproduzir as questões dos outros, pura e simplesmente, porque haveríamos de reclamar, tendo em vista que, de um modo ou de outro, foram respondidas, pondo em xeque a argúcia dos leitores. Para tanto, isto é, para as perguntas do outro terem maior discernimento quanto ao campo a ser explorado, devem ter mesmo, porque se referem ao interesse de Ramatis e não ao nosso. Vamos, pois, continuar sistematicamente em nosso roteiro, para chegarmos ao ponto que estabelecemos como padrão de excelência, tendo em vista os atributos de que dispomos. Mas não veja o leitor nenhuma

reprovação ao amigo que nos serve, porque, quase sempre (esta, inclusive) as perguntas que elabora se colocam aqui por influência nossa. Não é verdade que, desse modo, temos oportunidade de explicar o que nos traz até esta mesa? Mas deverão os espíritas perder o medo de ler Ramatis? Desde que estejam fortemente amparados pelos conceitos veiculados nas obras de Kardec, não devem pôr em dúvida a sua faculdade de descobrir o que existe de bom e o que existe de mau em tudo que se escreve. Nós mesmos, desde o começo, vimos firmando o princípio de que, para que nossos textos sejam lidos e discutidos, haja, na mentalidade do leitor, o preceito irrefragável de que as noções principais da doutrina estão expressos nas obras da codificação. A partir daí, o que existe é certa atualização de conhecimentos, dadas as informações extraídas pelos humanos das ciências que se aperfeiçoam, como ainda as possibilidades do esmiuçar das revelações do mundo espiritual em que *navegamos*. A justa medida, pois, nas recomendações dos dirigentes das casas espíritas, deve encontrar-se na ponderação de que, para quem hesita diante dos conceitos emitidos por Kardec e seus orientadores, não se deve obtemperar os conhecimentos por meio do acréscimo das informações de Ramatis. Todavia, nada iremos opor quanto à leitura das obras, porque cada pessoa deve afastar de si o fantasma do flagelo da irreverência, se se atrever somente a refletir sobre os argumentos que lá se encontram. Quem tem firmes os objetivos do amor ao Pai pelo amor aos semelhantes, realizando caritativamente as tarefas da superior generosidade dos corações em que se cristalizaram as virtudes que conduzem ao patamar seguinte da escala evolutiva, não incidirá no preconceito da proibição sem critério, pelo temor de atrair espíritos obsessores para a tentação dos desprecavidos. O trabalho educativo que os centros espíritas desenvolvem devem passar pela prudência curricular. Contudo, sempre existirão adeptos mais acostumados ao exame das ideias, de forma a separar o joio do trigo, seguindo com rigor a lição de Jesus. Todos nós teremos de passar por todas as

portas estreitas da compreensão da verdade, espremendo-nos de encontro aos batentes, de maneira que acabam despreendendo-se os excessos de melindres, que vão ficar do lado de fora. Se estamos, a cada momento, fazendo o leitor observar as falhas que possam ter ocorrido em todos os textos, mesmo os da codificação, falhas que podem residir neles por não apresentarem argumentação cabaz, à vista dos avanços posteriores, seguramente iremos apostar em que a leitura das obras de Ramatis poderão oferecer motivos variados para justíssimas intuições a respeito de pontos em que estamos nós mesmos em dúvida. Mas não concluam, por favor, que estamos recomendando, indiscriminadamente, que Ramatis seja o farol a guiar os *navegantes* pelas águas do Espiritismo. Trata-se tão só de postura que busca ser lógica relativamente ao livre-arbítrio a ser preservado para todos os que assumem a responsabilidade de administrar as agremiações fundamentadas em Kardec. Quem não se sentir seguro que não titubeie em impedir seja o que for cujas consequências não estejam claras em sua mente; mas que também não hesite em admitir que todas as pessoas têm inteligência para deslindar o que há de certo ou de errado em tudo, ao longo da existência. Haverá sempre a hora da verdade.

106. Em *Evolução em Dois Mundos*, André Luís, pela mediunidade de Chico Xavier e Waldo Vieira, dentro da temática da alimentação dos encarnados, adverte para as consequências no etéreo do demasiado apego às sensações durante a vida. Eis o texto: *“Abandonado o envoltório físico na desencarnação, se o psicossoma está profundamente arraigado às sensações terrestres, sobrevém ao Espírito a necessidade inquietante de prosseguir atrelado ao mundo biológico que lhe é familiar, e, quando não a supera ao preço do próprio esforço, no auto-reajustamento, provoca os fenômenos da simbiose psíquica, que o levam a conviver, temporariamente, no halo vital daqueles encarnados com os quais se afine, quando não promove a obsessão espetacular.”* (*Op. cit.*, pp. 168-9.) No que tange

aos alimentos, a conclusão do leitor será a da prudência ou, à vista do desempenho evangelizado em todos os aspectos de suas atividades, pode esperar melhor sorte junto aos protetores?

R. Antes de responder à questão propriamente dita, é preciso afirmar que existem muitos percalços a serem ultrapassados relativamente às estruturas lexicais que orientam a composição das obras demasiado técnicas. Este aspecto (tratado alhures por nós) tem impedido os dirigentes das casas espíritas de proporcionarem aos frequentadores de suas sessões de estudos debates a partir da leitura de certos livros considerados excessivamente difíceis, como é o caso de *Evolução em Dois Mundos*. No entanto, adiantam-se noções ali que não se encontram em Kardec, sem ferir nenhum princípio doutrinário. Há mesmo descrições importantes do que ocorre no etéreo, diferentemente dos fenômenos encontrados na face do planeta. Vão dizer-nos que cada qual pode efetuar as leituras particularmente. É claro que podem, não obstante, o serviço de atendimento intelectual tem de passar obrigatoriamente pela elucidação das dúvidas que, se geradas em estudo conjunto, vão aproveitar a muito mais adeptos. Como estamos avançando no sentido de propugnar que os centros espíritas também se tornem núcleos educativos de maior exigência escolar, é bom que resguardemos os atuais dirigentes das críticas relativas aos antigos hábitos de apenas oferecerem assistência espiritual aos recém-desencarnados, aos obsessores trazidos para doutrinação, aos necessitados de aconselhamento ético ou de assistência psicológica, como ainda ajuda material, através das *feiras da pechincha* ou da sopa a distribuir-se para os que procuram a casa ou que se encontram nas ruas. Louvem-se as iniciativas das vendas de livros em praça pública, porém, sem acompanhamento, muitos impulsos se perdem e as leituras vão acumulando-se apenas no sentido do prazer, sem a conseqüente contrapartida da assimilação dos conhecimentos para a melhoria da conduta espírita. Se estamos, aparentemente, discorrendo de forma paralela ao texto transcrito,

que se precate o leitor para o fato de que tudo o que faz se reflete no conteúdo espiritual que irá transcender ao decesso, de forma que, como nos assegura André Luís, “*se o psicossoma está profundamente arraigado às sensações terrestres, sobrevém ao Espírito a necessidade inquietante de prosseguir atrelado ao mundo biológico que lhe é familiar*”. Então, se temos bem estruturado o arcabouço cerebral, vamos utilizá-lo de maneira fértil para a nossa futura estadia no plano da espiritualidade, preparando-nos convenientemente, desde logo, para o enfrentamento dos problemas de adaptação ao ambiente etéreo. Penetrando na pergunta do médium, temos, infelizmente, de dizer que ninguém é manquitola no que respeita ao desenvolvimento espiritual através da prática das virtudes. Se estiver falhando num setor, por exemplo, no da alimentação, é sinal inequívoco de que o mais está a significar que existe, em maior ou menor escala, o grave defeito da hipocrisia, consistente em saber como é que se aplica a lei de causa e efeito, mas fazendo-se de conta que não sabe. Poderá merecer dos protetores e demais benfeitores e amigos socorristas certa deferência, desde que o trabalho produzido tenha sido de proveito para os irmãos em dificuldade, entretanto, tudo o que corresponder às falhas maliciosas do procedimento será cobrado pela consciência, que remeterá o infeliz de volta ao plano em que deixou de executar os programas de ajustamento às leis cósmicas. Se a vida é breve, repete-se ela até que o comportamento mereça o privilégio da ascensão (o que não importa na assertiva de que não haja progresso sem a necessidade das reencarnações).

107. A obra *Evolução em Dois Mundos*, em sua segunda parte, também foi realizada a partir de perguntas, as quais mereceram exposições tão extensas quanto as que se encontram aqui. Sabendo-se que os ditados se deram durante o decorrer do ano de 1958, podemos imaginar que as mesmas questões provocariam hoje respostas diferentes?

R. O embasamento científico do autor espiritual estava muitos pontos adiante dos ganhos realizados pelos diferentes ramos do saber entre os homens. Mas não poderia imaginar quais seriam os desenvolvimentos técnicos e em quais setores se dariam, de forma que estamos melhor preparados para prestar as informações, segundo o nível de interesse dos estudiosos. Cabe-nos, todavia, observar que o percentual das pessoas capazes de decifrar os dizeres científicos que se registraram naquela obra é mínimo, diante do universo dos analfabetos e semi-alfabetizados, precisando crescer o enorme contingente dos que não julgam importante conhecer sequer os textos espíritas mais simples. Dentre os aptos ao entendimento, também são poucos os que se interessam pelas obras que consideram excessivamente distantes dos informes dos espíritos que assessoraram Kardec. Gostaríamos de afirmar estar na hora de vir outro codificador, para englobar, em dois ou três livros, a suma dos acrescentamentos destes últimos cento e quarenta anos, o que precisaria ser efetuado por alguém encarnado, com a ajuda imprescindível de espíritos de mesma categoria dos que se apresentaram a Kardec. Enquanto isso, nós, da ***Escolinha de Evangelização***, mais o médium, vamos desenvolvendo o nosso trabalho de análise (com alguma crítica), para expandir, segundo a nossa limitada ilustração, a área de influência mediúnica através das mensagens psicografadas. Quer significar que a literatura espírita esteja necessitada destas páginas? Não está, evidentemente, mas é preciso considerar que toda tentativa honesta há de ser válida, se cair no gosto do público. Pelo menos, haveremos de testar-nos na tarefa rara ou extraordinária de podermos estender-nos por laudas e mais laudas, com integral responsabilidade, para não incidirmos no erro de fazer com que o nosso servidor perca seu tempo. Que esta observação valha, desde já, como agradecimento a quem apanha os ditados, a quem os venha a divulgar e a quem os venha a ler.

108. Ciente de que os amigos que vêm trabalhando nestas mensagens não estão à vontade para os temas inerentes aos espíritos mais adiantados, mesmo assim quero perguntar a respeito da personalidade desse acima citado novo codificador. Como deverá ser ele para impor-se no meio espírita e na sociedade em geral? De que sabedoria deverá estar investido? Se não pode ter em nível de superior dotação a mediunidade, com que autoridade deverá apresentar-se? Virá com a missão estabelecida? Ou já estará entre os mortais? Conhecerá intuitivamente o trabalho a realizar ou será induzido por demonstrações inequívocas dentro da fenomenologia mediúcnica, como Kardec o foi?

R. Não poderemos ser taxativos na resposta, porque caberia à administração planetária fixar as características dessa expressiva personagem. Podemos, contudo, fabricar-lhe o perfil psíquico, porque não estamos de todo alheios à expectativa a que mais acima nos referimos. Em todo caso, antes de mais nada, resguarde-se o leitor para não ter como definitivo o que iremos colocar apenas em termos provisórios e muito mais próximos de quem gostaríamos que fosse tal criatura e não da que se concretizará na realidade. Pois bem, não temos conhecimento de que esteja no orbe nenhum ser encarregado de efetuar nova codificação espírita. Caso tivéssemos a certeza do fato, teríamos a obrigação de ir atrás da pessoa para avaliar-lhe o caráter e demais traços espirituais e materiais, de forma a não laborar em erro nas informações. Do ponto de vista moral, achamos que não há que se criar qualquer dúvida quanto a ser a pessoa (homem ou mulher) íntegra, procedendo em todas as situações de maneira o mais correta possível, dentro dos parâmetros evangélicos. Se o fato de mencionarmos a possibilidade de o codificador ser *uma codificadora* lhe causar desconforto, é preciso que refaça o exame das reações fundamentadas em meros preconceitos. Não é porque estamos acostumados a ver o gênero masculino mais afeito a esse tipo de tarefa que, mediante as conquistas sociais da mulher, não possamos ter no gênero feminino

a criatura capacitada para a próxima realização doutrinária de caráter teórico. Isto posto, resta saber em que tipo de genialidade a inteligência dessa pessoa irá especializar-se, ou seja, se irá dedicar-se às ciências exatas ou humanas, de preferência. Julgamos que a imersão científica não propicia a ampliação das áreas de conhecimentos, por causa de verdadeiro sorvedouro tecnológico que exerce poder sobre as aspirações dos estudiosos. Sendo assim, preferimos ver no encarregado das sumas doutrinárias alguém cuja formação desde logo se manifeste favorável à apreciação dos problemas que ameacem a vida, aberto para o conhecimento dos cataclismos provocados pela incompetência dos homens e para a solução mais econômica e humanitária deles. Logo após definir-se pela linha de estudos em que melhor se situe o seu desempenho intelectual, deverá interessar-se por desenvolver os dons filosóficos que se exigem de quem irá debater os temas supremos da vida e da morte. Entretanto, não poderá submergir no ideário de cada pensador, em função do momento histórico em que cada um se projetou, para não ficar preso a esse rico filão de meditações e de realizações de caráter especulativo, o que significa que deve possuir a mente voltada para os sistemas que geram riquezas comunitárias e não individuais. Ao mesmo tempo, irá sobressair-se entre os pares, em todos os eventos de que participar: será o melhor filho e irmão, o melhor aluno, o melhor orador, o melhor escritor, o melhor cidadão, o mais bem dotado de espírito, sem descair para o piegas ou para a profanação dos sentimentos alheios, o trabalhador incansável em dar de si, sem cobrança de altas remunerações em espécie ou em valor social, o mais solícito no emprego de seus sublimes recursos para a felicidade alheia, o mais fiel cumpridor de todas as obrigações e compromissos. Será que a pessoa com tantas qualidades e virtudes não se imporá sobre qualquer sociedade para a qual se volte, em defesa dos legítimos direitos de progresso e aperfeiçoamento? Jesus foi crucificado e Kardec não logrou renome universal. Então, havemos de conter a ambição dentro de certos

limites, para não cairmos no logro do messianismo ou do sebastianismo mais ilusório. Se as pessoas são providas de livre-arbítrio, é óbvio que deverão exercê-lo ao seu talante, como neste nosso restrito caso de descrição de imaginária figura que possa levar a cabo o ideal espírita de se fixarem diretrizes mais modernas, segundo o aparato histórico legado por Kardec. À medida que for produzindo e divulgando as obras, também deverá ir promovendo a comoção dos integrantes do movimento espírita, de forma a captar a simpatia dos próceres, os quais, através de seu apoio manifestado por todos os meios, fornecerão credibilidade à figura impoluta do novo codificador. Finalizamos sugerindo que o amigo que nos lê se veja na pele desse orientador e considere a possibilidade de desenvolver-se para assumir o posto com que acenamos. Caso se lhe delimitem os poderes pela falta deste ou daquele atributo, esforce-se por alcançar proficiência no campo em que se caracterizou a falha, porque para alguma coisa deve servir este longo arrazoado.

109. À vista do sucesso da questão anterior, quero insistir na mesma linha e perguntar, se não for muito pretensioso, quais haverão de ser os tópicos das obras da nova codificação. Evidentemente, seria por demais obtuso se não avaliasse os pontos apreciados neste volume como propícios a desenvolvimento mais completo, no entanto, o resumo que aguardo haverá de semear no terreno amanhado pelas questões resolvidas. Ou não?

R. Estamos no vórtice do tufão, onde as forças se exercem de todos os lados, para o sugar das pretensões dos mensageiros. Sabemos que o médium não aceitaria que nos expuséssemos aluninhos da *Escolinha*, incompetentes e imaturos para definições tão importantes. Na verdade, a exposição que se segue se situa entre os atrevimentos de quem se julga apto à exploração dos ensinamentos superiores dos mestres, sem a contrapartida da experiência dos mentores das esferas mais elevadas. De qualquer modo, não iremos simplesmente fugir à responsabilidade de resposta condigna, porque

o leitor nos merece todo respeito e consideração, tanto que lhe permitimos, desde logo, divergir ou acrescentar, suprimir ou consolidar, sempre de acordo com os próprios anseios de perfeição. Mas vale conjecturar dentro das lindes que os conhecimentos nos circunscrevem. Vamos, pois, sem mais delongas, afirmar que a primeira obra a ser realizada para burilar os informes que se contêm em *O Livro dos Espíritos* deve eleger a premissa de não rebater qualquer conceito expendido pelos espíritos, limitando-se a comentar os exemplos levantados por Kardec, excursionando pela problemática atual para a fixação da doutrina de maneira mais moderna. Essa primeira hipótese é fundamental para todas as revisões que se efetuarem futuro adentro. Não obstante, não preconizamos que se alterem os textos da codificação, note bem, mas que se redijam outros, paralelos e em constante afinidade com os originais. Se houver, à medida que o tempo corre, certo descompasso quanto à linguagem, as explicações deverão prescrever repetições inteligentes, verdadeiras paráfrases dos textos básicos, para facilitar o domínio das ideias pelos usuários do idioma. No que respeita a *O Livro dos Médiuns*, pouco há a modificar, a não ser quanto às ponderações judiciosas de Kardec que precisam ser desbastadas no que concerne à insistência dele em fornecer objetos de estudo de fenômenos pouco frequentes. Por outro lado, como não será bem vista a sugestão de cortes para enxugamento do texto, que se realize uma espécie de extrato de caráter didático, para utilização no processo de desenvolvimento mediúnico elementar. Para a consignação de mais profundas informações, as quais constam de muitas obras psicografadas, será necessário que se prenda o estudioso a bem formulada esquematização, procedendo à comparação dos entrecos sob o mesmo índice catalográfico, o que exigirá paciência e tempo. Talvez, nesse caso, possam os humanos contentar-se com bem formulada bibliografia, da qual se extrairão os principais tópicos, sem discussão ou crítica de valor, apenas como ponto de referência. Não há como não considerar a mediunidade

como parente mais pobre dentro da família dos princípios doutrinários, de interesse específico dos que se aproximam das mesas de atendimento dos sofredores ou dos mensageiros. Por favor, não veja menosprezo no último comentário, ou seremos induzidos a sugerir que a visão de quem critica está distorcida, incapaz de perceber que, se não fora pelo médium, não estaríamos aqui. Quanto a *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, poder-se-ia pensar em transferir as noções que constituem os *Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo* de *A Gênese*, substituir os textos de origem espiritual e, sem deixar de divulgar o livro de Kardec, estabelecer roteiro mais abrangente, além dos aspectos da moralidade prescrita nos *Evangelhos* de Lucas, João, Marcos e Mateus. A literatura espírita é rica em sugestões de análises dos *Atos dos Apóstolos*, de modo que também o que ali se encontra pode servir para enriquecimento da codificação, firmando-se o cristianismo nascente como fundamento para as reflexões que deverão infirmar a religião dos espíritas. Que não se toque, porém, nos estudos domésticos da obra, o consagrado *Evangelho no Lar*, pois o que estamos preconizando é a ampliação deles. Na linha de *O Céu e o Inferno ou a Justiça Divina Segundo o Espiritismo*, vamos ficar devendo qualquer iniciativa de roteiro, dado que se trata do livro que mais objetivamente se escreveu, tendo como ponto central o ideário teológico do Catolicismo. Ou se aceita ele como está ou não haverá outro modo de encarar a temática, senão encaminhando o encarnado à leitura das obras mediúnicas de testemunhos do etéreo ainda mais acendradas quanto às descrições de sofrimento e de ventura. Em *A Gênese*, ou seja, na primeira parte do livro, é que maiores informes se podem extrair da experiência humana, porque se ampara nos elementos científicos apenas em germe ao tempo de Kardec. Desse modo, muito trabalho terá o novel codificador para determinar os tópicos de maior interesse para aproximação das notícias vindas do além. Para ligeira definição deste aspecto, podemos ressaltar que o material deve ser encarado também do

ponto de vista espiritual, unificando-se o pensamento pela concepção de Criador e criatura, para forçar que o absoluto se encontre no relativo, o eterno, no perecível, o imutável, no movimento, e assim por diante. É aqui que vamos concordar com quem nos fez as perguntas, assegurando que é sumamente pretensioso que expliquemos a essência universal dos seres, conhecimento final para quem adentra os sagrados campos do Senhor. Sabemos que as observações carecem de profundidade e de extensão, que estamos na superfície dos temas e que muito precisaremos aprender antes de vir ensinar. Que se justifiquem as nossas considerações, porém, pela indução que levamos a efeito de que existem dificuldades de ordem superior para a elaboração da doutrina sobre bases mais modernas, injunções das quais não fugimos, como ainda pleiteamos que ninguém se exima de examinar o Espiritismo de modo crítico, para assimilar os conceitos, estabelecendo com rigor os procedimentos mais condizentes com a realização na íntegra da missão que tem de desempenhar durante a existência carnal. Nem tudo é fácil na vida, mas tudo haverá de ser possível para os de boa vontade.

110. Podem contar os encarnados com manifestações a respeito da nova codificação a pipocar em centros de toda parte, para confirmar-lhe a necessidade, uma vez que a simples menção através de médium que trabalha isolado irá cair no alheamento dos filiados ao movimento espírita? Se o critério da análise metódica e rigorosa da qualidade dos textos é o primeiro no rol da avaliação do valor, Kardec também ressaltou que a quantidade é indício de que existe verdade neles. Ou irão os mesmos irmãos que ditam aqui a outros locais para reforçarem os tópicos de seu maior interesse?

R. Não nos parece que seja nova a ideia de se atualizarem os textos da codificação. Apenas os homens não se sentem fortemente amparados pela espiritualidade, porque temem precipitar-se temerariamente em abismo de orgulho e vaidade, dado que a

importância do trabalho exige a abnegação própria dos eleitos. Claro está que o princípio da universalidade das iniciativas de mesmo gênero põe em primeira plana os temas sobre que os do etéreo desejam discorrer ou a verdade intrínseca de seus desenvolvimentos. Se existe a possibilidade de os obsessores se espalharem pelos centros, atuando também junto aos médiuns que trabalham sozinhos ou em seu pequeno círculo familiar, também há a intercessão dos benfeitores de cada casa de amparo evangélico, para os esclarecimentos oportunos e as discussões proveitosas. Para Kardec, o problema não se pôs, porquanto se sentia fortemente orientado, crendo, talvez, que não fosse moralmente correto duvidar das informações que não eram contraditadas pelos protetores. Sendo assim, desenvolveu sua linha de pensamento crítico, formulando os princípios que lhe pareceram infalíveis, além de confiar plenamente em seu próprio bom senso e discernimento. No entanto, não estamos nós categorizados para transmitir conceitos para além dos temas que estudamos, porque não nos cabe a responsabilidade da organização dos códigos doutrinários que se consubstanciarão a partir das inspirações superiores. Se os encarregados deste setor galáctico (vamos assim dizer em caráter precário) julgarem por bem disseminar a ideia cuja bandeira fomos convidados a erguer, que ajam segundo as prescrições de seus maiores, o que aguardaremos com paciência e boa vontade, modestamente recolhidos aos nossos corações fiéis às determinações superiores. Não haverão de ser diferentes, esperamos, as atitudes do médium e do leitor, pois não?

111. *O Consolador* surpreende pela estrutura semelhante a este, pois o Grupo Espírita “*Luís Gonzaga*”, de Pedro Leopoldo, a que pertencia o médium Francisco Cândido Xavier, e outros espiritistas de diferentes pontos cooperaram no acervo de perguntas que foram organizadas e respondidas pelo espírito de *Emmanuel*, entre 31 outubro de 1939 e 8 de março de 1940. Naturalmente, decorridos

quase sessenta anos, algumas respostas talvez possam ser modificadas, por causa do avanço da civilização, mesmo porque, no dizer do autor espiritual (*Op. cit.*, p. 16.), “*somente poderemos cooperar convosco sem a presunção da palavra derradeira*”. Sem querer polemizar, dada a assertiva anterior sobre os preconceitos quanto às mulheres, somos obrigados a reproduzir o seguinte trecho: “*Se existe feminismo legítimo, esse deve ser o da reeducação da mulher para o lar, nunca para uma ação contraproducente fora dele. É que os problemas femininos não poderão ser solucionados pelos códigos do homem, mas somente à luz generosa e divina do Evangelho.*” (*Op. cit.*, p. 48.) Manteriam os autores deste as expressões daquele?

R. Antes de ferir de morte o conceito exposto sobre o feminismo da década de trinta, temos de ressaltar os sublimes méritos de *Emmanuel*, considerando com ele que “*a ciência do mundo, se não deseja continuar no papel de comparsa da tirania e da destruição, tem absoluta necessidade do Espiritismo, cuja finalidade divina é a iluminação dos sentimentos, na sagrada melhoria das características morais do homem*”. (*Op. cit.*, p. 19.) Ora, se as respostas haviam de respeitar o mundo psíquico e social das pessoas que indagavam, deviam reforçar os procedimentos mais dignos, o que forçava o conselheiro a que mantivesse as mulheres no lar, para não provocar situações sem saída, porque a realidade não correspondia aos anseios que se criariam em torno do ideal feminista que, mesmo hoje, não se realizou plenamente. Isto posto, insuflar no coração feminino as teses da libertação do jugo masculino poderia representar, tão só, inoperante afronta ao direito vigente, uma vez que, como a história está a nos mostrar, a conquista de lugar igualitário na sociedade vem obrigando as mulheres a mínimas alterações a cada passo, infiltrando-se mui lentamente no campo de trabalho que se reservou, desde os primos tempos, aos homens, com as consequentes e necessárias adaptações aos esquemas de sua organização biomorfológica. Hoje, não manteríamos o texto de

Emmanuel, com o devido respeito, mas também não diríamos que o domínio da sociedade passe de vez para as mulheres. Estamos tendentes a aceitar que vão às escolas, aos quartéis, às oficinas, aos escritórios, aos laboratórios, às fábricas, na qualidade de operárias, artesãs e gerentes executivas, mas que saiam, definitivamente, dos lupanares e casas de diversão malsãs. Que entrem nos hospitais e maternidades como médicas, enfermeiras e parturientes, sem contestar o direito dos homens à paternidade, porque cabe a eles relevante papel na criação e educação dos filhos. Deveríamos lembrar Kardec, mas vamos deixar a pesquisa ao encargo do leitor. Unindo agora esta questão à anterior, devemos fazer referência ao critério das opiniões espirituais individualizadas. Será que todos os mentores dos médiuns e dos grupos espíritas pensavam de acordo com os conceitos expendidos por *Emmanuel*? Será que pensam como nós? Eis que remetemos a responsabilidade da decisão filosófica e sociológica ao leitor, como o fizemos quanto à busca do pensamento kardequiano. Não é verdade que estamos a cavaleiro e que a nossa perspectiva abrange horizonte um pouco mais vasto? Em que sentido? No de avaliar as consequências da liberação da vontade, sem o contrapeso dos deveres originados da obrigação de se dar ao semelhante justamente o que se quer para nós mesmos. Para se fixar a melhor diretriz quanto às respostas às questões propostas pelos encarnados, devem os mensageiros do etéreo estar atentos para as reações paralelas, porquanto um termo mal colocado, uma expressão infeliz, uma vibração que não se traduza eficazmente para a linguagem humana podem desencadear reflexões de reforço das intenções preestabelecidas e fomentar, junto ao leitor desprevenido, pensamentos contrários aos que o comunicador desejava imprimir. Leia-se a nota final da obra supracitada, onde se corrige uma falha originada exatamente por “*perturbações do método de ‘filtragem mediúnica’, onde o nosso pensamento foi prejudicado*”. (*Op. cit.*, p. 219.) Pois a correção foi provocada pelos editores, que, prestando atenção ao mérito da

exposição e comparando com as elucidações contidas em *O Livro dos Espíritos*, impuseram ao correspondente do etéreo que se manifestasse a respeito. Quando tudo o que se faz é feito com zelo, discricção e boa vontade, o resultado sempre haverá de ser o melhor possível, ainda que provisório e inconcludente, porque a verdade absoluta nos iluminará apenas quando adentrarmos o Reino do Senhor, em que pese, agora, o risco de sermos repetitivos.

112. Onde a precipitação deve ceder à prudência? Nas questões adrede preparadas pelo médium, não se sente a vontade do etéreo de prevalecer? Por que deixar o amigo terreno pouco à vontade, ao mesmo tempo que, muitas vezes, não sabe o que perguntar? Embora a presente questão esteja sendo formulada com coerência, não está distante da linha que se vinha imprimindo, no sentido de se reproduzirem trechos em sequência de assuntos? Agora nos deparamos com uma novidade, qual seja, a de que o indagador não se ajustou previamente e os termos da questão vão brotando no instante mesmo em que escreve. Mas não foi por falta de se preocupar durante todo o dia, havendo mesmo ido à estante e compulsado algumas obras, sem inspiração nem iniciativa, crescendo o temor de chegar até este momento sem nada para perguntar. Foi assim que quiseram os amigos que ocorresse? Esta mesma perquirição é toda mediúnica?

R. Certamente, estamos insistindo junto ao nosso instrumento para reforçar a observação de *Emmanuel*, reproduzida mais acima, quando falou a respeito de “*perturbações do método de ‘filtragem mediúnica’*, onde o nosso pensamento foi prejudicado”. Às vezes, a orientação do etéreo se dá, exatamente, ao inverso, provocando, na mente do médium, como se pode perceber na pergunta que originou esta resposta, a suspeita de que é o seu pensamento que está sendo perturbado. Essa sensação sumamente desagradável interessa-nos explicar, para dar sequência temática ao que vimos expondo, isto é, que os meios de transmissão entre os planos não é

perfeito, ainda quando totalmente mecânicos. O fato se deve às formas de constituições corpóreas material e fluídica, porque a maneira de se realizar a compreensão da verdade se diferencia substancialmente. Junto aos encarnados, a necessária comprovação das assertivas pela exemplificação abonatória. Entre os espíritos, o respeito às experiências dos seres sabidamente superiores, uma vez que, entre nós, é fácil distinguir entre os mais evoluídos e os mais grosseiros, bastando avaliar, quando se domina o recurso, o halo energético que se expande a partir da centelha divina que se situa no âmago de cada criatura. *Voltando à vaca-fria* (velha e colorida expressão), caberia ao amigo perguntar se a turma que vem para estes ditados é formada predominantemente por espíritos de homens ou de mulheres, segundo a última encarnação ou o conjunto delas. Será preciso explicar de novo que as entidades no etéreo não se caracterizam sexualmente? Pois este grupo, quando se reúne, se dispõe na forma de seres do etéreo, por isso, assexuados. Quando desfazemos o grupo e perambulamos pela colônia, estipulamos a aparência da derradeira romagem terrena, para facilitarmos o reconhecimento da parte de todos os que conosco *convivem*. Reiteramos o ponto, para que não concluam os leitores, conforme dispusemos no início da pergunta, *precipitadamente*. Mas a pesquisa levada a efeito pelo médium não foi em vão. Solicitamos, pois, que realize a pergunta que julgou fora de contexto, por favor.

113. Seja o seguinte trecho da obra de Clóvis Tavares, ***Mediunidade dos Santos***: *“Através de vasta rede de atividades obsessivas e inspirações malignas, servindo-se da falta de consciência e da invigilância dos homens, realizam (as inteligências tenebrosas) os mais diferentes objetivos do mal, amordaçando consciências, destruindo lares, tumultuando as atividades do bem, destruindo a fé, semeando discórdias e desânimos, preparando simonias e apostasias, lançando o joio no trigal de Cristo. Neste último setor,*

vemos os tristes resultados na materialização e paganização crescente dos ambientes religiosos de todas as igrejas e crenças, inclusive em nosso campo doutrinário do Espiritismo.” (Op. cit., p. 107.) A pergunta que se faz obrigatória girará ao redor do fato de o texto não ter origem mediúnica. Sendo assim, por que não insistir no esclarecimento das artimanhas dos obsessores nas obras de deslindamento dos processos de ação e reação, quer no que respeita aos espíritos, quer aos encarnados?

R. Nesta altura das explicações, deve ter ficado claro ao leitor que o jogo da vida e da morte é complexíssimo, envolvendo todos os ramos do saber. Qualquer resposta de caráter aparentemente simples irá oferecer subsídios para a elaboração de sentimentos de resistência, segundo o prisma dos raciocínios estereotipados pelas noções hauridas nas obras da codificação. Seria o mesmo que dizer que essa pergunta Kardec fez, sob os mais diferentes aspectos que a influência deletéria dos infelizes sugeriu. No entanto, ao lermos a literatura mediúnica após Kardec, o que mais se denuncia é a formação dos pensamentos em descompasso com a orientação evangélica. Resta inquirir se é importante vigiar para além da responsabilidade da própria salvação, da própria redenção, tantas são as modalidades de crimes espirituais que se exercem sobre os encarnados. Do jeito que o autor expõe, a impressão que passa é a de que, se não houvesse a participação maligna do etéreo, os homens não cometeriam os deslizes que se constatam no mundo. Eis que a fonte para os comentários se mostra abundante, finalmente. *Emmanuel*, citado por nós, afirmou que *“a ciência do mundo, se não deseja continuar no papel de comparsa da tirania e da destruição, tem absoluta necessidade do Espiritismo”*. Aproximando os textos, vemos que a responsabilidade não se dilui, mas se firma nas consciências de todos os que têm suficiente capacidade de discernir entre o bem e o mal. Ora, a prática de qualquer ato está diretamente vinculada ao exercício do livre-arbítrio. A tese estruturalista de que as pessoas não pensam nem

falam mas *são pensadas e são faladas* pelo meio ambiente, devido à educação e demais meios de se impor o coletivo sobre o individual, tem de romper-se em definitivo perante a condição espírita e cristã que enaltece a lei segundo a qual a cada um se dará conforme a obra que tiver construído. Todo este enredamento, meio filosófico, meio sentimental, tem por finalidade desfazer o imbróglio pessimista do autor terreno, para firmar o conceito realista de que o ritmo evolutivo não cessa, conquanto a humanidade veja crescer os crimes em todos os setores da existência carnal. A hora é de união entre todos os que têm a mínima preocupação de superar o estágio da dor, da miséria e do medo, confiando na misericórdia divina, estabelecendo que a justiça dos homens é falha mas a de Deus é perfeita. No entanto, entregar tudo às mãos de Deus, a observar como evoluirão os acontecimentos, será facilitar o trabalho destruidor das falanges do mal dos dois planos, porque, sem obstar o progresso dos horrores, a humanidade irá amargar período muito mais extenso de reencarnações expiatórias, em condições materiais cada vez mais adversas.

114. Outra indagação pertinente ao texto de Clóvis Tavares. Não estará na hora de os espíritos de luz promoverem nova onda de feitos mediúnicos de repercussão física, para que se facilitem os contatos entre os planos, principalmente porque, conforme acusa o autor, *“as igrejas e crenças, inclusive em nosso campo doutrinário do Espiritismo”* estão materializando e paganizando os ambientes religiosos, quando deveriam constituir-se nos baluartes da espiritualização dos seres humanos?

R. Aplaudimos a questão por permitir-nos que avancemos no aspecto religioso da doutrina espírita. Em primeiro lugar, eis como o autor citado responderia: *“Seria bem útil aos detratores do Espiritismo a meditação das revelações e mensagens, obtidas no seio de sua própria Igreja, a respeito das regiões de sofrimento além da morte, dessas regiões que, intensamente inclinados para as*

interpretações materialistas dos fatos mediúnicos, consideram 'descrições fantásticas'. Os livros de Santa Teresa de Jesus, as narrativas de Mons. De Ségur, do Cura d'Ars, de Santa Margarida Maria Alacoque, de Santa Brígida de Vadstena, de São Paulo da Cruz, de Santa Clara de Montefalco, o famoso Manuscrito do Purgatório, as visões e descrições dos sofrimentos de além-túmulo feitas por Madame Brault (famosa mística canadense, biografada pelo Padre Louis Bouher), além de muitos outros, são depoimentos que revelam, como o faz o Espiritismo, a existência de regiões de padecimentos, de infelicidade, de tormentos além da vida física." (Op. cit., pp. 106-7.)

Como se nota, a indagação talvez nem merecesse atenção nossa, porque os fenômenos a que alude não incidiram na transformação teórica dos cânones religiosos. Em todo caso, se assim for julgado conveniente, pode ter a certeza de que a administração sideral, sob as ordens de Jesus, irá promover o abalo das resistências fundamentadas no espírito materialista do sacerdócio impregnado dos valores perecíveis, esquecido de que há lutas a serem travadas no âmbito espiritual. A referência ao campo doutrinário do Espiritismo está a provocar-nos a inteligência para que observemos quais eventos motivaram a crítica. Estaria sugerindo que os dirigentes maiores das sociedades e federações se interessam, essencialmente, por editar livros de qualidade duvidosa, no intuito de ganhar dinheiro e não prosélitos, muito menos ainda para a promoção de grau evolutivo dos filiados, satisfazendo-se com a presença física nas reuniões ou com o trabalho gratuito dos centros de atendimento social e psicológico? Será que as promoções de simpósios, conferências, palestras e demais sessões especializadas estabelecem o princípio do culto do personalismo, para a projeção dos administradores profissionais das instituições de assistência aos órfãos, aos idosos, aos portadores de deficiências físicas e mentais, aos doentes e marginalizados? Para onde dirigirmos o nosso poder de conjectura, iremos esbarrar, necessariamente, nos prismas pragmáticos de quem sai à luta pelos irmãos em dificuldade. Neste

aspecto, é preciso estabelecer como critério de julgamento que todos estão trabalhando com o máximo de boa vontade e lisura, determinando que sejam circunscritos os casos de corrupção ao âmbito da justiça terrena, para averiguação da verdade através de inquérito policial. Caberia citar Jesus, quando manda deixar que os mortos enterrem os seus mortos... O que vale para os da doutrina espírita deve valer também para os das demais religiões ou cairemos no preconceito odioso de que só o que fazemos nós é que é válido e proveitoso.

115. Não é temerário aproveitar-se dos textos transcritos para realizar apenas críticas? Ou será que nada é de superior qualidade?

R. Mais do que inocente pergunta, a indagação é um desafio. Se dissermos que todos os textos merecem reparos, este nosso haverá de ser tão bem feito que não possa entrosar-se em lista alguma. Ao contrário, se formos capazes de demonstrar a superioridade de algumas obras-primas de inegável valor, haverão de perguntar por que não produzimos algo semelhante.

116. Considero *Paulo e Estêvão*, de *Emmanuel*, pela psicografia de Chico Xavier, uma dessas obras de máxima importância dentro das letras mediúnicas, podendo ombrear com as mais perfeitas da literatura geral. Por que, ao pensar nesse livro, fui encaminhado para o texto que adiante copio?

“O doutor de Tarso contemplava-o com espanto profundo, e foi quando, numa inflexão de voz inesquecível, o desconhecido se fez ouvir:

“— Saulo!... Saulo!... por que me persegues?...”

“O moço tarsense não sabia que estava instintivamente de joelhos. Sem poder definir o que se passava, comprimiu o coração numa atitude desesperada. Incoercível sentimento de veneração apossou-se inteiramente dele. Que significava aquilo? De quem o vulto divino que entrevia no painel do firmamento aberto e cuja

presença lhe inundava o coração precipite de emoções desconhecidas?

“Enquanto os companheiros cercavam o jovem genuflexo, sem nada ouvirem nem verem, não obstante haverem percebido, a princípio, uma grande luz no alto, Saulo interrogava em voz trêmula e receosa:

“— Quem sois vós, Senhor?

“Aureolado de uma luz balsâmica e num tom de inconcebível doçura, o Senhor respondeu:

“Eu sou Jesus!...” (Op. cit., pp. 197-8.)

R. O episódio da estrada de Damasco é essencial para a compreensão da metamorfose religiosa por que passou Saulo. Ora, o trecho reproduzido, salvo melhor juízo, não desmente as imensas qualidades do autor espiritual. No entanto, a grandiosidade do narrado flui diretamente do tema, do assunto, do conhecimento histórico que se tem da conversão do Apóstolo dos Gentios, erigindo-se a narrativa de maneira muito simples e direta, havendo alguns adjetivos sido aplicados sem nenhuma força expressiva: *profundo, inesquecível, incoercível, divino, trêmula, receosa, balsâmica e inconcebível*. A que linha literária terrena se prende o fluxo linguístico que agasalhou tal terminologia? Tal questão remete as reflexões para campos quase insondáveis do etéreo, porque vai obrigar ao desvelamento das intenções do escritor, já que, em não havendo submissão a movimento ou escola, não há fidelidade presumida. Um artista da palavra, nos dias de hoje, em obra de ficção, ainda que recomponha passagens dos *Atos dos Apóstolos*, elegeria esses mesmos qualificativos ou restritivos? Dificilmente. Ora, se o amigo médium se dispõe a elogiar o livro é porque aceita, acata, reconhece as virtudes idiomáticas em destaque. Mas outras pessoas, com diferentes gostos, podem julgar de muita pretensão imergir nos sentimentos íntimos, nas percepções fugazes ou nas apreciações fugidias de um ser que seria santificado e reverenciado através dos séculos. Outros poderiam reclamar da veracidade das

informações, uma vez que, não havendo quem tenha testemunhado os fatos psíquicos para posterior descrição, teriam de se fiar nas declarações do *moço tarsense*, sendo lícito levantar a suspeita de que estaria mentindo para sustentar a predisposição em defender a nova doutrina, o que obrigaria *Emmanuel* a definir os meios pelos quais foi capaz de apreender a realidade subjetiva da personagem. E assim por diante. Poderíamos, até, levantar a hipótese de que o nome *Emmanuel* estaria escondendo o de Paulo, para conhecer tão bem os episódios todos de vida cheia de peripécias morais, sentimentais e intelectuais. A que nos leva a análise? Simplesmente, a atribuir valores relativos às obras, para que não se enalteçam demasiado as realizações alheias, julgando-as sempre melhores do que as nossas, em adoração que obscurece a capacidade de raciocínio e obstrui a sensibilidade. Se afirmamos que estas ou aquelas produções são meritórias, próprias para nos orientarem os pensamentos, sempre iremos afirmar também que nenhuma é perfeita. Todas, portanto, são dignas da mesma atenção, até que se firmem como paradigmáticas para as reflexões mais importantes quanto ao encaminhamento das ações para a posse dos valores cristãos, com a precípua finalidade de nos propiciarem recursos com que iremos dissipar a névoa da ignorância que nos faz amargar as viagens de idas e vindas improfícuas entre os planos existenciais. Se a virtude não se encontra nos extremos, não vamos apostrofar preconceituosamente, nem enaltecer indiscriminadamente. Para que não se diga que estamos exorbitando as diretrizes que se estabelecem para as composições transmitidas mediunicamente, que considere o leitor o seguinte trecho extraído da obra *Rumo às Estrelas*, produção de vários espíritos, pela psicografia de Divaldo Pereira Franco:

“Uma atitude de equilíbrio é sempre a posição ideal.

“Nem o ceticismo prejudicial, por sistema ou por acomodação cultural, como tampouco a crença ingênua por adesão fantasiosa.

“O conhecimento libera o homem da ignorância, estruturando-lhe (sic) emocional e psiquicamente, proporcionando-lhe valores éticos para uma existência digna.

“Por isso, uma crença que não resista ao questionamento da ciência é errônea, mantendo-se por pouco tempo, já que, por falta de fundamentos, se desmorona por si mesma.

“A razão é a condutora do pensamento que se deve apoiar na ciência para conquistar e conduzir a existência humana a seu verdadeiro desiderato, sem comprometer-se com teorias absurdas e concepções fantasiosas, imaginativas. Antonio Ugarte.” (Op. cit., pp. 36-7.)

117. Terão os meus amigos interesse em citar mensagens recebidas por diferentes médiuns, em diferentes ocasiões, sobre diversos temas, alertando a respeito das dificuldades de interpretação ou das propriedades dos textos, para melhor fixarem a atenção do leitor nas composições psicografadas por este médium, como a solicitar que sejam levadas a sério, resguardando, naturalmente, os preceitos da modéstia, da humildade e da boa vontade?

R. Valeria a pena ocupar tanto o tempo de uma pessoa, sem proveito algum? O nosso interesse, fique claro, é o de elucidar todos os pontos que nos parecerem úteis a nós, ao mediador e aos leitores. Sendo assim, é óbvio que temos de enfrentar as comparações, desde sempre, para o que devemos estar preparados, já que as críticas nos alcançarão, inclusive nos aspectos em que nos declaramos claudicantes. Mas tais arremessos não devem ser levados à conta de excessivo rigor. Quem nos vem acompanhando com mínima atenção deve estar ciente de que não postulamos toda a sabedoria, nem deflagramos contra ninguém a virulência de quem se pensa superior. Se deixamos o médium à vontade, foi para que nos aticasse para temas cujos conteúdos não tínhamos sob inteiro domínio. Entretanto, vimos que o filão era suficientemente extenso para que extraíssemos algum material precioso, indicando alguns

terrenos a serem sondados, de acordo com o roteiro que discutimos com o orientador, Professor Jeremias. A organização do livro, pois, está sujeita a revisões e a acréscimos, para o que convidamos o amigo a formular as perguntas que deseje transcrever de outros autores, tomando o cuidado de informar, como sempre, a origem delas. Se quiser, pode fazê-lo no formato pinga-fogo ou através da elaboração de questionários prévios. Eis que abrimos o espaço para a última parte.

Quarta Parte

118. Primeiramente, desejo saber se este opúsculo visava a esgotar as perguntas não feitas por Kardec.

R. Claro que sim, mas dentro das perspectivas culturais da turma. Se nos imaginássemos poderosos a ponto de dar todas as respostas, nem faríamos perguntas, pois estaríamos, como alhures afirmamos, na plenitude da bem-aventurança.

119. Caso se levante problema para cuja solução não haja possibilidade de se recorrer aos conhecimentos do grupo, ficaremos sem resposta ou virá quem esteja apto a responder?

R. Já aconteceu. Embora o texto tenha sido elaborado por nós, o conteúdo foi fornecido por elementos mais credenciados.

120. Como se haverão os amigos, se este que os serve fraquejar quanto ao ritmo das perguntas?

R. Não responderemos por escrito, mas induzi-lo-emos a reformular as questões até encontrar o centro de interesse mais adequado para o nosso desenvolvimento.

121. Estas primeiras indagações terão algum efeito no ânimo dos leitores ou deverão sofrer cortes oportunos?

R. O encaminhamento do questionário é que determinará a resposta em tempo hábil. De qualquer modo, esta estrutura, devido aos resultados já obtidos, aceita o atendimento de reclamos particulares, para o incitamento à mediunidade psicográfica dos leitores ainda não convencidos de que também podem obter mensagens, desde que não aspirem às grandes manifestações, ao menos no início das atividades. Neste caso, é bom deixar registrado que o médium que nos atende está apanhando o seu sexagésimo nono livro.

122. Lemos, em *A Gênese, os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo*, a seguinte definição de Kardec para Deus: “Deus é, portanto, a suprema e soberana inteligência; é único, eterno, imutável, imaterial, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, infinito em todas as suas perfeições, e não pode ser outra coisa.” Sabemos que tal conceito deve bastar aos homens. Bastará aos espíritos?

R. A definição peca um pouco pela generalização, uma vez que se estende para além dos prismas da inerência de Deus, referindo-se também ao entendimento humano, no que se determina através da expressão *em todas as perfeições*. Quando os espíritos evoluem, deixam para trás alguns traços da personalidade existencial anterior. Sendo assim, é factível de conceber-se que a decisão de dizer que Deus é *justo e bom* é própria de quem aspira por justiça e por bondade. Em áreas mais avançadas, tais problemas não se põem, de forma que os seres ali residentes não se extasiam pela formulação da eterna justiça ou bondade, que são inerentes ao seu sistema de viver. Para nós que comentamos, satisfaz-nos plenamente a definição transcrita de *O Livro dos Espíritos* dentro da resposta à pergunta de número oitenta e nove, onde examos o nosso pensamento a respeito.

123. Em *A Gênese*, Kardec, retoricamente, faz as seguintes perguntas: “*Sob qual aparência Deus se apresenta aos que se tornaram dignos desse favor? É sob uma forma qualquer? Sob uma figura humana ou como um foco resplendente de luz?*” O que seria mais certo propor: que o homem se aperfeiçoa e se integra à Divindade; ou que Deus se materializa para aparecer a ele?

R. Imaginar que Deus possa materializar-se, evidentemente, deflagra a suposição de que a pessoa não compreendeu que o Criador é a suprema inteligência, definição que extrapola a materialidade e a espiritualidade. Aqui se estabelece a maior dificuldade de

entendimento quanto ao fato de se dizer que Deus se apresenta aos homens. Para que haja compreensão do absoluto ou, como diz Kardec, do *infinito em todas as perfeições*, quem esteja no âmbito do transitório, do imperfeito, portanto, não haverá de possuir aquela qualidade transcendente ao espírito (e à matéria), o que não incidirá na *visão* do Senhor. É preciso esclarecer que o sentido da visão se amplia a partir da próxima etapa de progresso dos humanos, de modo que a assertiva de que alguém possa *ver* ou *sentir* de forma corpórea a Deus há de ficar muito limitada ao campo de aplicação do sensório carnal. Ressalvada a observação acima, podemos dizer que o mais certo será admitir que os seres, ao atingirem a perfeição, são chamados por Deus para junto de si, considerando a expressão *junto de* mera circunstância para a compreensão do pensamento.

124. Seja a pergunta de número trinta e seis de *O Livro dos Espíritos*: “*Existe o vazio absoluto em alguma parte no espaço universal? — Não, nada está vazio; o que é vazio para você, está ocupado por u’á matéria que escapa a seus sentidos e a seus instrumentos.*” Eis que estamos perante a revelação de que existem várias essências ou esferas ocupando o mesmo lugar no espaço, consideradas como *matéria*. Onde se situa a espiritualidade?

R. A conclusão de que *existem várias essências ou esferas ocupando o mesmo lugar no espaço* peca pela ideia material de *espaço*. No entanto, claro está no texto reproduzido que a informação dos espíritos considera o existente como *material*. O fato obriga-nos a definir o que vem a ser *matéria* nos diferentes campos existenciais. Não falamos em *cosmos* ou *universo*, para que não infiram que estamos referindo-nos apenas ao campo energético conhecido dos mortais. Para cada esfera, existe uma estrutura ou formação energética que redunde no campo magnético (eletromagnético, *psicomagnético*, *noomagnético* etc.) em que se realizam as conexões *vitais* dos indivíduos seus habitantes. Sendo assim, para que se entenda o termo *matéria* aplicado ao texto transcrito, deve o leitor

esforçar-se por perceber que deve alçar voo intelectual, até ser capaz de avaliar em outros termos a realidade de cada ciclo cada vez mais etéreo, mais sublime, mais quintessenciado. Não iremos além deste ponto, porque estamos limitados à coerência indutiva da lógica dos encarnados, com o empirismo que tomamos emprestado de nossa contextura semimaterial nesta região umbrática. Quanto ao local em que se situa a espiritualidade, sugerimos que o voo ultrapasse as lindes do tempo e do espaço, conforme anterior esclarecimento, ou o caro amigo há de ficar sem a resposta, porque, se dissermos que a espiritualidade se encontra em todas as esferas, talvez estejamos ferindo de morte a confiança que em nossas dissertações se deposita. Mas a verdade é que são poucos os espiritualistas que não aceitam que o corpo é animado pelo espírito ou alma.

125. Dado que o vazio existe dentro de determinada contextura existencial, como no nosso universo tangível, por exemplo (vazio sem o qual não haveria movimento), pode-se concluir que Deus tenha tido o poder de criar o não ser?

R. Se cabe no cérebro dos encarnados o conceito de *ser* em oposição ao de *não ser*, mesmo para quem afirme que só o que existe é o *ser*, preciso será deduzir que *a inteligência suprema e soberana* terá a mesma possibilidade. Ora, se cada ato de vontade de Deus se transforma em criação, justo será concluir que Deus tem o dom de criar o que quer que seja, desde que se resguardem os atributos que Kardec considerou como imanentes à concepção de Deus (*único, eterno, imutável, imaterial, onipotente*). Resta saber para que serve o não ser, além de fomentar a dúvida na cabeça dos que se ocupam diletantemente de filosofia e de teologia.

126. A afirmação de que “*os germes de uma multidão de vermes [...] aguardam, para eclodir, a fermentação pútrida necessária para sua existência*”, que se encontra em *O Livro dos Espíritos* (*Op. cit.*, item

46), como resposta dos espíritos, é uma daquelas que a ciência humana tem condições de corrigir, através dos postulados atuais?

R. Sem dúvida, mas não se espere achar aqui a substituição da tese científica arcaica por outra moderna. É trabalho que cabe aos homens.

127. Seja a pergunta de número quarenta e oito da mesma obra: *“Podemos saber a época do aparecimento do homem e de outros seres vivos na Terra? — Não; todos os seus cálculos são quiméricos.”* Os cálculos continuam na área dos *quiméricos* ou teremos de suspeitar que a resposta visava antes a responder quanto ao tempo de criação dos seres e não ao de sua formação orgânica?

R. O indagador se precaveu e acertou. Embora qualquer cálculo ainda se faça de maneira bastante precária, no que respeita à formação orgânica dos seres vivos, já estão aparelhando-se os cientistas para aproximação muito significativa. Quanto a serem quiméricos aqueles relativos à época de criação dos elementos espirituais que se desenvolveriam e se instalariam na matéria do planeta, vão continuar sendo, até que se perca o interesse por eles à vista da bem-aventurança eterna *junto ao* Senhor.

128. Em *A Gênese*, Kardec afirma: *“Caso a religião se recuse a avançar com a ciência, a ciência vai avançando sozinha.”* Terá sido por essa razão que estamos empenhando-nos em refletir a respeito das assertivas científicas defasadas, dentro dos textos da codificação espírita?

R. O interesse em tornar científica o mais possível a doutrina espírita vincula-se ao estudo dos fenômenos mediúnicos, que se encontram a meio caminho entre os planos em que se situam os encarnados e os desencarnados. Como há fortes perspectivas de que sejam descobertos, inclusive por comprovação instrumental, os meios de comunicação entre emissores e recebedores, nada mais importante

do que favorecer a introdução das elucidações científicas em todos os textos já desenvolvidos, para que não se configure que o Espiritismo seja tão retrógrado quanto a Religião mencionada pelo Codificador. Caso as seitas religiosas cristãs abandonem todo e qualquer relacionamento entre a fé, os cultos e os cânones doutrinários com os eventos meramente materiais, aí teremos a perfeição das teses, porque só importarão os procedimentos rigorosamente padronizados pelo evangelho de Jesus. E se todos os habitantes da Terra adotarem essa mesma linha religiosa, não haverá razão para que fiquemos a reforçar a mediunidade. Os valores se aproximarão, afinal, daquela beatitude a que aspiram os que pretendem evoluir para a esfera seguinte e todos serão bons, ajuizados e *tementes* a Deus. Será a devolução do paraíso terrestre aos homens de boa vontade.

129. Ainda em **A Gênese**, Kardec afirma: *“Quando a ciência se apoiou no método experimental, ela se sentiu mais forte e se emancipou; hoje em dia, é a Bíblia que é controlada através da ciência.”* Não terão ocorrido, de lá para cá, transformações muito ponderáveis nos conhecimentos científicos, tornando obsoleta qualquer justificativa dos fenômenos naturais que se possam obter do texto bíblico?

R. A pergunta mais próxima da intenção do médium elegeria a perspectiva de se eliminarem as concepções de sagrado e de divino do texto bíblico, impingindo-lhe a única sanção de histórico. Para as ciências, nada a opor. No entanto, é preciso resguardar os **Evangelhos**, que contêm as palavras de Jesus, as quais, como se sabe, *não passarão*.

130. Retornando a **O Livro dos Espíritos**, encontramos Kardec às voltas com a seguinte questão, no item 59: *“É forçoso concluir que a Bíblia esteja errada? Não; mas que os homens se enganam ao interpretá-la.”* Podemos considerar como menos evoluído o

pensamento do Codificador, em relação ao texto reproduzido na perquirição anterior?

R. Sem dúvida, preparava-se ele para enfrentar os embates tristíssimos do sacerdócio católico. De início, desejava demonstrar boa vontade, apesar de saber que os dogmas haveriam de ser extintos. Depois, fortalecido pelo elevado número de adeptos ao Espiritismo, enfrentou mais denodadamente a ideia de criticar os princípios materiais sobre que repousavam (e ainda repousam) os cânones da Igreja.

131. Em *O Livro dos Médiuns*, Kardec não responde, mas deseja saber “*como o Espírito, com a ajuda de u’á matéria tão sutil, consegue atuar sobre corpos pesados e compactos, levantar mesas etc.*” Considerando a observação quanto à aplicação das ciências aos fenômenos mediúnicos (ver pergunta de número 128), na proposta revisão da obra codificada por Kardec, estariam os encarnados aptos a receber a resposta?

R. Vamos oferecer um texto de Kardec, de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, como preâmbulo da nossa resposta: “*Os Espíritos superiores procedem em suas revelações com uma extrema prudência; eles não tratam das grandes questões da doutrina senão gradualmente, à medida que a inteligência se vai adaptando para compreender as verdades de uma categoria mais elevada, e que as circunstâncias se vão tornando propícias para a emissão de uma ideia nova. Eis porque, desde o começo, não disseram tudo, nem no disseram ainda hoje em dia, não cedendo jamais à impaciência das pessoas muito apressadas que desejam colher os frutos antes que amadureçam.*” À vista da extensa citação, não parece fluir dela a observação segundo a qual cabe aos espíritos superiores a decisão de revelar a ideia nova? Mas vamos enfrentar o ponto crucial da pergunta, ou seja, quanto à aptidão dos humanos para receberem as informações precisas de “*como consegue o Espírito atuar sobre corpos pesados e compactos*”. Uma vez que se trata de tópico afeto

às ciências, é preciso saber se estas se desenvolveram suficientemente no campo da análise do espectro semimaterial dos perispíritos, por exemplo, do ectoplasma. Caso cheguem a caracterizar os elementos componentes dos fluidos, de seu magnetismo e de sua energia, sendo capazes de reproduzir as experiências quantas vezes quiserem nos laboratórios, então, será perfeitamente possível entender o mecanismo das reações psíquicas à influência das entidades do etéreo. Na área das explicações analógicas com os fenômenos físicos, temos algumas demonstrações de como se realizam as transmissões, por exemplo, na obra de André Luís, pela psicografia de Chico Xavier e Waldo Vieira, ***Mecanismos da Mediunidade***. Permitimo-nos reproduzir o seguinte trecho: “*Aplica-se o conceito de circuito mediúnico à extensão do campo de integração magnética em que circula uma corrente mental, sempre que se mantenha a sintonia psíquica entre os seus extremos ou, mais propriamente, o emissor e o receptor.*” (*Op. cit.*, p. 51.) Como se vê, as tentativas são válidas da parte dos espíritos, como também são do lado dos cientistas que se dedicaram no passado ou que ainda agora se prestam ao exame instrumental das forças medianímicas, além de muitos observadores isentos de preconceitos. O que estamos dizendo é que as pessoas estão aptas a receber os conhecimentos; as ciências é que estão atrasadas para o registro material dos circuitos e correntes ditos *elétricos* que compõem, dentro do arsenal da espiritualidade, os meios de que se asseguram os do etéreo para suas transmissões. Afinal, para se chegar a esse ponto avançado do empirismo espírita, será preciso, primeiro, estar familiarizado com todos os recursos do cérebro, o que não ocorre ainda. A bem da verdade, muitos cientistas examinaram os centros nervosos onde eclodem os processos físico-químicos, avaliando os esquemas de formação de ideias, de pensamentos, de reações dependentes e independentes da vontade, de intuições, mas não quiseram fixar como definitivos os resultados das observações, justamente por não serem capazes de

reproduzi-las como fazem com os experimentos práticos. Haverá quem tenha suspeitado de que algo ali não seja motivado pelos neurônios mas venha formulado a partir de outro plano? Ignoramos e rogamos aos leitores que nos declarem se tomaram conhecimento de assertivas sérias nesse sentido.

132. Tenho medo de citar as obras de Ramatis, tão rejeitadas são pelos espíritas, contudo, encontrei, em *A Vida Humana e o Espírito Imortal*, o texto seguinte, que parece combinar com as explicações a que remeteu a pergunta de número cento e vinte e oito: “*Pouco importa quanto à comprovação do conceito se o Espiritismo é ou não é Religião; mas é fundamental que os seus adeptos consigam viver o universalismo do amor crístico¹ ilimitado, sem transformá-lo numa doutrina religiosa tão primária e sectarista (sic) quanto as demais organizações religiosas já existentes. Antes de ser mais um competidor na arena das discussões e dos desentendimentos religiosos do mundo, o Espiritismo deve ser um denominador comum dos homens interessados em usufruir a autenticidade de sua natureza espiritual.*” (Op. cit., p. 274.) É possível encaixar tal segmento no conjunto desta obra, como demonstração de que os textos mediúnicos se amparam mutuamente, com o fim de encaminhar os humanos ao aperfeiçoamento doutrinário?

R. Gostaria o nosso médium de asseverar que não é leitor assíduo das obras de Ramatis. Não se sentindo bem em fazê-lo, afirmamo-lo nós. Mas também não se acanha em efetuar tais leituras, confiando em seu discernimento para a crítica aos pontos que merecem reparo. É louvável que não deseje colocar aspectos pessoais em obra que não lhe pertence. Tudo estará bem, entretanto, quando devidamente esclarecido. Então, hão de pensar os suspicazes que

¹ À página 272 da mesma obra, Ramatis explica: “‘*Crístico*’ é um termo sideral, sinônimo de Amor Universal, sem quaisquer peias religiosas, doutrinárias, sociais, convencionais ou racistas! É o Amor Divino e ilimitado de Deus (sic), que transborda incessantemente através dos homens independente de quaisquer interesses e convicções pessoais! ‘*Cristão*’, no entanto, é vocábulo consagrado na superfície do orbe e que define particularmente o homem seguidor de Jesus de Nazaré, isto é, adepto exclusivo do Cristianismo!”

Ramatis possa ser um dos elementos do *Grupo das Perguntas*. Pois não estarão muito longe da verdade, porque é dever da equipe entrar em contato com os autores cujos textos se expõem, para que se obtenha o *nada-a-opor* quanto às transcrições, principalmente se se declara algo que deprecia o pensamento ou o sentimento registrado. Também temos o cuidado de saber de antemão se o escritor se situa em faixa de vibração em que não será alcançado pelas produções menos felizes das ondas próprias das mentes invejosas, orgulhosas, malfeitoras e prepotentes. Não haverão de ser muito argutos os amigos para o entendimento de que, mais do que amparo mútuo entre os textos, existe consideração e respeito entre os espíritos, no intento de dar relevo aos ensinamentos que transmitem mediunicamente, visando ao aprimoramento espiritual de quem dita, de quem recebe e de quem lê.

133. Pergunta obrigatória, à vista da afirmação de consulta aos autores citados, não será preciso esclarecer se Kardec também se manifestou favorável às transformações sugeridas para a sua obra?

R. O nosso amigo e patrono tem estado frequentemente conosco, a incentivar-nos para o trabalho, determinando ele mesmo que muitas respostas se deem em consonância com o pensamento possível de transmitir-se atualmente aos encarnados. Esta mesma questão foi fortemente impregnada de alegria e satisfação, para que fiquemos certos de que não foram esquecidos e muito menos abandonados pelo Codificador. Evidentemente, temos de dizer que não estamos, nem de longe, qualificados para obra de tanto mérito, não fora pela decisiva colaboração dos mestres e de outros tantos espíritos enviados pelo Professor Rivail, para as elucidações em que se toldam as nossas intuições ou falham os conhecimentos. Antes que o médium nos interrogue a respeito, vamos colocar os fatos às claras, para que se não suspeite de fraude ou de mistificação. Falando em termos bem genéricos, não é verdade que os seres, quanto mais elevados, são mais generosos, mais humildes, mais afáveis, mais

compreensíveis, mais caridosos, mais amorosos e mais perfeitos? Sendo assim, o que há para ser admirado na afirmação de que Kardec se apresenta para o dimensionamento de obra que visa a preencher algumas pequeníssimas lacunas doutrinárias, conforme o desenvolvimento histórico da humanidade? Você, meu bom leitor, não faria o mesmo, não daria o seu contributo para prosseguir labor evangélico da categoria da codificação, a qual nos trouxe as luzes da filosofia espírita e o respeito à religião de Jesus, justamente dentro dos ensinamentos sublimes do perdão e do amor quintessenciados? Se os homens se conduzem à feição de cegos através do consumismo materialista do século, não é absolutamente lógico que se aproveitem todas as oportunidades de relacionamento mediúnico para a renovação das promessas contidas nas explicitações das leis, conforme o que se concretizou em *O Livro dos Espíritos*? Para quem inculcar no cérebro a ideia de que o simples mencionar do nome do Codificador deveria cercar-se de todos os cuidados, para não induzir a erros interpretativos os leitores das perguntas e respostas, nem sempre enunciadas com total propriedade, clareza e elegância, temos a afirmar que nos pomos à disposição junto aos centros espíritas mais sérios, como gostava de categorizar Allan Kardec, para oferecermos, através de outros médiuns, a certeza de que estamos praticando o bem, segundo as instruções dos mentores da *Escolinha de Evangelização*. Por outro lado, pensando bem, não seria completa falta de tino do grupo, se não evocasse a presença do amigo, para a confirmação das diretrizes estabelecidas para as revelações que se estabeleceram por meio do procedimento medianímico? Talvez o hábito mais moderno que traz às mesas mediúnicas, de preferência, irmãos carentes de doutrina, esteja fomentando nas mentes dos espíritas a impossibilidade do contato com seres de melhor categoria evolutiva. Entretanto, não se podem desperdiçar a boa vontade, o tempo, a dedicação, a perseverança, as qualidades, em suma, dos mediadores disponíveis, particularmente quando oferecem recursos linguísticos de valor nos

campos da filosofia, da ontologia, da teologia, das ciências e demais ramos do conhecimento de interesse daqueles espíritos. O diabo é que muitos que estariam em condições de ajudar prejudicam o desempenho, pelo temor da exposição ao ridículo ou à crítica dos mandachuvas de plantão no movimento espírita. Graças a Deus, temos tido a felicidade de transmitir, até certo ponto precariamente, os textos que preparamos, como ainda podemos orientar o encarnado que nos serve para a busca correta das obras e dos trechos de que lançamos mão. Agora que Kardec está do lado de cá, admira-se o leitor de tê-lo a custodiar os trabalhos para os quais contribuiu com inteligência, com visão e com sacrifícios? Agradeça, antes, amigo, o favorecimento que todos estamos merecendo de receber as luzes de entidade tão avançada rumo aos campos do Senhor.

134. Para Gustave Geley, segundo a suma de Gilberto Campista Guarino em *Geley: Apóstolo da Ciência Cristã*, estudo publicado em julho de 1974 e reproduzido, à guisa de prólogo à edição de ***O Ser Subconsciente***, “*ectoplasma [...] é o próprio médium parcialmente exteriorizado. Mas [...] essa substância é indiferenciada: não é nem tecido nervoso, nem tecido muscular, nem tecido conjuntivo; não é nem mesmo um amálgama celular. É substância única, que obedece a comandos de organização e de desorganização do ser subconsciente, podendo tomar todas as formas de vida, trazendo em si mesma o movimento da própria vida.*” (*Op. cit.*, p. 27.) Tem-se a impressão de que pedaços de ectoplasma estiveram sob as lentes do microscópio do cientista. Por que não foi capaz de caracterizar a natureza da substância?

R. Da mesma forma que o incauto irá pressupor estar sendo ludibriado por nós à vista das declarações que respondem à indagação anterior, ou seja, o ectoplasma pertence a outra dimensão, de modo que deve ser examinado segundo os princípios que regem, energética ou magneticamente, os elementos de sua

natureza. Como é que poderíamos demonstrar, a não ser pelas palavras, que Kardec nos ajuda? Mesmo que disséssemos que devem ser colocados os conceitos exarados em lâminas da mais rigorosa lógica, para serem observadas sob a ótica dos microscópios mais poderosos da inteligência encarnada, ainda assim não teríamos a possibilidade de tornar aquela presença, nem nenhuma outra, cristalizada materialmente para a conferência das informações. Se o plasma espiritual se deixa tangenciar pelos cinco sentidos corpóreos, é porque lhe é imposta a força fluídica extraída do próprio médium, a qual é recolhida após certo tempo, para não oferecer perigo ao fornecedor. Do mesmo modo, realizando comparação bastante aproximada, não haverá como trazer o pensamento intocado dos espíritos de luz, porque seriam prejudicados os leitores, uma vez que não teriam condições de entendimento, por falharem as analogias e por se disporem os conhecimentos em faixa apenas intuitiva, o que cairia, junto à opinião pública não especializada, como roteiro de dementes para o fomento de alucinações. O melhor destas nossas mensagens é que podemos contar com a educação doutrinária dos que se atrevem a perlustrar as páginas, obra mais ou menos hermética e de projeção íntima para os que se favoreceram com os estudos esotéricos e se enfronharam nos mistérios das realizações mediúnicas. Não é à toa que o objetivo primordial destas dissertações é a conscientização da necessidade de expor os princípios da doutrina espírita, segundo a formação intelecto-científica do homem atual, para que se aperfeiçoem os textos no sentido de torná-los mais acessíveis ao pensamento vigente.

135. Interrompo o ditado, para formular, de permeio, uma questão de ordem, qual seja: não foi estabelecido que esta parte se estruturaria na forma de *pingue-pongue*, com perguntas e respostas sucintas? Como é que, de repente, os mensageiros se entusiasmam tanto e oferecem textos tão longos?

R. Poderíamos simplesmente anuir em que a observação do amigo está correta, contudo, vamos esclarecer que não era quanto à extensão que nos manifestávamos favoráveis, mas quanto à concentração do interesse, que desejávamos cada vez mais crescente, para envolvimento do leitor no prazer das revelações das mensagens.

136. Significa dizer que a questão acima descontraí, para propiciar o desafoço que irá preceder a novo embate de caráter filosófico?

R. Como assim a presente pergunta pretende conduzir à descoberta de que existe método a presidir a confecção da obra.

137. Não querendo questionar por simples curiosidade, tenho vindo até este posto de trabalho com alguns receios, especialmente no sentido de prejudicar as mensagens, tornando o conjunto menos proveitoso. Não mereceríamos, os humanos em geral, textos em que se assegurem os nossos direitos de errar, através da consolação superior das entidades de luz?

R. O médium está realizando pergunta sem nexos psicológico com a sua realidade espiritual. Evidentemente, dramatiza, para o despertar do interesse do leitor, uma vez que conhece muitos livros que perfazem o seu desejo, em belíssimas convocações ao trabalho, à fé, à esperança, à caridade, ao amor, à compreensão da necessidade do resgate por meio dos sofrimentos, à confiança em que Deus é pai misericordioso, de bondade infinita. Intimamente, hesita em perguntar se não deveriam espíritos do nível evolutivo de Allan Kardec vir dar a sua contribuição diretamente, elaborando comunicações próprias de superior entendimento da verdade. Não é isso mesmo?

138. Com certeza, contudo, quando o diálogo se estabelece no momento mediúico, sinto-me um pouco fora de foco, sabendo que os pensamentos fluirão de maneira coerente e sistemática, mas

sempre na expectativa de que possam falhar no estabelecimento do roteiro adrede preparado pelos companheiros do etéreo.

R. E as suas mais de duas mil sessões, realizadas sem percalços, ficarão esquecidas? Não é hora de conhecer o poder dos patronos, deixando-se quedar nas mãos deles, pois são lúcidos e criteriosos ao admitirem os grupos que vêm para os ditados?

139. Refiro-me de modo particular ao fato de que tenho de fornecer as perguntas. Se estiver recebendo contínuo influxo vibratório, como ocorreu desde as primeiras reuniões, não me atemorizo e me desincumbo do serviço satisfatoriamente, haja vista os resultados impressos. Posso confiar em que, na falta da apresentação de questões próprias, os que respondem também venham perguntar?

R. Estamos contentes com o rumo atual das questões. Certamente, introduzimos nos sentimentos do amigo encarnado a tendência à lamentação íntima por não confeccionar o questionário previamente. Isto se deve à necessidade de desenvolvermos o tópico das improvisações mediúnicas, de modo a oferecer ao leitor a ideia de que os médiuns operam também sob o império das ordens subjetivas de caráter emocional. Sendo assim, caso se veja, de repente, transcrevendo texto de entidade do timbre moral e intelectual de Kardec, não vá titubear e se deixar envolver por excessos de zelo, acrescentando mais uma dificuldade ao trabalhador do etéreo.

140. Não daria para estender um pouco mais as explicações concernentes à influência de caráter emocional, tendo em vista que os textos inteiramente *instrutivos*, por assim dizer, ou seja, aqueles que visam ao desenvolvimento frio e cabal dos pensamentos sob fluxos lógicos, deixam o médium absolutamente tranquilo?

R. Não nos furtaremos a responder ao que nos pede o amigo, entretanto, é preciso volver o pensamento para as mensagens em que os que se comunicam é que estão sob o impacto das emoções.

Neste caso, as palavras que se transmitem chegam plenas de conotações sentimentais, mas o apanhado delas se dá sob o prisma do serviço a ser prestado e não da cooperação para o desafogo do sofredor. No caso da indagação, a perturbação é do encarnado, sob as impressões fortes das vibrações poderosíssimas que requerem desempenho vernáculo de qualidade literária, aumentando a responsabilidade, às vezes, para a esfera da co-autoria. Fique claro que, em qualquer circunstância, o ritmo fraseológico, a composição dos parágrafos e o inteiro teor do texto não hão de receber o auxílio de quem está imerso na tarefa, realizando-a quase inconscientemente, dado que não tem como saber quais serão os próximos passos na caminhada que se delinea como eficaz para a concretização dos anseios das equipes de magnetização e de transmissão. Quanto maior a velocidade que imprimimos ao ditado, menor a vacilação, como ainda a possibilidade de interferências indébitas. Talvez, neste aspecto, o texto acabe por perder em qualidade, porque o encarnado não tem tempo para propor mudanças lexicais ou de construções sintáticas mais adequadas para a tradução do pensamento. Esta mesma resposta vai sendo despejada *a cem por hora*. Se o mediador não na corrigir *a posteriori* (encarecemos que a deixe como está), o leitor poderá ter a exemplificação palpável do discurso que trouxemos rascunhado e para cuja manifestação estamos empenhados em dá-lo em inteiro teor. Se o médium estiver percebendo o alcance das explicações, em função de propiciar ao leitor pontos sobre que refletir, poderá transgredir os limites do equilíbrio que se mantém estável e tornar a nossa hora mais difícil. No entanto, sempre haveremos de ter-lhe controle sobre o cérebro, providenciando a atenuação dos tremores, para possibilitar que a sessão transcorra conforme programada.

141. Não deveria constar da exposição acima que este médium está acalmando-se, ante os desenvolvimentos do dia?

R. Bem lembrado.

142. Quando Kardec ofereceu ao público as suas *Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas*, em 1858, pensava que estava dando a última palavra a respeito das atividades mediúnicas? Já em 1861, logo em janeiro, saiu *O Livro dos Médiuns*, refundindo o anterior, mediando, portanto, lapso de tempo bastante curto. O segundo tomo não recebeu mais nenhuma reformulação. Significa que, para Kardec, tudo nele se encontrava concernente a ser o *Guia dos Médiuns e dos Evocadores*? Pergunto porque suspeito de que a presente obra está mais para as *Instruções* do que para o *Guia*.

R. Se o amigo está pensando...

143. Vocês não sabem o que estou pensando?

R. Claro que sabemos. Certamente, a construção de nossa frase tem de provocar alguma reação no leitor, neste caso, você...

144. ... e também os que tomarem contato posterior com o texto, naturalmente...

R. Pois bem, sabendo que pensa o companheiro...

145. Melhorou!

R. Por favor, não nos interrompa a linha dos pensamentos!

146. Por quê? Será que a tentativa de amenizar a rigidez da seriedade irá fazer descambar a opinião dos leitores em relação à qualidade dos conceitos emitidos *de fio a pavio*?

R. Sabendo que pensa o companheiro que a sua participação é claudicante, porque não reconhece nas perguntas o mérito das questões formuladas pelo Codificador...

147. ... nem mesmo no que concerne às questões das obras elaboradas neste mesmo formato e anteriormente citadas...

R. ... transformou a sua contribuição, que deveria fundamentar-se nos tópicos doutrinários não discutidos por Kardec, em mera apresentação das convicções pessoais de sua inferioridade, para o efeito do comentário oportuno sobre os percalços emotivos para os trabalhadores do etéreo. Muito obrigado. Acresce a isto o fato de que conseguiu o objetivo de impor-nos o sistema dos debates instantâneos. Parabéns!

148. Posso manifestar a minha alegria sincera por haver obtido o elogio acima sem sombra de ironia, uma vez que a participação do médium foi inteiramente passiva?

R. Agrada-nos a provocação, porque nos proporciona a oportunidade de levar ao conhecimento do leitor que, embora se possa ter a impressão de que houve real interceptação do fluxo vibratório, foi exatamente essa a mensagem que tínhamos em mira expedir. Eis como Kardec, em *O Livro dos Médiuns*, se manifestou a respeito das comunicações instrutivas: *“Ao atribuir a essas comunicações a qualificação de instrutivas, nós as pressupomos verdadeiras, pois uma coisa que não fosse verdadeira não poderia ser instrutiva, ainda que ditada na linguagem mais magnificente. Nós não poderíamos, portanto, alinhar nesta categoria certos ensinamentos que têm de sério apenas a forma, amiúde empolada e enfática, com a ajuda da qual os Espíritos que as ditam, mais presunçosos que sábios, esperam iludir; mas não sendo capazes esses Espíritos de suprir o fundo que lhes falta, não poderiam por muito tempo sustentar seu papel; eles logo traem seu lado fraco, por pouco que suas comunicações tenham sequência ou que se saiba encurralá-los em suas últimas trincheiras.”*

149. Afinal de contas, vocês vão ou não responder à pergunta de número cento e quarenta e dois?

R. Precisa? Por tudo quanto hemos dito até agora, deixamos claro que o nosso *guia* não haverá de passar de algumas *instruções*

provisórias, porque deixamos nas mãos dos encarnados a tarefa maior de efetuar as perguntas pertinentes para se provocarem mudanças definitivas no roteiro doutrinário espírita, com as contenções exaustivamente discutidas.

150. No período em que Kardec presidiu a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, conforme se registrou muitas vezes nas atas publicadas pela *Revista Espírita*, houve quem abandonasse a casa, por razões que não se esclareceram. Decorridos tantos anos, haverá a possibilidade de se evocarem alguns desses associados, para saber deles qual repercussão existiu para seu desenvolvimento espiritual, a partir do momento em que saíram do centro intelectual gerador da codificação?

R. Evocar sempre se pode, mas não será preferível induzir quais seriam as respostas, através dos ensinamentos descritos na literatura mediúnica?

151. Trariam eles palavras de difícil compreensão?

R. Evidentemente, após a realização dos estudos que sugerimos, será possível conversar com os orientadores do médium e da casa espírita, para confirmação ou não das conclusões.

152. Viriam os evocados com explicações em francês, de modo que se dificultaria a comunicação?

R. Os protetores, com certeza, filtrariam as mensagens, segundo grau vibratório compatível com a sensibilidade dos médiuns, a fim de que possam traduzir-lhes os pensamentos em linguagem corrente, no idioma a que estão habituados.

153. Seria muito difícil obstar aos obsessores que se fizessem passar pelos evocados?

R. Após as preces rogativas da ajuda dos benfeitores, o ambiente estaria varrido dos entraves que poderiam provocar os espíritos

interessados em perturbar os trabalhos levados a sério pelos encarnados.

154. Por que estou a perguntar a respeito do tema que levantei e vocês vêm respondendo de forma paralela, apenas induzindo que a sua primeira resposta devesse ser concludente?

R. Estamos evidenciando o sistema muito comum, entre os que consultam o etéreo, de exigir que os espíritos respondam direta e incisivamente às questões, sem a necessária ponderação a respeito de muitas variantes explicativas que poderiam representar vertentes mais proveitosas das intuições quanto ao trabalho doutrinário. Que poderiam ensinar aos mortais os que se viram em palpos de aranha com a consciência, porque não foram suficientemente espertos ou inteligentes para a percepção da importância do momento histórico em que viveram? Não seria o mesmo que perder a oportunidade de verificar se as tarefas a que se dedicam os que vivem hoje são as mais apropriadas para o desenvolvimento das excelências de virtudes, pelo roteiro evangélico de Jesus? Que poderiam informar que não seria possível lucubrar pela imaginação guiada pela crítica aos defeitos do comportamento mais interessado em lucros imediatos do que em favorecer a apreciação dos tópicos mais úteis quanto à aplicação na vida de além-túmulo? Estamos induzindo estas questões para demonstrar que foi oportuno transformar o serviço mediúnico em ajuda aos sofredores do etéreo, passando os dirigentes das sessões de evocadores a doutrinadores, em primeiro lugar, porque os espíritos elevados, no campo da moralidade, tinham transferido muitos dos pontos de sua experiência pessoal e de suas observações da alma alheia, para as obras da codificação. Em segundo lugar, as agruras dos que erraram e que suplicam por esclarecimentos e por preces trazem lições de caráter mais comezinho, justamente aquelas com que se deparam as pessoas no dia a dia. Em terceiro lugar, o conforto que se proporciona aos carentes evidencia que, para nós mesmos e para os nossos entes

queridos, sempre haverá quem solete a palavra amor com as letras da caridade. Em quarto lugar, a disseminação dos centros espíritas ganha em interesse, porque não haveria como publicar todas as informações de caráter genérico doutrinário, que seriam os elementos com que iriam de haver-se quantos apenas evocassem os espíritos de melhor constituição evangélica. Em quinto lugar, os homens de letras não se assoberbam com a amplitude dos textos e são capazes de realizar a crítica de maneira mais judiciosa, a permitir que se canalizem para o mundo dos relacionamentos tão só as mensagens de melhor categoria, dentro dos princípios que norteiam os textos doutrinários de vanguarda. Em sexto lugar, tranquilizam-se os trabalhadores comuns, incentivados pelos estudos mais adequados à sua capacidade de entendimento, uma vez que, se lhes fosse solicitado que recebessem o influxo de vibrações intelectualizadas fora do seu alcance, teriam ensejo de volver o olhar para as casas irmãs do candomblé, por exemplo, onde se sentiriam mais à vontade, porque prazerosas as atividades que lhes seriam atribuídas. Em sétimo lugar, a congregação pode reunir-se conforme nível substancialmente menos credenciado do que aquele exigido pelo Codificador, motivo, talvez, por que alguns tenham desistido de contribuir para a efetivação dos desígnios primaciais da primeira sociedade espírita. Em oitavo lugar, o homem moderno se encontra consigo mesmo de modo bastante diferenciado, em relação a como se viam a si mesmos os do tempo de Kardec, ou seja, eram pessoas mais cômicas de sua participação social. Hoje em dia, dilui-se a função profissional em termos de efetivação do trabalho em proveito da coletividade, gerando íntimo desconforto quando o indivíduo não consegue enriquecer o mínimo que seja para a aquisição dos bens que vão servir como suportes de sua psique materialista.

155. Tenho como preciosas as teses acima desenvolvidas. Não consigo, entretanto, avaliar a conexão existente entre *evocar* e

doutrinar relativamente ao tópico assinalado por último. O que tem de ver o fato de o trabalhador mediúnico ser mais ou menos interessado em relação à contribuição à sociedade em que vive e as tarefas de doutrinação dos espíritos em sofrimento?

R. Os que trabalharam com Kardec visavam a estabelecer os parâmetros, os limites, as diretrizes, os estatutos doutrinários, aceitando todas as comunicações, sem distingui-las ou classificá-las, porque sabiam que o presidente encarregado da Sociedade iria consultar os orientadores, para configurar a importância de cada relato ou argumento. Hoje, as pessoas não têm a mesma segurança e devem registrar os eventos a que dão sequência na categoria dos menos universais, limitando-se a receber, muitas vezes, as considerações a respeito dos pontos essenciais da moralidade ou da ciência, como produzidas para seu próprio benefício, à vista de algum titubeio ou reação menos feliz perante os acontecimentos da vida diária. São trabalhadores, na mais pura expressão do termo, ou seja, são os que produzem, buscando o melhor nível possível de aceitação dos dispositivos espirituais que lhes chegam filtrados pela prudência e pelo discernimento dos mentores da casa onde desempenham a mediunidade.

156. Mas sempre será plausível esperar que parentes próximos recentemente desaparecidos, em especial quando vítimas de tragédias, venham comunicar-se com os que sofreram a desdita de perdê-los, muitas vezes sem qualquer informação do que seja o Espiritismo ou de quais são os conhecimentos que se tem do etéreo, segundo os roteiros dos mensageiros do Senhor?

R. É preciso resguardarem-se os responsáveis para a eventualidade do silêncio, pelas razões mais variadas. Evocar, dentro dos princípios contidos em *O Livro dos Médiuns*, só em casos muito específicos, quer no que respeita à formação dos componentes da mesa evangélica, quer na apreciação do interesse dos consulentes. Médiuns existem predispostos ao risco de falhar, não se intimidando

com o fato de serem, uma que outra vez, iludidos por espíritos que perpassam pela guarda dos protetores por causa da invigilância dos encarnados. Outros, temendo o erro, porque sabem que não existe nenhuma obrigatoriedade de comparecimento dos espíritos evocados, nem se atrevem a se submeter ao teste da verossimilhança ou da exatidão das informações que permeiam. A maioria resguarda-se junto a pequenas congregações, admitindo a possibilidade de virem a extravasar os anseios dos sofredores de acordo com a identidade fornecida, mas não acolhem outra evocação a não ser a que ocorre dentro dos corações amargurados dos eventuais assistentes admitidos às sessões. Raríssimos são os que recebem mecanicamente as mensagens assinadas, de forma a resultar o trabalho em algo absolutamente confiável, embora muitíssimo misterioso para quem não esteja propenso a acreditar no fenômeno, preferindo as explicações oferecidas pelos cétricos da parapsicologia teológica do catolicismo materialista, tão distantes de sua compreensão quanto a severidade impressa no relacionamento mediúnico deste teor. Será verdadeiramente plausível consultar de maneira direta o plano espiritual, tendo em vista os problemas acima levantados, no entanto, é preciso reconhecer que dificuldades existem para a consecução integral do serviço de atendimento, o que deve ser prevenido através do contato entre os iniciados e os leigos, quando se darão, pelo menos, as noções elementares do que seja o mundo dos espíritos e o estado em que se podem encontrar os que se transferiram para o etéreo de maneira brusca e inesperada. Começa aí o serviço baseado nas virtudes da fé, da esperança e da caridade.

157. Se lhes pedisse para trazerem algum conhecido meu dentro dos muitos que estão do seu lado, o que vocês me responderiam?

R. Diríamos que este momento não é o mais adequado para tais solicitações e o encaminharíamos a um centro espírita dentre os existentes na cidade, para que, através de outro médium, se desse a

manifestação solicitada, dentro das normas que norteiam o fenômeno. Nem sempre o próprio interessado acerta com as intuições que lhe são fornecidas, quando se trata de tema que o possa afetar emocionalmente.

158. A assertiva acima poderá levar o leitor a concluir que as visões, sonhos e mensagens escritas, quando emitidas por entidades familiares, ocorrem por influência de algum dirigente das vibrações espirituais, para que não incidam diretamente sobre o centro nervoso sujeito às perturbações sentimentais?

R. A pergunta deveria sofrer certa reformulação para tornar-se clara. Entendemos que se refere, de modo geral, às pessoas que não sabem que são médiuns, mas agem em sintonia com o plano espiritual, tanto que operam os fenômenos diretamente. Quanto aos sonhos, evidentemente, não se pode generalizar que tenha havido a interferência de protetor, mesmo porque, quase sempre, são eles que se apresentam para aconselhar, para advertir, para informar sobre o seu próprio estado, para oferecer apoio e sustentação quanto às atividades beneméritas em andamento. Não é verdade que muitas lembranças de sonhos são extremamente desagradáveis? Significa que os mentores estão avisando que alguém vai sofrer acidente, vai morrer, vai perder as propriedades, vai deparar-se com algo trágico? Neste caso, é mais fácil julgar que as visões tenham sido provocadas por espíritos interessados em perturbar a pessoa, tanto que os acontecimentos surgem embaralhados, em conteúdos fantásticos, apesar de haver nitidez no que respeita ao drama em si.

159. Existem sonhos produzidos pela mente encarnada, sem participação do etéreo?

R. Perfeitamente. Os problemas que ocorrem e cujas soluções permanecem pendentes geram preocupações que resultam em figurações animadas, em função dos temores, receios, hesitações,

dificuldades de relacionamento, ausência de informações etc. Muitas vezes, sem adentrar no campo específico das representações oníricas, os protetores podem sugerir caminhos seguros para os pupilos trilharem, de forma que, sem que haja recordação do que ocorreu na região do cérebro em que se dão os sonhos, ao acordar, as pessoas vêm com intuições de como resolver os problemas, quando não estão com as respostas prontas. Este efeito, porém, podem as mentes alcançar por si mesmas.

160. Nos casos acima, temos mediunidade ou, simplesmente, se caracteriza certa penetração no inconsciente, de forma a facultar que o próprio encarnado desenvolva os raciocínios favoráveis ao encontro das soluções?

R. Boa pergunta! Temos agora como desenvolver o roteiro adrede preparado para a explicação a respeito do que entendemos por mediunidade. Não buscando ser originais nem desejando exaurir o tema, produzimos o conceito de que ser médium exige do mortal que se predisponha ao serviço de mediação das vibrações. Não é preciso que domine as técnicas através dos estudos das obras nem pelo treinamento junto às pessoas experientes. Também não é necessário que aceite a faculdade e dela extraia ensinamentos. Quando há efeitos físicos de repercussão social, como o arremesso de objetos ou a combustão espontânea, não se trata propriamente de mediunidade. As pessoas que fornecem os fluidos de que se servem os espíritos não mantêm controle sobre a liberação deles, nem mesmo tomam tento de que são os veículos para a implementação dos fenômenos. Se essas mesmas pessoas, à noite, no escuro do quarto, desenham com lápis sobre papel, sem nunca terem aprendido a arte, mas produzindo quadros não desprezíveis, com traços fortes e símbolos significativos, podem ser chamadas de médiuns, porque tomaram a iniciativa de realizar algo através de soberana vontade. Se não for assim conceituada, a mediunidade

passa a ser atributo universal, uma vez que todos sonham, ou seja, recebem informações do plano espiritual em estado sonambúlico.

161. Deixem-me ver se entendi: quando as pessoas exercem domínio sobre si mesmas através do livre-arbítrio, permitindo que entidades incorpóreas se manifestem através de seus organismos mental e perispiritual, são médiuns. Se o exercício em que se estabelece contato com os espíritos se dá sem consciência, não podemos definir o fenômeno como mediúnico. É bem assim?

R. A palavra *consciência* merece reparos. Sabemos que existem médiuns inconscientes, ou seja, não sabem exatamente o que estão fazendo, como nos casos da escrita e da pintura mecânicas, mas desejam postar-se junto às mesas de trabalho para darem passividade ao intercâmbio entre os planos. Quer dizer que são conscientes no que tange ao trabalho que vão desempenhar, mas não atinam com o que estão realizando.

162. Kardec fez uma série de perguntas nesse mesmo sentido. O que há de novidade nas exposições acima?

R. A bem dizer, nenhuma. Contudo, insistimos nesta linha de esclarecimentos para oferecer aos leitores a oportunidade de testarem os conhecimentos em área importantíssima do Espiritismo, área que não haverá de sofrer alterações de monta nos próximos séculos, enquanto a humanidade não desenvolver a espiritualidade para além dos interesses mundanos e materialistas. Entretanto, se a distinção entre mediunidade e espontaneidade fenomênica não apresenta interesse para os amigos estudiosos, talvez para os que estão chegando se proponha como ponto de atenção, já que podem sentir a possibilidade de analisarem com maior precisão as ocorrências estranhas que transtornam ou aguçam a sua perspicácia interpretativa. Pelo menos, vão buscar caracterizar os sonhos como atos psíquicos produzidos pela mente em liberdade ou como resultados de peripécias espirituais no plano etéreo.

163. Daria para exemplificar as tais *ocorrências estranhas*, com o fito de favorecer a apreciação dos fenômenos?

R. Sem dúvida. Há fatos que instigam a curiosidade transcendental dos encarnados mas esgotar a lista será impossível. Descreveremos alguns. Quando a pessoa está só no quarto e vê aproximar-se um vulto, assusta-se e bloqueia a manifestação espiritual. Muitas vezes, apontam-se acontecimentos futuros, o que se dá muito frequentemente com as pessoas que jogam na loteria ou com as que se recusam a embarcar. Ao passar perto de certas casas, há quem receba influxos vibratórios cuja intensidade categorizam como pernicioso para o equilíbrio mental ou orgânico. Certos lugares vistos pela primeira vez trazem a sensação de terem sido visitados, como se se despertassem reminiscências de outras encarnações. Em situações de grave dificuldade orgânica, muitas pessoas se veem desprendidas do corpo, pairando no espaço, a observar as atividades dos que estão a socorrê-las. Há aversões instantâneas e simpatias imediatas, sugerindo que houve anteriores encontros entre os espíritos, no etéreo, ou como mortais, em encarnações passadas. Muitas vezes, quem está necessitado de informações as recebe de pessoas ou de leituras totalmente circunstanciais, sem intenção de consulta.

164. Mais do que vultos, muitos se deparam com a imagem tridimensional de pessoas, algumas vezes desejosas de conversar, outras com a intenção de se fazerem lembradas. Como proceder para espantar o medo e não a fantasmagoria?

R. Problema de fácil resolução, se o vidente se resolver a estudar a doutrina, a fim de compreender que as aparições são naturais, segundo a formação fluídica das dimensões existenciais. As pessoas o que mais temem é o desconhecido, porque não sabem como reagir, ficando instáveis emocionalmente. Dominando a ciência espírita, afastam o medo e se dispõem com equilíbrio a conversar ou

a orar pelas entidades que lhes aparecem. Por outro lado, tais pessoas estão dotadas de mediunidade, precisando desenvolvê-la para tornarem-se úteis, junto às mesas evangélicas de doutrinação.

165. Quanto às intuições a que não se dá atenção mas que acabam realizando-se, como saber quais as que se constituem em avisos e quais as que são meras fantasias?

R. Dissemos que pessoas existem que acertam o resultado da loteria e outras que se livram de desastres por se recusarem a embarcar. É mais do que deixar passar a oportunidade da antevisão dos acontecimentos. Entretanto, o acaso pode imiscuir-se nos fatos, a ponto de favorecer o hábito da adivinhação (sem bons resultados) aos que acertaram uma única vez. Não há como saber por si mesmo qual a previsão verdadeira, qual a falsa. Quando se consultam os guias nos centros espíritas, dois procedimentos podem ser seguidos por eles: ou facultam que um espírito errante dê uma resposta inadequada, para reprimenda ao consulente, se a merecer pela presunção de ser apaniguado por deferência especial; ou explicam que o costume de tudo querer saber de antemão haverá de resultar em procedimento inseguro, sempre que não houver referente de caráter espiritual. Assim sendo, aconselhamos que se jogue na loteria, seguindo a intuição, o que se constitui, conforme as circunstâncias, em certeza psicológica. Neste caso, resguarde-se quem faz a aposta para futuras complicações com a consciência, porque *jogou* fora a oportunidade de auxiliar a quem precisa. Por outro lado, a mesma consciência irá revoltar-se, se o sujeito acertar, porque se verá na situação de quem lucrou com o risco da perda do mínimo, devendo restituir à sociedade o que dela retirou. Claro está que, caso o indivíduo, para jogar, extraia dos recursos parte que fará falta à família ou ao pagamento das dívidas, aí se complicará ainda mais. Quanto a fugir dos desastres, a questão se põe diferentemente, porque não há mérito em se safar da tragédia, se não se concluir que fez jus à ajuda dos protetores e se não se

propuser a melhorar o procedimento na área do auxílio e do amor aos semelhantes. Quer dizer que os que pereceram nos desastres não fizeram por merecer o aviso oportuno? De modo algum. Além de serem recebidos no etéreo com honras de benemerência, caso tenham cumprido com os deveres do carma, irão obter todos os esclarecimentos relativos à necessidade do sofrimento deles e dos familiares que os perderam. Quem pensar diferentemente estará pondo em dúvida a magnanimidade da justiça divina. E se não perfizeram todo o roteiro da encarnação? Nada a declarar em contrário ao que acontece com todos os que *embarcam* na bela aventura da vida terrena e que se veem nas mesmas condições de inferioridade.

166. Cidade que se preza possui, pelo menos, uma casa mal-assombrada. É de interesse do Espiritismo realizar pesquisas que justifiquem esclarecimentos à comunidade, em favor dos possíveis espíritos ali alojados?

R. Não há proveito para a doutrina nem para as casas espíritas em promover o anúncio da prestação desse serviço. Os espiritistas convictos reconhecem a falência do exorcismo, principalmente se ocorre como verdadeiro espetáculo público. Muitas vezes, é preferível rogar aos guias esclarecimentos específicos, se os eventos se tornam muito divulgados, a atemorizar os ingênuos, possibilitando aos maldosos que exerçam pressão sobre a opinião pública contra os adeptos do Espiritismo. Com certeza, a resposta mais evidente irá situar-se na zona das recomendações de prudência e discrição, podendo ser que sugiram a evocação das entidades residentes na casa, quando se avaliarão os recursos disponíveis em confronto com a necessidade dos infelizes. Em outro patamar de decisões, durante as palestras públicas, os conferencistas deverão tocar no problema para discorrerem a respeito dos ensinamentos contidos nas obras de Kardec, pondo freios à fantasia do povo reunido na casa levado pelo interesse de conhecer os cânones

doutrinários. Ir à televisão para debates com pessoas de outras religiões, seitas ou cultos, inclusive com materialistas e parapsicólogos, não se recomenda, porque o tempo sempre será o maior empecilho para a exposição cabal de todos os fatos espíritas com possibilidade de conterem a verdadeira razão da assombração. Os que se julgarem habilitados para responder com propriedade às questões formuladas por jornais ou revistas, deverão fazê-lo, desde que se comprometam os editores a se manterem integrais as explicações.

167. São reais as lembranças de locais por onde nunca se transitou na presente encarnação ou tudo não passa de mera construção mental, ou seja, por alguma disfunção, o cérebro remete diretamente as impressões do momento para as regiões destinadas à memória?

R. Sempre, a primeira suspeita a respeito de qualquer fato de caráter inusitado deve recair sobre a possibilidade de serem perfeitamente naturais. Exauridas todas as indagações materiais, somente aí é que se deve imaginar qual seria a causa espiritual. Pois bem, a hipótese da perturbação mental é válida, mas, na qualidade de universal e definitiva, redundaria em impedir que se suspeite de que houve vazamento para a memória atual de informações resguardadas no perispírito. O que se deve observar, no caso, é a frequência com que a pessoa se depara com regiões que lhe pareçam familiares. Se, a todo momento, se põem perante paisagens reconhecidas, é justo suspeitar-se da aludida disfunção. Para tais indivíduos, recomenda-se acompanhamento psicanalítico ou psiquiátrico, porque é possível que outras regiões do cérebro venham a ser afetadas, mais cedo ou mais tarde. Se não se impressionarem com os fenômenos, não se deixarem influenciar por eles e não prejudicarem o proceder normal, não haverá motivo para darem maior importância a fatos meramente subjetivos. Por outro lado, a descrição prévia das paisagens, comprovada e documentada,

será útil para a formulação de hipóteses de como se realizam os eventos espirituais do gênero, o que se transformará em conhecimento a ser aplicado nas aulas aos novatos, como motivação para o estudo, e quando a pessoa estiver estudando nas escolas do etéreo. Faltou dizer que as informações desse naipe podem ser verdadeiras? Pois podem, sim, evidentemente, e não só pela fusão das reminiscências antigas com as atuais, mas também por implantação delas no cérebro por parte dos espíritos, com a mais variegada gama de objetivos.

168. Obras inteiras, programas de televisão e reportagens de jornais e revistas estão sendo dedicadas ao tema da ausência temporária do espírito do corpo. Quando voltam, as pessoas contam casos que se aproximam bastante das experiências em comum. Como proceder em torno das informações que trazem, quer do plano espiritual, quer dos fatos que presenciaram no campo material?

R. Com a maior naturalidade e respeito. Quando os que *ressuscitam* do estado de coma trazem notícias de que estiveram em contato com entidades do etéreo, deve dar-se crédito a eles, apanhar os relatos mais minuciosos, cotejar com as experiências de outros enfermos e extrair lições bastante próximas da realidade que todos terão de enfrentar quando se transladarem para cá. Se os leitores dessas obras se portarem com serenidade, adaptando as mensagens ao seu modo de ver a existência, conluiando com as consciências para que os levem a aceitar, pelo menos, a possibilidade de passarem pelos mesmos caminhos, receberão do cérebro perispirítico, no momento oportuno, a clareza do raciocínio sem a perturbação traumática provocada pelo momento emocional. Isto no que respeita aos conhecimentos que obtiveram dos instantes em que se viram no plano espiritual. No que respeita ao relato dos fatos ao redor do corpo inerte, constitui-se em fator de mera curiosidade que pode ser transposta para o discurso doutrinário, com as ponderações de praxe quanto a evitarem-se as celeumas

com os descrentes, uma vez que se deve dar ao narrador total consideração, porque incidem aqueles em falta de caridade ao duvidarem de que tenha este a firme convicção do fenômeno espírita. Mais tarde, todos os homens convergirão para a verdade.

169. É justo estabelecer como princípio o reconhecimento das pessoas como amigas ou inimigas desde outros tempos? Não se poderá correr o risco dos preconceitos, quando as informações são subjetivas, apanhadas diretamente pelo inconsciente através do depósito de dados da memória e que se deixam imiscuir de sentimentos prazerosos ou dolorosos?

R. A pergunta contém a parte mais importante da resposta que daremos. É verdade que os méritos da simpatia ou a rispidez da aversão residem na estrutura da memória atual. Sendo assim, o risco dos preconceitos é muito grande, principalmente quando a pessoa tende a rejeitar a cor da pele, a etnia, o sentimento religioso, as preferências clubistas, políticas, bairristas e assim por diante. Estamos dizendo que a mente humana é seletiva e determina, quase sempre, o de que se agrada ou o de que não gosta. E se a verdade se encontra em real reconhecimento de antigos desafetos ou entes muito queridos? Então, o princípio do procedimento há de ser o mesmo que se recomenda para todos os efeitos psíquicos de mesma espécie e extensão, ou seja, que se premunam os que se acostumaram a ver desde logo amigos ou inimigos nos recentes relacionamentos, para darem a mesma afeição a todos, envidando esforços para aceitarem as idiossincrasias como comportamentos que devem ser fortalecidos, caso saudáveis, ou eliminados, se prejudiciais. Um dia, todos saberão quem foram anteriormente uns para os outros, conforme a lei universal de progresso.

170. Quando encontramos soluções inesperadas para problemas pendentes, estamos sob o amparo dos protetores?

R. Quanto mais desenvolvida a mediunidade, maior facilidade encontram as pessoas em achar *por acaso* as respostas que procuram. Apenas para tornar a explicação mais instigante, podemos lembrar que o nosso *instrumento medianímico* (vamos chamar o médium assim, em função do esclarecimento) está constantemente deparando-se com a necessidade de achar os textos que lhe pedimos intuitivamente para registro. Quanto mais interesse têm os do etéreo em ver o bom rendimento dos pupilos, mais intensamente lhes propiciam o inesperado, o insólito, o inusitado, o inopinado, o imprevisto, qualquer nome que se queira atribuir à intuição fidedignamente interpretada. Que acharia o amigo leitor de escrever mensagens como estas? Pois comece logo, mesmo que não se julgue competente ou habilitado, pois poderá surpreender-se com as comunicações a que der vida.

171. No correr das perguntas, verifiquei que não houve total preocupação em dar conta daquelas que Kardec houve por bem formular. No entanto, não me foi fornecida nenhuma pista referente a que o nome do livro se altere. Estarei certo em mantê-lo, caso se publique a obra resultante destes ditados?

R. Não há motivo para se voltar atrás, mesmo porque estamos à vontade para afirmar, nesta altura, que muitas intuições poderiam ter sido sugeridas, mas mantivemo-nos coerentes, de sorte que o geral do texto resultante não desdiz das pretensões iniciais nem da programação aprovada pelos mentores da classe.

172. Sei que muitíssimos temas hão de ficar de fora, mas não vejo proveito em prosseguir nesta linha de trabalho, porque a filosofia impregnada declarou-se por completo e as instruções começam a ser repetidas. Falta muito para concluir?

R. Estamos no fim, contudo, é preciso enfatizar que os conceitos emitidos devem ser analisados em função dos pontos doutrinários mais importantes. Caso tenha ficado obscuro algum tópico,

reforçamos agora o conselho de que nenhum desenvolvimento nosso deva coroar o processo de aprendizado dos leitores. Não é outra a razão do incentivo que demos no sentido de mais pessoas buscarem a psicografia e a reformulação dos conceitos pelos ganhos científicos desde Kardec. Nossos apontamentos serão minúscula gota no oceano dos conhecimentos espíritas.

173. Devo agradecer a deferência de me ilustrarem e aos encarnados ou seria atrevimento e ousadia estabelecer que o trabalho tenha sido de superior qualidade?

R. Não seremos nós quem irá julgar dos méritos e deméritos do que foi realizado. O que podemos contar é que é com imensa alegria que estamos encerrando o período de nossa participação junto ao médium. Por nossa vez, registramos que estamos penhorados junto aos espíritos que nos assistiram, aos colegas de outros grupos e ao trabalhador encarnado. Em secreto, convidamos a todos que elevem em preces os pensamentos e sentimentos a Deus, para que possamos receber as graças de sua bênção de amor.

174. Poderia, antes de terminar, sugerir aos leitores que encaminhem suas questões à editora, para complemento das informações, através de correspondência individual, a partir das respostas que o grupo se dispuser a oferecer?

R. Perfeitamente. Se estivermos livres, volveremos para junto deste posto para responder ao que nos for solicitado com honestidade e inteligência. Caso não nos seja possível, com certeza, o amigo médium estabelecerá contato com outro grupo. Acreditamos que sem resposta as perguntas não ficarão. Muito obrigado. Que Deus nos abençoe!

Indaiatuba, de 18.03 a 15.05.97.

OBRAS DE REFERÊNCIA

- — **A Bíblia Sagrada. Antigo e Novo Testamento.**
Trad. de João Ferreira de Almeida. [s. ed.] Rio, Sociedade
Bíblica do Brasil [1959].
- FRANCO, Divaldo Pereira — **Rumo às Estrelas.** Trad. De Wilson
Frugilo Jr. 1.^a ed., Araras, IDE, 1992.
- GELEY, Gustave — **O Ser Subconsciente.** Trad. de Gilberto Campista
Guarino. 1.^a ed., Rio, F.E.B. [1975].
- KARDEC, Allan — **O Livro dos Espíritos.** Trad. de Wladimir Olivier
(inédita).
- — **O Livro dos Médiuns.** Trad. de Wladimir Olivier
(inédita).
- — **O Evangelho Segundo o Espiritismo.** Trad. de
Wladimir Olivier. 1.^a ed., São Paulo, ARC Editora, 2003.
- — **A Gênese, os Milagres e as Predições Segundo o
Espiritismo.** Trad. de Wladimir Olivier (inédita).
- — **Revista Espírita. Jornal de Estudos Psicológicos.**
Trad. de Júlio Abreu Filho. [s. ed.], São Paulo, EDICEL [s.d.] 12
vols.
- MAES, Hercílio — **A Vida Humana e o Espírito Imortal, por Ramatis.**
3.^a ed., Rio, Freitas Bastos, 1976.
- RIZZINI, Jorge — **Antologia do Mais Além.** 1.^a ed., São Paulo, L.A.K.E.,
1973.
- TAVARES, Clóvis — **Mediunidade dos Santos.** 2.^a ed., Araras, IDE,
1988.
- VIEIRA, Waldo — **Sol nas Almas, pelo Espírito de André Luiz.** 8.^a ed.,
Uberaba, Comunhão Espírita Cristã [1990].
- XAVIER, Francisco Cândido — **Missionários da Luz, pelo Espírito
André Luiz.** 24.^a ed., Rio, F.E.B. [1993].

- — **Vinha de Luz, pelo Espírito Emmanuel.** 11.^a ed., Rio, F.E.B. [1990].
- — **Paulo e Estêvão, pelo Espírito Emmanuel.** 13.^a ed., Rio, F.E.B. [1977].
- — **O Consolador, ditado pelo Espírito de Emmanuel.** 4.^a ed., Rio, F.E.B. [1959].
- XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo — **Evolução em Dois Mundos, ditado pelo Espírito André Luiz.** 3.^a ed., Rio, F.E.B. [1971].
- XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo — **Mecanismos da Mediunidade, pelo Espírito de André Luiz.** 3.^a ed., Rio, F.E.B. [1970].